

Amoris Laetitia e a 'ética do possível'



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS



CAPES

Nº 483 | Ano XVI
18/04/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Limites e possibilidades de um documento sobre 'a família', hoje

Giannino Piana: *A preocupação pastoral no tratamento das diferenças*

Ivone Gebara: *A Igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família*

Andrea Grillo: *Amoris Laetitia e a superação de contraposições estéreis*

Todd A. Salzman e Michael G. Lawler:
Sinalização do início de abertura na Igreja

Fabio Querido:
O Marxismo oxigenado e a manutenção de sua radicalidade emancipatória

Francisco Guimaraens:
Debater o poder constituinte é mirar a história e o devir da democracia

Amoris Laetitia e a ‘ética do possível’. Limites e possibilidades de um documento sobre ‘a família’, hoje

Após dois anos de intenso debate, que também foi tenso, o papa Francisco publicou no dia 08 de abril, a Exortação Apostólica Amoris Laetitia. Sobre amor na família.

O documento foi amplamente debatido, comentado, enaltecido por uns, e criticado, dura ou suavemente, por outros, nas Notícias do Dia, diariamente atualizadas e publicadas pela página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e agora é discutido nas páginas da presente edição da revista IHU On-Line. Pesquisadores e pesquisadoras, do Brasil e do exterior, participam deste painel sobre o texto.

Para o professor de Ética Cristã na Universidade Livre de Urbino, o italiano **Giannino Piana**, Amoris Laetitia tem uma marca pessoal de Francisco: a sua preocupação pastoral, que no documento se manifesta no tratamento das diferenças.

A teóloga brasileira **Ivone Gebara** não esconde sua decepção com a Exortação Apostólica. Para ela, o documento não rompe com velhas perspectivas e ainda reforça um mundo ideal distante do mundo de hoje. Segundo ela, trata-se de um documento que é espelho de uma Igreja solteira, masculina e hierárquica.

Andrea Grillo, teólogo leigo italiano, casado, pai de dois filhos, entende que a exortação não se propõe a quebras ou mudanças de rumo das “leis” católicas. Para ele, é uma tentativa de solucionar as contraposições de visões que geram conflitos na Igreja. Defensor das pautas LGBT, o diretor executivo do New Ways Ministry, **Francis DeBernardo** analisa que a Igreja continua tratando de forma obscura a realidade desse grupo e de simpatizantes do movimento. Ele não reconhece o papa Francisco acolher o documento.

Massimo Faggioli, professor de História, italiano radicado nos EUA, analisa Amoris Laetitia como um marco pós-Vaticano II. Para ele, o Papa sinaliza disposição para o diálogo com os religiosos e a sociedade.

Para **Márcio Fabri dos Anjos**, secretário da Sociedade Brasileira de Bioética, a Exortação Apostólica não terá o papel de marco, mas de mediador na superação das tensões que envolvem aspectos doutrinários na Igreja.

Cesar Kuzma, teólogo, casado, pais de dois filhos, professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, vê o documento como resultado de uma etapa, mas não o fim de um percurso que pode se abrir para um novo tempo.

O historiador **Sérgio Coutinho**, reflete sobre a recepção do documento na Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, realizada agora em abril.

Por sua vez **Todd A. Salzman** e **Michael G. Lawler**, professores do departamento de Teologia da Universidade de Creighton, nos Estados Unidos, autores do importante livro A Pessoa Sexual, constatarem que “nem todo o mundo ficará contente com o documento”, mas trata-se de “um documento que colocará o ensinamento católico sobre o matrimônio mais uma vez na linha de frente de qualquer discussão sobre o matrimônio”.

Também podem ser lidos o artigo A dimensão estratégica internacional do ‘golpe’ branco sendo aplicado no Brasil de **Bruno Lima Rocha**, professor de Ciência Política e Relações Internacionais, a entrevista com **Francisco de Guimarães**, professor da PUC-Rio, sobre o poder e o sujeito constituinte, uma síntese da ampla entrevista concedida por **Bernardo Gutiérrez**, jornalista, escritor e pesquisador hispano-brasileiro, e a apresentação do livro de **Fabio Mascaro Querido** intitulado Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade (Boitempo, 2016).

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Lateral dos muros do Vaticano
Foto: Leo Hidalgo/Flickr - Cretive Commons

IHU ON-LINE

A IHU On-Line é a revista do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é *copyleft*.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS

(joavvs@unisinos.br)

Leslie Chaves - MTB 12.415/RS

(leslies@unisinos.br)

Márcia Junges - MTB 9.447/RS

(mjunges@unisinos.br)

Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS

(prfachin@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico

Ricardo Machado

Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128

e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling

Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Estante - Fabio Mascaro Querido: O Marxismo oxigenado e a manutenção de sua radicalidade emancipatória
- 15 Cobertura de Evento - Mesa *Laudato Si'*: *Laudato Si'* e a escuta do saber
- 17 Cobertura de Evento - Mesa *Laudato Si'*: O holocausto dos animais
- 20 Cobertura de Evento - André Furtado: As novas lutas dos trabalhadores na fronteira da tecnologia. Uma releitura sobre o pensamento de Celso Furtado
- 22 Evento - Cristiane Fensterseifer Brodbeck: Reconhecer a natureza presente nos caminhos do cotidiano

Tema de Capa

- 26 Baú IHU On-Line - *Amoris Laetitia*
- 27 Todd A. Salzman e Michael G. Lawler: Sinalização do início de abertura na Igreja
- 32 Giannino Piana: A preocupação pastoral no tratamento das diferenças
- 35 Ivone Gebara: A Igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família
- 40 Andrea Grillo: *Amoris laetitia* e a superação de contraposições estéreis
- 44 Francis DeBernardo: Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato
- 47 Massimo Faggioli: Um marco para a Igreja pós-Vaticano II
- 49 Márcio Fabri dos Anjos: *Amoris Laetitia*. Aposto nos fieis como sujeitos conscientes e responsáveis por suas situações de vida familiar e conjugal
- 53 Cesar Kuzma: Misericórdia e amor. '*Amoris Laetitia*' como ponto de partida e não somente de chegada
- 58 Sérgio Coutinho: *Amoris Laetitia* e a crise política brasileira na 54ª Assembleia da CNBB

IHU em Revista

- 68 Agenda de Eventos
- 71 Brasil em Foco - Bernardo Gutiérrez: O momento político atual do Brasil e as esquerdas latinoamericanas hoje
- 74 Francisco de Guimaraens: Debater o poder constituinte é mirar a história e o devir da democracia
- 80 #Crítica Internacional - Bruno Lima Rocha: A dimensão estratégica internacional do "golpe" branco sendo aplicado no Brasil
- 82 Publicações
- 83 Retrovisor

Implicações ético-políticas do cristianismo
na filosofia de M. Foucault e G. Agamben.
Governamentalidade, economia política,
messianismo e democracia de massas



16 de março a 22 de junho de 2016

Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS

ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 11-04-2016 e 18-04-2016 no sítio do IHU.

A admissibilidade do impeachment e a continuidade da crise política

Entrevista com Rudá Ricci, graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição, professor do curso de mestrado em Direito e Desenvolvimento Sustentável da Escola Superior Dom Helder Câmara.

Publicada em 18-04-2016

Disponível em <http://bit.ly/23ScRo3>

“A aprovação do processo de impeachment pelo plenário da Câmara de Deputados, de um lado, foi surpreendente pela diferença não prevista em nenhuma listagem produzida pela imprensa e pelos dois blocos políticos (pró e contra o impeachment). A diferença sempre girou ao redor de 5 votos. Mas, por outro, reafirmou o que já se afirma há tempos sobre a atual legislatura, formada por políticos sem estatura para pensar o país”, diz Rudá Ricci à **IHU On-Line**, ao comentar a admissibilidade do processo de impeachment da presidente Dilma na Câmara dos Deputados na noite de domingo, 17-04.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

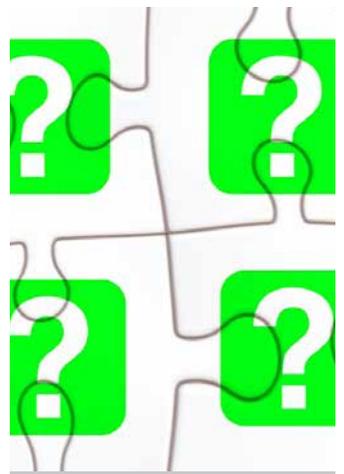
O meio ambiente como uma não-questão e a gestão ambiental no ABC paulista.

Entrevista com Maurício Waldman, graduado em Sociologia, com mestrado em Antropologia e doutorado em Geografia pela Universidade de São Paulo - USP.

Publicada em 15-04-2016

Disponível em <http://bit.ly/1XzyWnv>

Entre as críticas feitas à esquerda brasileira, e especialmente ao PT, que está à frente da presidência na última década e meia, destaca-se a de não compreender as questões ambientais que estão em jogo nas decisões políticas. Assumindo esse tema como mote de seu novo livro, intitulado “A Tragédia dos Mananciais do Grande ABC: A Destruição da Represa Billings e das Águas Doces no Berço do Partido dos Trabalhadores”, Maurício Waldman, conhecido por suas pesquisas e militância em defesa do meio ambiente, comenta a gestão ambiental na região do ABC paulista nas últimas décadas.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

O discurso fascista e a negação da política.

Entrevista com André Calixtre, graduado em Ciências Econômicas e mestre em Economia Social e do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é técnico de Planejamento e Pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA.

Publicada em 12-04-2016

Disponível em <http://bit.ly/1SjKuwV>

A crise política é consequência da incapacidade do sistema político de “dar vazão” às novas demandas que emergiram em junho de 2013 e de “oferecer uma saída para os avanços que esse sistema proporcionou desde a redemocratização, no sentido de abrir uma nova fase de avanços de direitos”, pontua André Calixtre na entrevista, concedida à IHU On-Line por telefone na última sexta-feira (08-04-2016). Contrário à possibilidade de eleições gerais para solucionar a atual crise política, Calixtre explica que a antecipação do pleito “será extremamente perigosa para a transição democrática que estamos vivendo, porque estamos saindo de uma democracia financiada pelas empresas para uma democracia financiada pelas pessoas”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A política está pautando o judiciário, e não o contrário

Entrevista especial com André Duarte, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Paraná - UFP. É autor de *Vidas em Risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault* (RJ: GEN/Forense Universitária, 2010); *O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt* (RJ: Paz e Terra, 2000).

Publicada em 11-04-2016

Disponível em <http://bit.ly/1XzBiCM>

A tese de que a política está subordinada ao judiciário, que ficou conhecida como “judicialização”, não é “suficiente para abordar o pedido de impeachment da Presidenta Dilma, pois dá a entender que a política está sendo subordinada a argumentos de caráter estritamente jurídico, quando me parece que é o contrário: o que está acontecendo agora no país é que a política está pautando o direito e o próprio judiciário”, argumenta André Duarte à IHU On-Line, na entrevista concedida por e-mail. De acordo com o filósofo, apesar de o impeachment ser um “dispositivo constitucional”, está “evidente” que o pedido de afastamento da presidente da República “baseia-se em argumentos jurídicos bastante pobres, carecendo de provas cabais e contundentes de que ela tenha cometido crimes de responsabilidade, como requer a Lei do Impeachment”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Ciclo de estudos em EAD

Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.
Uma análise da narrativa de Marcos

14/03 a 08/05/2016

Inscrições e informações
www.ihu.unisinos.br

Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 11-04-2016 e 15-04-2016, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

58% da população acredita que impeachment não é solução para o país

Para 58% dos brasileiros, o impeachment da presidente Dilma Rousseff não irá resolver os problemas econômicos e políticos do país, e apenas 35% acreditam que a cassação do mandato da presidente pode solucionar estes problemas. Segundo pesquisa CUT/Vox Populi, embora 57% sejam favoráveis ao impeachment, 50% acham que a oposição está sendo oportunista. O vice-presidente Michel Temer é avaliado negativamente por 61% dos entrevistados, e 49% deles acreditam que o processo de impedimento é uma vingança do deputado Eduardo Cunha.

A informação é publicada por Central Única dos Trabalhadores - CUT e reproduzida por Jornal GGN, em 15-04-2016.

Para a grande maioria dos brasileiros (58%), o Golpe de Estado em curso no Brasil não é a solução para os problemas econômicos e políticos do país. Apenas 35% acham a cassação do mandato da presidenta Dilma Rousseff resolve os problemas.

Leia mais em <http://bit.ly/1XzBiCM>

Papa Francisco no olho do furacão: sobre a família, com as mãos atadas pelos bispos

Como prossegue o caminho de Francisco? A recente exortação pós-sinodal traz o ar fresco da realidade na concepção católica da família, expressa uma linguagem e uma abordagem pastoral novas, convidando a olhar para as pessoas e para as situações na sua concretude, reitera a visão de Igreja de Francisco como uma comunidade que consola, acompanha e acolhe os homens e as mulheres do século XXI.

A reportagem é de Marco Politi, publicada no jornal Il Fatto Quotidiano, 12-04-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Mas a *Amoris laetitia* é um ato papal de governo e de direcionamento, que também deve ser medido pelo modo em que reflete os equilíbrios internos de um órgão complexo como a Igreja. Os sinais das freadas impostas são vistosos. Só o fato de que em nenhum lugar se cite o termo "comunhão aos divorciados recasados" é eloquente

Leia mais em <http://bit.ly/23GN0ma>

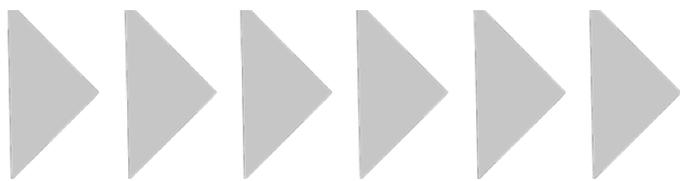
Hidrelétricas na Amazônia: um mau negócio

A construção de grandes hidrelétricas na Amazônia tem sido apresentada como indispensável para garantir o crescimento do país. No entanto, exemplos recentes de instalação dessas usinas na maior floresta tropical do mundo estão mostrando que, na realidade, elas não passam de uma falsa solução - e estão longe de ser limpas ou sustentáveis.

A reportagem foi publicada por Greenpeace Brasil, em 13-04-2016.

Atropelamento de direitos humanos, impactos profundos na biodiversidade e nas comunidades tradicionais, violação de leis e acordos internacionais e denúncias de corrupção generalizada (como se viu a partir de depoimentos da Operação Lava Jato sobre a usina de Belo Monte, no Rio Xingu) são alguns exemplos que têm caracterizado a construção de hidrelétricas na região. Além de todos esses problemas, as usinas emitem quantidades consideráveis de gases de efeito estufa como resultado da degradação da vegetação alagada e do solo.

Leia mais em <http://bit.ly/1SbHTjg>



Vale o vazado? Temer imporia ‘muitos sacrifícios’ e calaria sobre corrupção

No ensaio de discurso para a eventual iminência de se tornar presidente da República, Michel Temer pronunciou três vezes a palavra “sacrifícios”. “Muitos sacrifícios”, enfatizou, na gravação distribuída por celular. É o cenário que espera os brasileiros caso Dilma Rousseff venha a ser deposta por meio de impeachment.

O comentário é de Mário Magalhães, jornalista, publicado por Portal UOL, em 12-04-2016.

Sabe quantas vezes apareceu a palavra “corrupção” no áudio? Nenhuma. Se vale o vazado, um possível governo Temer sacrificaria a vida dos cidadãos, como sempre, sofreriam mais os mais pobres. E deixaria para trás o tema da corrupção. Mais propriamente, o combate a ela. Num aspecto, o dos sacrifícios, inexistiria maior novidade em relação ao segundo mandato de Dilma (Dilma-Temer, a rigor). A presidente impõe sacrifícios a quem, por 12 anos (2003-2014), conseguiu amenizar a miséria e a pobreza atávicas.

Leia mais em <http://bit.ly/1quHNMn>

Mamãe não é golpista ou Carta de um ativista à esquerda brasileira

“Criatividade para expandir o campo de influência, ampliar as possibilidades de ação, afetar o (a) outro (a) e deixar-se afetar. Criatividade tem tudo a ver com subjetividade. É exatamente no campo das subjetividades que estamos perdendo de lavada daquele 1%”, escreve Joviano Mayer, militante das Brigadas Populares, advogado popular do Coletivo Margarida Alves e ator do Núcleo de Teatro do Espaço Comum Luiz Estrela.

Eis o artigo.

Querida Esquerda,

Vivemos tempos complexos, futuro incerto, sentimento de angústia e mal estar generalizado. Fantasmas do passado voltam a nos assombrar. Mas a conjuntura está em aberto. Acertar nas apostas políticas de hoje pode amanhã nos tirar dessa incômoda posição coadjuvante. Independente do resultado final da votação no congresso nacional, o que podemos extrair de aprendizado disso tudo?

Leia mais em <http://bit.ly/23GN7hC>

Timoty Radcliffe: “Buscar a verdade é um ato de amor para chegar àqueles que são diferentes e distintos de nós”

A verdade é um ato de amor que deve chegar aos que são diferentes. Começou nesta manhã (13-04-2016), no edifício histórico da Universidade de Salamanca, o Congresso “Alma Mater, a Universidade ontem e hoje. 800 anos dos Dominicanos e as universidades”. O ato inaugural foi presidido pelo reitor da Universidade de Salamanca, senhor Daniel Hernández Rupérez, que recordou a vinculação da Universidade com a Ordem dos Pregadores e pelo prior provincial da Província Hispânica frei Jesús Díaz Sariego. Foi o próprio prior quem realizou a apresentação do primeiro conferencista, frei Timothy Radcliffe, diretor do Instituto de Las Casas de Blackfriars, Oxford, ex-mestre da ordem dos pregadores.

A reportagem é de Juan Antonio Mateos Pérez, publicada por Religión Digital, 09-04-2016. A tradução é do Cepat.

Frei Timothy intitulou sua exposição ‘A Universidade e sua função social em seus inícios e hoje’. Partindo de sua experiência pessoal, situou o lema da Ordem “Veritas” no eixo de sua exposição, alternando e interagindo, de forma conjunta, a verdade como experiência profética e como tarefa da razão e conhecimento a partir do estudo e docência.

Leia mais em <http://bit.ly/1QhqZNN>

ESTANTE

O Marxismo oxigenado e a manutenção de sua radicalidade emancipatória

Para Fabio Mascaro Querido, as contribuições de Michael Löwy atualizam o pensamento marxista e reposicionam a crítica ao capitalismo na contemporaneidade

Por Leslie Chaves

O capitalismo sofreu diversas mutações ao longo dos séculos, aperfeiçoando seus modos de operação e aumentando as desigualdades sociais, através de novas ferramentas para continuar se desenvolvendo e se manter como paradigma de organização da sociedade. Assim, as críticas a esse sistema também precisam acompanhar essas mutações para continuar dando conta de interpretar a complexidade do cenário presente. Como explica o cientista social Fabio Mascaro Querido, “debater o marxismo no século XXI significa debater não apenas a melhor forma de criticar e superar o capitalismo ainda existente, senão também o próprio estatuto de uma teoria crítica do capitalismo nos tempos atuais”.

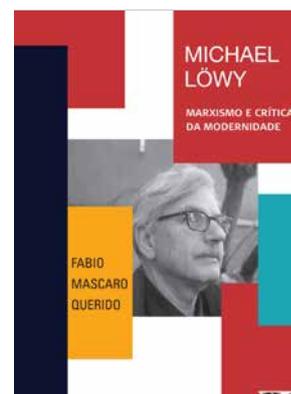
Nesse sentido, em seu livro mais recente, o estudioso faz uma análise do percurso intelectual de Michael Löwy, importante sociólogo brasileiro de origem judaica, radicado em Paris desde os anos 1960, onde desenvolveu uma vasta obra acerca do marxismo. A partir de suas análises para a escritura de *Michael Löwy: marxismo e crítica da modernidade* (São Paulo: Boitempo, 2016), Fabio Querido infere que “uma das principais características da traje-

tória e do pensamento de Michael Löwy é exatamente a tentativa de atualizar o marxismo à luz das configurações societárias contemporâneas”.

Segundo Querido, a atualidade das reflexões de Löwy se mantém pela “fidelidade ao impulso crítico-revolucionário original do marxismo e, simultaneamente, na afirmação enfática da necessidade de renovar seu arsenal político-intelectual, condição para a manutenção de sua radicalidade emancipatória”.

Fabio Mascaro Querido é graduado em Ciências Sociais e mestre em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Unesp. Também é doutor em Sociologia, pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, com estágio doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, na França. É colaborador da revista Margem Esquerda, publicada semestralmente pela editora Boitempo.

Confira a entrevista.



Michael Löwy: *Marxismo e crítica da modernidade* (São Paulo, Boitempo, 2016)
Autor: Fabio Mascaro Querido

IHU On-Line - Qual a importância de se debater o marxismo no século XXI?

Fabio Mascaro Querido - Desde os seus primórdios, o marxismo projetou-se como uma teoria

crítica do capitalismo, uma nova visão de mundo constituída em oposição à modernidade capitalista, com a qual sempre manteve uma relação ambígua: ao mesmo tempo em que saudava os avanços

possibilitados pela modernização capitalista, Marx¹ sublinhava a di-

¹ **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência

mensão potencialmente destrutiva desse desenvolvimento, apontando a necessidade de uma forma alternativa de modernidade para cuja emergência seria preciso uma subversão revolucionária da ordem social estabelecida, e na qual as alienações provocadas pela forma-mercadoria cederiam espaço ao controle humano sobre a satisfação das necessidades democraticamente estabelecidas.

Deste ponto de vista, o marxismo continua atual, enquanto uma espécie de espectro - tal qual os próprios Marx e Engels² designaram o comunismo em 1848 - que acompanha criticamente o capitalismo como uma sombra projetada, por assim dizer. Mas essa atualidade depende da sua capacidade de se repensar, sem medo das autocríticas necessárias, diante dos novos desafios impostos pela etapa contemporânea do capitalismo, a qual, embora ainda capitalista, já não se realiza exatamente da mesma forma em que se reproduzia nos tempos de Marx, de Rosa³

sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da **IHU On-Line**, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da **IHU On-Line**, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Friedrich Engels** (1820-1895): filósofo alemão que, junto com Karl Marx, fundou o chamado socialismo científico ou comunismo. Ele foi coautor de diversas obras com Marx, e entre as mais conhecidas destacam-se *o Manifesto Comunista* e *O Capital*. Grande companheiro intelectual de Karl Marx, escreveu livros de profunda análise social. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Rosa Luxemburgo** (1870-1919): filósofa marxista e revolucionária polonesa. Participou na fundação do grupo de tendência marxista que viria a tornar-se, mais tarde, o Partido Comunista Alemão. (Nota da **IHU On-Line**)

e Lênin⁴, ou mesmo de Lukács⁵ e Benjamin⁶.

Por isso mesmo, debater o marxismo no século XXI significa debater não apenas a melhor forma de criticar e superar o capitalismo ainda existente, senão também o próprio estatuto de uma teoria crítica do capitalismo nos tempos atuais. Pode-se dizer que este é um dos núcleos do pensamento contemporâneo de um intelectual como Michael Löwy: fidelidade ao impulso crítico-revolucionário original do marxismo e, simultaneamente, a afirmação enfática da necessidade de renovar seu arsenal político-intelectual, condição para a manutenção de sua radicalidade emancipatória.

IHU On-Line - Do pensamento de Michael Löwy, que elementos você destacaria como mais importantes para a interpretação das transformações da sociedade contemporânea, como o desenvolvimento do capitalismo e a emergência de novos movimentos sociais? Por quê?

Fabio Mascaro Querido - Uma das principais características da trajetória e do pensamento de Michael Löwy é exatamente esta

4 **Lênin** [Vladimir Ilyitch Lenin ou Lénine] (1870-1924): originariamente chamado de Vladimir Ilyitch Uliânov. Revolucionário russo, responsável em grande parte pela execução da Revolução Russa de 1917, líder do Partido Comunista e primeiro presidente do Conselho dos Comissários do Povo da União Soviética. Influenciou teoricamente os partidos comunistas de todo o mundo. Suas contribuições resultaram na criação de uma corrente teórica denominada leninismo. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **György Lukács** - ou Georg Lukács (1885-1971): foi um filósofo húngaro de grande importância no cenário intelectual do século XX. Segundo Lucien Goldmann, Lukács reze, em sua acidentada trajetória, o percurso da filosofia clássica alemã: inicialmente um crítico influenciado por Kant, depois o encontro com Hegel e finalmente, a adesão ao marxismo. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Um dos principais pensadores da Escola de Frankfurt. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

tentativa de atualizar o marxismo à luz das configurações societárias contemporâneas. Não por acaso, ele não hesitou em demonstrar interesse e em valorizar - sem as pressuposições "ortodoxas" da tradição política (trotskista⁷) à qual se filiava - as potencialidades emancipatórias de alguns dos novos movimentos sociais.

Em particular nas últimas duas ou três décadas, Löwy dedicou especial atenção à reflexão sobre as articulações possíveis entre esses "novos" movimentos sociais e a perspectiva anticapitalista revolucionária "clássica", enfatizando a necessidade de uma alternativa antissistêmica global à civilização capitalista. No pensamento de Walter Benjamin (1892-1940), com o qual retomou contato por volta de 1979, Löwy encontrou subsídios para confrontar de modo crítico e atualizador essa situação: na noção benjaminiana de "oprimidos", por exemplo, como tento mostrar no livro, ele visualizou uma saída possível para este desafio que se impunha, uma vez que esta comporta não apenas o proletariado, mas sim o conjunto das classes subalternas e dos grupos sociais atingidos pela "tempestade" do progresso capitalista, dentre os quais exatamente aqueles que compõem a base de muitos dos movimentos sociais contemporâneos.

Para Löwy, tais questões se apresentam em todas as suas consequências na América Latina contemporânea, onde a resistência ao que David Harvey denominou "acumulação por despossessão" constitui um dos núcleos dos principais movimentos sociais - movimentos que, por isso mesmo, acabaram por se colocar em oposição à lógica da mercantilização capitalista-

7 **Leon Davidovich Trotsky** (1870-1940): revolucionário bolchevista e intelectual marxista, político influente na União Soviética. Com Joseph Stalin, na União Soviética dos anos 1920, foi expulso do Partido Comunista e deportado da União Soviética. Foi assassinado no México por um agente soviético a mando de Stalin. Frida Kahlo e Diego Rivera hospedaram Trotsky em sua estadia no México. As ideias de Trotsky constituem a base da teoria comunista do trotskismo. (Nota da **IHU On-Line**)

-moderna. Nesse processo, é a própria crítica do capitalismo que se vê instada a se repensar a partir da experiência daqueles e daquelas que resistem ao sistema na prática, apreendendo, assim, deste ponto de vista (isto é, do ponto de vista dos “oprimidos”, sob pena de certa indulgência), as “transformações da sociedade contemporânea”, conforme os termos da questão.

IHU On-Line - Como as reflexões de Michael Löwy acerca do marxismo contribuem para a construção do cenário brasileiro de estudos da filosofia e das ciências sociais?

Fabio Mascaro Querido - Ademais da influência política que sempre exerceu por aqui, Michael Löwy constituiu-se em inspiração teórico-conceitual para diversos estudos no campo das ciências humanas no Brasil. Pode-se mencionar, por exemplo, a forma como um sociólogo como Marcelo Ridenti⁸ utilizou de forma criativa a noção de romantismo revolucionário - desenvolvida por Löwy - para pensar os movimentos culturais e políticos das décadas de 1950 e 1960, movimentos cujas utopias de futuro (de uma modernidade alternativa) ancoravam-se numa visão do que seria, de fato, o povo “autêntico”, geralmente localizado em um passado ainda não impregnado pelas alienações “moderno-capitalistas”. No âmbito da sociologia e da história da cultura brasileira, os estudos de Ridenti tornaram-se uma referência inescapável para os trabalhos posteriores sobre as manifestações socioculturais de esquerda no Brasil.

Na filosofia, pode-se destacar a inspiração de Löwy nas análises de Isabel Loureiro⁹ sobre a evolução

⁸ **Marcelo Ridenti**: cientista social brasileiro. É professor titular de Sociologia na Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. (Nota da **IHU On-Line**)

⁹ **Isabel Loureiro**: possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (1974), mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1984) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1992). Atualmente é presidente do Instituto Rosa Luxemburg Stiftung em São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase

do pensamento político de Rosa Luxemburgo à luz da teoria da práxis e da ideia de autoemancipação dos trabalhadores e oprimidos, ou ainda, em suas reflexões em torno da necessidade de uma renovação ecológica substantiva do marxismo, reflexões influenciadas pela crítica benjaminiano-löwyana, digamos assim, do progresso, à qual ela articula a “grande recusa” marcuseana¹⁰ do “fetichismo das forças produtivas”. Mais recentemente, o próprio pensamento de Michael Löwy transformou-se, mais do que inspiração para trabalhos sobre temas dos mais variados, em “objeto” de estudo, talvez legitimado pela forma com que testemunhou - e buscou extrair lições - as transformações no campo intelectual francês e, por consequência, brasileiro, nas últimas cinco ou seis décadas.

IHU On-Line - Você afirma que a partir da análise da obra e da trajetória de Michael Löwy, o autor assume múltiplas facetas ao refletir sobre diferentes temas. Que perspectivas você aponta como as mais marcantes?

Fabio Mascaro Querido - Para Michael Löwy, mais do que um sistema filosófico “fechado” e imutável, o marxismo constitui uma teoria “aberta” cuja crítica da modernidade capitalista pode - e deve - dialogar com as mais diferentes formas de crítica do capitalismo. Trata-se, para ele, de uma condição para a oxigenação permanente do marxismo, da qual depende sua capacidade de estar à altura dos novos dilemas impostos à crítica do capitalismo no mundo contemporâneo - quando, como afirmou certa vez o crítico cultural norte-

se na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, atuando principalmente nos seguintes temas: marxismo, Rosa Luxemburg, Herbert Marcuse, democracia e socialismo. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁰ **Herbert Marcuse** (1898-1979): sociólogo alemão naturalizado estadunidense, membro da Escola de Frankfurt. Estudou Filosofia em Berlim e Freiburg, onde conheceu os filósofos e professores Husserl e Heidegger e se doutorou com a tese *Romance de artista*. Algumas de suas obras: *Razão e Revolução*, *Eros e Civilização*, *O Homem Unidimensional*. (Nota da **IHU On-Line**)

-americano Fredric Jameson¹¹, parece mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo e sua substituição por outro sistema social.

É nesse contexto que se pode compreender a sua tentativa de assumir múltiplas facetas a fim de refletir sobre os mais variados temas, tarefa que ele vê como um esforço necessário para a readequação crítico-dialética do marxismo. Pode-se destacar, a este respeito, a sua busca incessante pelas “afinidades eletivas” (conceito que ele retoma, de modo inventivo, de Goethe¹² e Weber¹³) entre formas distintas e às vezes originalmente opostas de crítica social, política ou cultural da modernidade capita-

¹¹ **Fredric Jameson** (1934): nascido em Cleveland, Ohio (EUA) é um crítico literário e teórico marxista, conhecido por sua análise da cultura contemporânea e da pós-modernidade. Entre seus livros mais importantes estão *Pós-Modernidade: a lógica cultural do capitalismo tardio* (São Paulo: Ática, 1996), *O Inconsciente político e Marxismo e Forma* (São Paulo: Ática, 1992). Atualmente Jameson trabalha na Duke University, em literatura comparada e romance. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): foi um autor e estadista alemão que também fez incursões pelo campo da ciência natural. Goethe também era formado em Direito e chegou a atuar como advogado por pouco tempo. Como sua paixão era a literatura, resolveu dedicar-se a esta área. Fez parte de dois movimentos literários importantes: romantismo e expressionismo. Como escritor, Goethe foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e juntamente com Friedrich Schiller, foi um dos líderes do movimento literário romântico alemão Sturm und Drang. Apresentou ainda um grande interesse pela pintura e desenho. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o espírito do capitalismo* (Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. Cem anos depois, a **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua 101ª edição, de 17-05-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon101>. De Max Weber o **IHU** publicou **Cadernos IHU em formação** nº 3, em 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*, disponível em <http://bit.ly/ihuem03>. Em 10-11-2005, o professor Antônio Flávio Pierucci ministrou a conferência de encerramento do I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia, promovido pelo **IHU**, intitulada *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo*. (Nota da **IHU On-Line**)

lista, como se se tratasse de buscar as manifestações de esperança onde quer que (e como) elas apareçam, tal qual sugeria Ernst Bloch¹⁴.

Tudo se passa como se, para Löwy, conforme observou certa vez um dos seus mais brilhantes alunos (o italiano Enzo Traverso), a dialética fosse uma “esponja” capaz de tudo absorver e redirecionar num outro sentido, emancipatório. Ao crítico caberia, portanto, como dissera Walter Benjamin em sua tese de doutorado sobre o conceito de crítica de arte no romantismo alemão, mais do que demolir o argumento do adversário, dele extrair aqueles aspectos que, redimensionados em outro contexto, podem ajudar na tarefa permanente de manter revitalizado o pensamento transformador, anticapitalista ou emancipatório, como quisermos.

IHU On-Line - De que modo Michael Löwy combina diferentes perspectivas teóricas e políticas para compor seu pensamento acerca do marxismo e da defesa da atualização desse paradigma?

Fabio Mascaro Querido - No projeto inacabado das *Passagens*, Walter Benjamin argumentou que o principal conceito que distingue o marxismo do pensamento burguês não é a crença no Progresso (com P maiúsculo), mas sim a “atualização”. Desde o final da década de 1970, em meio ao declínio do marxismo e da esquerda política na Europa, em particular na França, Michael Löwy segue à risca esse preceito benjaminiano, almejando reinterpretar o marxismo a partir das condições de possibilidade do presente. O diálogo franco e aberto com as mais variadas formas de crítica da modernidade (do romantismo às utopias religiosas, de

¹⁴ **Ernst Bloch** (1885-1977): filósofo alemão marxista heterodoxo, que construiu vasta obra que ressalta o papel da utopia na história do homem. Seu livro *O Princípio Esperança* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005), foi destacado na editoria Livro da Semana da 151ª edição da revista **IHU On-Line**, de 15-08-2005, com a realização de duas entrevistas sobre a obra: uma com o tradutor do livro, Nélio Schneider, e outra com o professor da UFRGS, Edson Sousa. (Nota da **IHU On-Line**)

Weber e sua “gaiola de aço” aos ecologistas radicais) constitui, na perspectiva de Löwy, um estímulo à oxigenação do marxismo, instado a se repensar enquanto teoria crítica do capitalismo, e não uma recaída no ecletismo, como acreditam muitos.

Aliás, trata-se até mesmo, para ele, de uma precondição para a renovação de uma teoria (o marxismo) que, em que pese a autonomia relativa da sua elaboração propriamente conceitual, deve sua fonte originária, digamos assim, bem como sua razão última de ser, à crítica política do capitalismo.

“ Löwy buscou se reposicionar em meio às transformações das sociedades contemporâneas

IHU On-Line - Diante do contexto de debates a respeito da crise ecológica no mundo, que papel assume a perspectiva do ecossocialismo defendida por Michael Löwy?

Fabio Mascaro Querido - Em larga medida, a adesão à perspectiva ecossocialista constitui um desdobramento, em Löwy, de sua incorporação da crítica benjaminiana do progresso, assim como de sua valorização das mais diferentes formas de crítica da modernidade capitalista. Mas, ao mesmo tempo, trata-se de aspecto eminentemente atual, por meio do qual Michael Löwy almeja estabelecer pontes com as novas gerações intelectuais e militantes, assim como com as críticas “ecológicas” de aspectos do capitalismo.

Desde 2001, quando foi um dos redatores - ao lado de Joel Kovel¹⁵

¹⁵ **Joel Kovel** (1936): é um estudioso e escritor norte-americano nascido no Brooklyn,

- do primeiro “Manifesto Ecosocialista Internacional”, Michael Löwy tornou-se um dos principais responsáveis pela reativação dos debates ecossocialistas especialmente no Brasil e na França (mas não só), propondo uma articulação entre as críticas social e ecológica ao capitalismo, compreendido como verdadeiro responsável pela crise civilizatória que se vive.

Diante da enorme profusão de movimentos e perspectivas ecológicas, a perspectiva ecossocialista, tal como concebida por Löwy, distingue-se assim por esta tentativa de articular a crítica ecológica ao produtivismo à crítica anticapitalista da modernidade, num processo em que ambas as perspectivas (a “ecológica” e a “social”) se inspiram reciprocamente: a primeira, a crítica ecológica, ensinando à segunda a importância fundamental de se lutar por outra forma de regulação da relação entre homens e natureza. A segunda, a crítica social, revelando à primeira que o questionamento consequente do produtivismo leva necessariamente ao questionamento do conjunto da lógica civilizatória capitalista-moderna (lógica esta assumida, em seus preceitos básicos, pelo “socialismo” burocrático do leste europeu). Para Michael Löwy, além de romântico-revolucionária, a utopia do século XXI será ecossocialista ou não será!

IHU On-Line - Como um brasileiro radicado há muitos anos na França, de que modo Michael Löwy tem interpretado o contexto social, econômico e político brasileiro? É possível depreender seu olhar a partir de suas obras?

Fabio Mascaro Querido - Embora tendo se estabelecido na França desde o final da década de 1970 -

New York, em uma família judia imigrante. Ele recebeu seu BS Summa cum laude, equivalente à licenciatura plena em ciências, pela Universidade de Yale, em 1957. Em 1961, ele recebeu seu MD, equivalente à graduação em medicina, da University College Columbia de Médicos e Cirurgiões e em 1977 era um graduado do Instituto de Psicanálise, Downstate Medical Institute Center, Brooklyn, New York. (Nota da **IHU On-Line**)

após um período em que viveu em Israel e na Inglaterra -, Michael Löwy jamais deixou de se interessar pela vida política e intelectual brasileira, voltando a frequentar regularmente o país a partir do início da década de 1980, com a abertura política então iniciada. Enquanto intelectual de esquerda, engajado, ele acompanhou e participou ativamente, nas suas visitas agora regulares ao país, dos processos políticos e sociais que deram origem ao PT em 1980 e ao MST em 1984.

Nesse contexto, Löwy buscou mobilizar seu arcabouço teórico para compreender esses processos políticos, resgatando, por exemplo, a figura de Rosa Luxemburgo a fim de entender as especificidades do PT em suas origens, partido cuja perspectiva original assemelhava-se à perspectiva luxemburguista em defesa de que a emancipação não pode ser senão uma autoemancipação dos trabalhadores e oprimidos, à diferença do vanguardismo "leninista". Na mesma toada, em movimentos sociais contemporâneos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST¹⁶, Löwy visualizou um exemplo tipicamente latino-americano da crítica do progresso e da modernização capitalistas na periferia do sistema, crítica que, para ele, articula o resgate de aspectos do passado e a imaginação de um outro futuro, na linha daquilo que ele próprio entende como romantismo revolucionário.

Como não poderia deixar de ser, na mesma medida em que se entusiasmou com as potencialidades desses processos políticos e sociais, mobilizando seu arcabouço conceitual a fim de compreendê-los, Löwy se decepcionou com a inflexão tomada pelo PT desde a virada para os anos

16 Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): movimento político-social brasileiro que busca a reforma agrária. Teve origem na oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, principalmente nos anos 1970, que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, com objetivo de exportação de excedentes populacionais e integração estratégica. Contrariamente a este modelo, o MST busca fundamentalmente a redistribuição das terras improdutivas. (Nota da **IHU On-Line**)

2000, que se consolidou com a vitória de Lula nas eleições de 2002 e seu compromisso com a manutenção da política econômica do antecessor. Aos olhos de Löwy, o primado da perspectiva eleitoralista, para cujo êxito era necessário renunciar aos seus aspectos mais radicais e antissistêmicos, estimulou uma burocratização do PT, retirando-lhe em definitivo aquilo que mais lhe garantia originalidade: a condição de partido anticapitalista de massas.

Nesse período mais recente, Löwy manteve fortes esperanças nos desdobramentos do MST, sobretudo em suas tendências mais autônomas em relação ao governo petista. Resgatando a herança da crítica da modernidade propagada pelos teólogos da libertação, associando-a à crítica ao capitalismo periférico, o MST constitui para Löwy um exemplo de que a luta anticapitalista implica a construção de novos parâmetros civilizatórios, de uma nova relação não apenas entre os homens e mulheres, senão também destes com a natureza, em linha "ecossocialista". Depois das chamadas jornadas de junho, em 2013, Löwy - fiel à sua vocação de buscar os elementos de esperança ali mesmo onde eles emergem - demonstrou vivo interesse pelos métodos e formas de lutas do Movimento Passe Livre - MPL¹⁷.

Eu mesmo pude presenciar uma reunião, no final de 2013, na Fundação Rosa Luxemburgo, em São Paulo, com membros do MPL, da qual Löwy participou ativamente, com muito interesse e curiosidade, ao lado de outros intelectuais como Isabel Loureiro, Maria Elisa Cevalco¹⁸,

17 Movimento Passe Livre (MPL): movimento social brasileiro que defende a adoção da tarifa zero para transportes coletivos. Fundado em 2005 durante o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre/RS, o MPL ganhou repercussão nacional a partir da organização de vários protestos em junho de 2013. (Nota da **IHU On-Line**)

18 Maria Elisa Cevalco: doutora em Letras pela Universidade de São Paulo e professora associada de Estudos Culturais e Literaturas em Língua Inglesa na mesma universidade. Publicou vários artigos e capítulos de livros no Brasil e no exterior. Sua produção mais recente de livros no Brasil inclui *Para ler Raymond Williams* (São Paulo: Paz e Terra, 2001) e a coeditoria de *O espírito de Porto*

Pablo Ortellado¹⁹, dentre outros e outras. Em grande medida, com sua horizontalidade político-organizativa e seus métodos de ação direta, o MPL satisfaz os anseios de Löwy em torno da valorização do componente libertário da luta anticapitalista, componente este que, em sua opinião, deve ser revalorizado pelo marxismo e pelo pensamento crítico contemporâneos.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Fabio Mascaro Querido - Michael Löwy pertence a uma geração política e intelectual marcada pela transição histórica, e, mais, marcada pela derrota a partir da qual começou a ser gestada a fase atual do capitalismo. Após vivenciar, ainda no Brasil, as esperanças suscitadas pela revolução cubana, em 1959, e, já na França, pelo ciclo político aberto em 1968, marcado pela ascensão da esquerda revolucionária - esperanças que se expressaram em sua leitura voluntarista do marxismo -, Löwy testemunhou a inflexão histórica pela qual passou o mundo entre o final dos anos 1970 e os acontecimentos de 1989-1991, dentre cujas consequências estava o declínio da esquerda política e do marxismo intelectual.

Tirando as consequências dessa virada histórico-política, e buscando outros depositórios para seu repertório de esperança (América Latina), Löwy buscou se reposicionar em meio às transformações das sociedades contemporâneas. Tornou-se assim uma espécie de *passer* [passante] entre duas épocas e entre duas gerações, de onde a sua força intelectual, bem como os seus limites, que são em grande medida limites "impostos" pelo presente ao qual, como disse certa vez Walter Benjamin, estamos todos "agarrados". ■

Alegre (São Paulo: Paz e Terra, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

19 Pablo Ortellado: filósofo, com doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP. É professor do curso Gestão de Políticas Públicas e orientador no programa de pós-graduação em Estudos Culturais da mesma universidade. É coordenador do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação - Gpopai. (Nota da **IHU On-Line**)

COBERTURA DE EVENTOS

Laudato Si' e a escuta do saber

Instituto Humanitas Unisinos promove momento de reflexão sobre os desafios da questão ambiental na contemporaneidade a partir do documento apostólico

Por Leslie Chaves

Lançada em junho de 2015, a primeira Encíclica do Papa Francisco foi avaliada por uma série de especialistas, de diferentes áreas, como um dos documentos mais contundentes a respeito da importância do meio ambiente e da responsabilidade dos governantes e das sociedades ao redor do mundo de conter a degradação da natureza e construir modos de viver mais solidários e, principalmente, sustentáveis.

Os consistentes dados, tanto do ponto de vista científico quanto do reflexivo, de *Laudato Si'* foram o foco da mesa-redonda promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos na noite de 08-04-2016, na sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. O evento faz parte da 13ª edição da Páscoa IHU, que neste ano traz o Ciclo de atividades *O cuidado de nossa Casa Comum* como fio condutor. A programação começou em 10-03-2016 e se estende até 03-05-2016 com diferentes ações com o objetivo de debater de maneira transdisciplinar temas como crise ambiental, ecologia integral, gestão ambiental, teologia da criação e diferentes iniciativas voltadas para o cuidado do meio ambiente e sustentabilidade.

A mesa-redonda coordenada pela professora Susana Rocca teve a participação de Lucas Henrique da Luz, professor e um dos coordenadores do curso de Administração

da Unisinos e integrante do IHU, e Ana María Formoso, teóloga e pesquisadora da Unisinos em pesquisa coordenada pelo professor Telmo Adans.

A conversa começou com uma apresentação da Encíclica, onde foram abordados os seis capítulos do documento: O que está acontecendo com nossa casa, O Evangelho da criação, A raiz humana da crise ecológica, Uma ecologia integral, Algumas linhas de orientação e ação e Educação e espiritualidade ecológicas. "Essas questões fazem parte da minha formação acadêmica e da minha vida. Agradeço muito a oportunidade de poder dialogar sobre esses temas dentro da ampla programação desse ciclo de atividades que propõe a comunicação e integração entre os campos acadêmico, profissional, o cotidiano e os diferentes credos", relatou a Ana María Formoso ao abordar as contribuições da *Laudato Si'*.

A professora ressaltou ainda o método de elaboração da Encíclica. "Esse documento é resultado da cooperação de diversos pesquisadores. Trata-se de uma metodologia que buscou escutar múltiplas vozes que ecoaram da Patagônia aos Estados Unidos, passando pelo continente africano e muitos outros recantos do mundo. Essa maneira de trabalhar vai na contra-mão da academia tradicional que em geral acaba valorizando o tra-

balho produzido individualmente pelos pesquisadores, que precisam atender à exigência de produção acadêmica", frisa.

Lucas Henrique da Luz abordou mais profundamente o primeiro capítulo da *Laudato Si'*, que trata da situação do meio ambiente na contemporaneidade. "Nós aumentamos absurdamente nossa capacidade produtiva e conseqüentemente de intervenção na natureza. Entretanto, a evolução e capacidade de regeneração biológicas não acompanham a velocidade das grandes transformações tecnocientíficas que estamos vivendo", contata.

Para o professor, através dessa Encíclica "o Papa nos chama a tomar a dolorosa consciência, que se refere a nos sentirmos tocados pelos problemas que estão se passando com o ambiente no mundo todo e nos mobilizarmos para pensar que contribuições podemos oferecer para enfrentar a crise sistêmica que estamos atravessando."

Sobre o teor das reflexões expressas em *Laudato Si'*, o professor ainda resalta que "falar da Casa Comum é falar sobre nós mesmos, pois a natureza faz parte da gente e nós fazemos parte dela. Dessa maneira, esse documento diz coisas das quais já sabemos, porém saber não é o mesmo que escutar, que atentar para as questões, justamente o que precisamos nesse momento."

Os conferencistas

Ana Maria Formoso é graduada e mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e doutora em Educação pela Unisinos, onde atualmente é pesquisadora em investigação coordenada pelo professor Telmo Adans.



Foto: Leslie Chaves/IHU

Lucas Henrique da Luz é graduado em Administração com habilitação em Recursos Humanos, mestre em Ciências Sociais Aplicadas e doutorando em Administração pela Unisinos, tendo realizado estágio doutoral em Ciências da Informação e Comunicação na Université de Poitiers, França. Atualmente é professor e um dos coordenadores do curso de Administração da Unisinos e integrante do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.



Foto: Leslie Chaves/IHU

A reportagem foi publicada nas **Notícias do Dia**, atualizadas diariamente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dia 12-04-2016, disponível em <http://bit.ly/22HpiAL>.

ihu.unisinos.br

188 visualizações • 6 meses atrás

Apresentação Marilene Maia - II Seminário...
1.099 visualizações • 2 anos atrás

Prof. Dr. Umberto Galimberti - O ser humano...
630 visualizações • 4 meses atrás

Ética, Memória, Esperança.
Uma perspectiva de triunfo da Justiça e da Vida
1:12:31

Adriano Correia
mal radical e a...
ações • 11 meses atrás

A técnica como segunda natureza humana no...
483 visualizações • 11 meses atrás

Foucault além de Foucault: uma política da Filosofia...
395 visualizações • 6 meses atrás

50 ANOS DE ESTUDOS...
1:00:24

Conservadora: impactos...
328 visualizações • 11 meses atrás

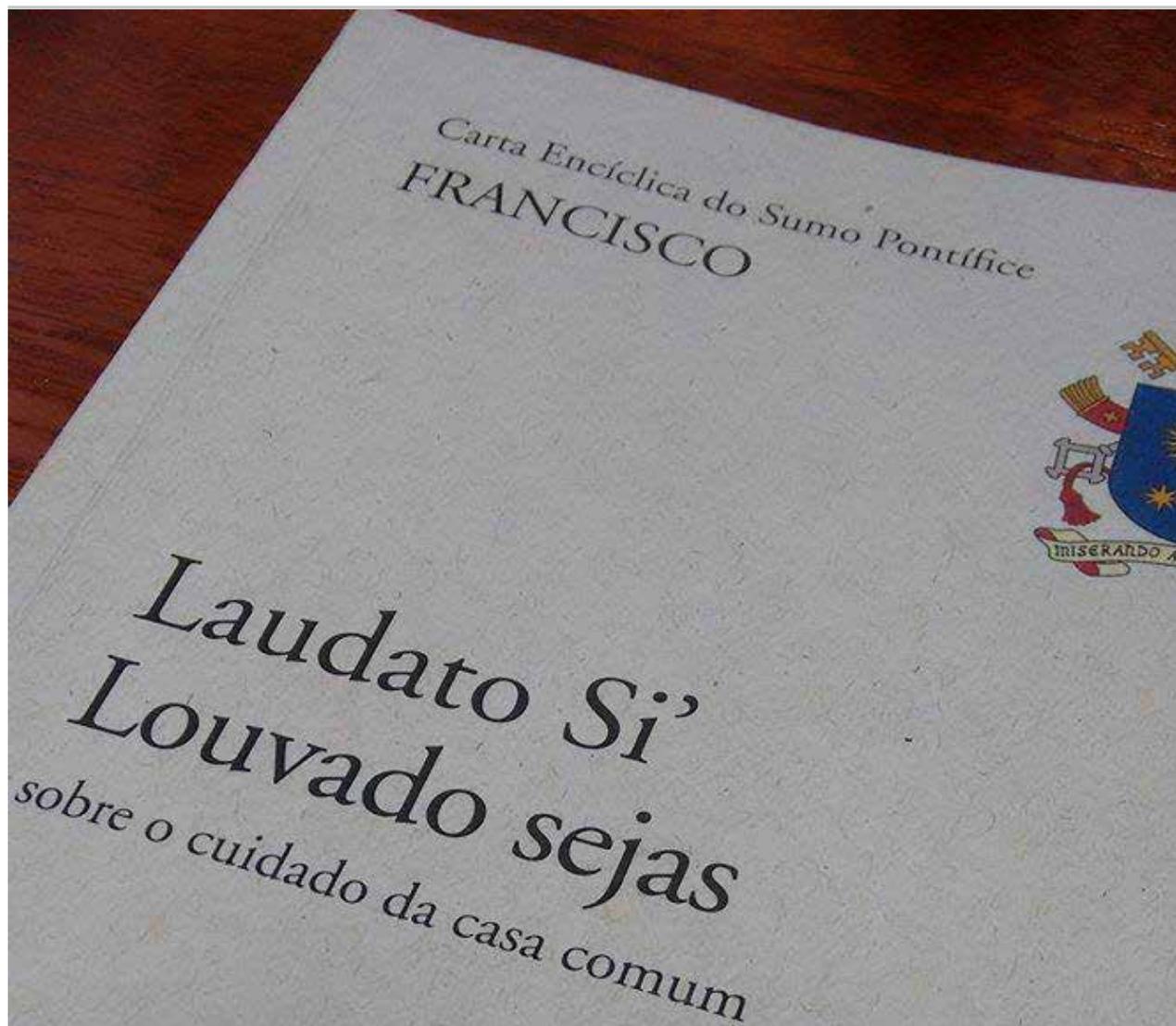
Curso...

Acompanhe nosso canal do Youtube
youtube.com/IHUComunica

COBERTURA DE EVENTOS

O holocausto dos animais

Encíclica *Laudato Si'* é debatida e tensionada desde a perspectiva da ética e direito dos animais



Fotos: João Vitor Santos/IHU

17

Por João Vitor Santos

As contribuições da Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, voltaram à mesa de debates dentro do Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, nesta quarta-feira (13-04). O objetivo dos professores Lucas Henrique da Luz e Laércio Pilz, da Unisinos, e Gilmar Zampieri, da Unilasalle, foi analisar o documento apostólico

como forma de provocar um pensamento sobre o enfrentamento da crise ambiental. Lucas abre o debate recuperando a metodologia de Francisco ao destacar a necessidade do cuidado com "a casa comum", a partir da ideia de que, na mesma medida em que se fala em desenvolvimento tecnológico, há a deterioração do planeta pelo homem. Zampieri vem na sequência, provo-

cando e tensionando o documento. "É um documento amplo para se pensar a questão ambiental. Entretanto, ainda incorre numa perspectiva antropocêntrica quando não trata da questão da ética e direito dos animais", destaca, ao classificar a realidade dos animais como vítimas de cinco tipos de campos de concentração, numa analogia ao holocausto.

Lucas lembra que a Encíclica abre com um primeiro capítulo contextualizando a realidade do planeta, numa crítica à ideia da modernidade, em que coloca o ser humano como senhor da natureza. “Vivemos um momento específico de transição, não é simplesmente uma ideia de evolução. Precisamos pensar o uso que fazemos da nossa casa comum, que não está a serviço do consumo e da produção”, pontua. Lucas ainda destaca que o Papa vai fundo na crítica ao modelo econômico e lembra que é preciso mudar essa perspectiva “para de fato haver uma mudança na questão ambiental”. É um movimento de crítica ao antropocentrismo que o documento faz. Zampieri compactua com essa crítica, mas provoca: “não abordar a perspectiva da ética e direito dos animais nesse primeiro capítulo incorre num erro que se desenvolve ao longo do texto: não vai fundo na dramática relação entre ser humano e animais”.

Zampieri assinala três ou quatro passagens em que Francisco fala “nos animais” na Encíclica. “Mas há sempre uma ênfase aos animais silvestres, como parte da natureza. Isso é importante, mas há algo mais. Os animais não podem ser vistos como parte da natureza, no sentido de paisagem. São diferentes de árvores ou rochas, estão entre o humano e a natureza”, analisa. É aí que entra a reflexão do professor sobre essa relação a partir da analogia com os campos de concentração. “O que fazemos com os animais hoje é um verdadeiro holocausto. E, na nossa relação com eles, promovemos esse holocausto em cinco campos de concentração específicos”.

Os cenários do holocausto

O primeiro campo de concentração da relação entre ser humano e animais, na visão de Zampieri, se dá no convívio com animais domésticos. “Nas nossas casas cuida-

mos dos nossos animais, cachorros e gatos, mas pensamos que estes resumem todas as formas de vida animal”, complexifica, ao problematizar a ideia: “amo meu cachorro, assim, amo todos os animais”. “E mais: os animais não precisam ser amados. Ninguém ama uma lesma ou uma cobra. Eles precisam ser respeitados”. Além disso, o professor lembra que quando temos um animal doméstico estamos lhe privando da vida em grupo, com seus pares da mesma espécie. “E o temos como forma de conforto para nós. Brincamos, cuidamos e damos atenção, mas é só por alguns momentos do dia. No resto do tempo, ele fica de canto, sozinho”.

O segundo campo de concentração se dá na relação de animais como formas de entretenimento humano. É, para o professor, mais uma forma de ver os animais como coisa, objeto para um determinado uso. “São os rodeios, vaquejadas, rinhas de galo, animais em zoológicos. Enfim, são relações de prazer com animais em que ignoramos que há sofrimento, morte, tortura e estresse”, destaca.

Ter o animal como fonte para fornecer artigos para indumentária humana é, segundo Zampieri, mais uma materialização da realidade de campo de concentração. “É quando os animais são criados para serem mortos e, por exemplo, fornecer materiais para vestirmos, usarmos como um acessório ou utensílio como relógio, cinto, uma roupa...”, explica.

Quando o ser humano usa cosméticos, produtos de limpeza e mesmo qualquer elemento vindo da indústria química, não imagina que ali está o quarto campo de concentração. “São os animais de laboratório, usados para ensino ou mesmo pesquisa de produtos. Não são apenas ratos, são vários animais torturados e submetidos a testes de irritabilidade e toxicidade de produtos. Embora já existam leis e práticas que contestem, esses usos ainda são comuns”, explica Zampieri.

O mais terrível deles

Para o professor Gilmar Zampieri, o mais dramático dos cenários de holocausto da relação homem X bicho é na perspectiva da alimentação. “É aí que a coisa fica grandiosa, até em termos numéricos. Matamos 60 bilhões de animais por ano. São sete milhões por hora”. A produção de comida animalizada hoje, explica ele, dentro da lógica industrial do capitalismo, provoca imenso sofrimento aos bichos. “Veja ao que o gado é submetido na indústria da carne. Olhe para a complexidade que é um bovino na escala evolutiva, algo que criamos só para matar, acelerando seu crescimento. Um frango, na natureza, por exemplo, pode durar até sete anos. Nós criamos e matamos em 39 dias”, argumenta.

Zampieri lembra ainda que 70% das áreas agricultáveis são usadas para produzir alimento para animais que serão mortos. “Usamos os grãos para alimentar bichos para gerar proteína, quando poderíamos buscar isso na própria agricultura”. Por fim, destaca que essa perspectiva dos animais quase nunca é confrontada como problema. “Essa é minha provocação com relação a toda a questão ambiental e que aparece na Encíclica: não nos confrontamos com o problema que é nossa relação com os animais, que é aquela ‘do outro’, para além de nós e que está entre o humano e a natureza”.

Provocações e inquietações

A fala do professor Laércio Pilz confere sentido à perspectiva de Zampieri. O professor da Unilasalle provoca inquietações que são percebidas por Pilz. “É isso que se faz na Universidade e fora dela. A Encíclica traz questões e podemos, a partir dela, propor novas tensões que nos desacomodem e inquietem”. O que o professor Pilz deixa claro, depois da fala de Zampieri, é que a questão não é passar a ser vegano ou vegetariano, mas sim ter

um pensamento ecológico que leve em conta essa problematização. É esse o espírito que apreende da Encíclica. “O documento nos des-

perta para pensar no ‘eco-lógico’, de forma ampla e interdisciplinar. É como as falas que me antecederam: provocam, perturbam; e tem

que ser assim. Muito mais do que respostas e formas prontas, temos que sair daqui com essas inquietações”, pontua Pilz. ■

Os conferencistas

Gilmar Zampieri, frade capuchinho, graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas e em Teologia pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana - Estef, com mestrado nas duas áreas na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre - PUCRS. É professor de Ética e Direitos Humanos no Centro Universitário La Salle de Canoas e de Teologia Fundamental na Estef.



Foto: João Vítor Santos/IHU

Lucas Henrique da Luz é mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, graduado em Administração de Empresas - Hab. Recursos Humanos pela mesma universidade e com especialização em Elaboração e Avaliação de Projetos Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente é coordenador do Curso de Administração da Unisinos, professor nesse curso e na Graduação Tecnológica em Gestão de Recursos Humanos.



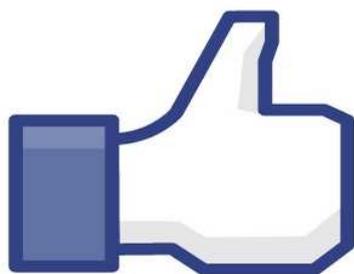
Foto: João Vítor Santos/IHU

Laércio Pilz possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição - FAFIMC, mestrado e doutorado em Educação Básica, ambos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Atualmente é professor titular da Unisinos e coordenador da formação humanística (humanismo social cristão - HSC) na mesma universidade.



Foto: João Vítor Santos/IHU

A reportagem foi publicada nas **Notícias do Dia**, atualizadas diariamente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dia 14-04-2016, disponível em <http://bit.ly/1Nx1FUr>.



**Instituto
Humanitas
Unisinos**



COBERTURA DE EVENTOS

As novas lutas dos trabalhadores na fronteira da tecnologia. Uma releitura sobre o pensamento de Celso Furtado



Foto: Ricardo Machado / IHU

Por Ricardo Machado

O que parece mais grave na atual conjuntura nacional não é somente a crise econômica e política, incluída aí a crise institucional, mas a crise social, que começa a ser sentida nas camadas mais vulneráveis da sociedade brasileira.

O Brasil enfrenta um cenário de 282 demissões por hora no país, o que nos conduz a um cenário não somente de aumento no desemprego, mas também de radicalização da desigualdade.

Embora as saídas para o atual momento crítico não estejam dadas de pronto, retomar os intérpretes do Brasil pode trazer inspirações na busca de alternativas para os momentos de crise. O evento Desenvolvimento econômico, heterogeneidade estrutural e distribuição de renda no Brasil no pensamento de Celso Furtado, realizado na noite da terça-feira, 12-04-2016, no Auditório Central da Unisinos, em São Leopoldo, se propôs a recuperar a trajetória teórica de um dos principais economistas brasileiros.

Além do público de alunos da Unisinos, a conferência reuniu um

grupo de sindicalistas da região do Vale dos Sinos, que devem participar sistemicamente dos eventos de economia ao longo de 2016.

“Celso Furtado parte da teoria econômica para fazer ‘história’. E por isso o pensamento dele é original. Ele não é um historiador econômico e nem um economista tradicional. Ele faz essa passagem, usando as categorias da teoria econômica, daí o enorme impacto que ele vai ter”, sustenta André Furtado, professor e pesquisador da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

Desigualdade social e Heterogeneidade Estrutural

De acordo com André, a desigualdade é, antes de qualquer coisa, uma manifestação dos processos de transformação humana. O que torna problemática a existência da desigualdade é sua permanência sistêmica. Já a heterogeneidade estrutural é um ponto central no subdesenvolvimento. “O subdesenvolvimento consiste quando as duas

instâncias operam em uma situação de acumulação capitalista, pois pode-se ter acumulação e a heterogeneidade e desigualdade permanecerem”, explica o conferencista.

Causas da desigualdade

A desigualdade, argumenta André, está relacionada a um desequilíbrio nos processos de desenvolvimento. “O que permite a uma minoria se apropriar do excedente produtivo gerado por uma sociedade é uma estrutura institucional e jurídica que garante privilégios a certas classes”, pontua. “O sistema de propriedade se apoia nos recursos naturais que vão garantir à classe dominante se apropriar dessa renda”, complementa.

Heterogeneidade Estrutural

O conceito de heterogeneidade estrutural é uma ideia que Celso Furtado resgata de seu colega cepalino Aníbal Pinto. “O conceito sustenta que nos países subdesenvolvidos as evoluções tecnológicas tendem a

ficar restritas a determinados setores e não se propagam para toda a sociedade”, acentua. Quando se relaciona esta realidade ao cenário nacional há uma potencialização desta característica. “A densidade do capital é muito elevada porque as tecnologias produzidas nos países desenvolvidos geram um problema de transferência de tecnologia que não é a adequada à nossa realidade socioeconômica, agravando ainda mais os problemas estruturais e de desigualdade”, frisa.

Países Desenvolvidos X Países em desenvolvimento

Ao passo que nos países desenvolvidos o progresso técnico e tecnológico acabou se propagando para vários setores da sociedade, permitindo com que trabalhadores tivessem maior acesso às tecnolo-

gias existentes e, a partir delas, criassem novas tecnologias, nos países subdesenvolvidos isso não ocorreu. “Por que os países subdesenvolvidos não reproduziram a mesma trajetória produtiva dos países desenvolvidos? Simplesmente por que somos sociedades afetadas pelos países desenvolvidos. Não se pode compreender isso como atraso, mas, sim, como resultado da expansão das sociedades capitalistas desenvolvidas. Portanto nossa realidade é composta por estruturas híbridas entre uma estrutura capitalista e uma sociedade pré-capitalista”, esclarece o professor.

Desafios

Ocorre que os processos de globalização do final do século XX agravaram os processos de acumulação capitalista. “Após os anos

1990 a concentração de renda e de tecnologia se acentuou, elevando a produtividade, mas diminuindo radicalmente o poder de negociação dos trabalhadores, o que enfraqueceu a classe trabalhadora”, reitera André.

Frente a um cenário de difícil reversão, o conferencista retomou a necessidade de mudança estrutural que nossas sociedades enfrentam, mas apostando numa maior redistribuição do acesso e na expertise dos processos de inovação tecnológica. “Como mudar e melhorar o desenvolvimento social? Obviamente a estrutura institucional é um aspecto central. Se quisermos mudar, precisamos atacar as instituições que produzem desigualdade. Isso precisa de luta social. Celso Furtado sempre apoiou os trabalhadores na luta pela melhoria de renda, é isso que precisamos mirar”, argumenta.

André Tosi Furtado concluiu o doutorado em Ciências Econômicas - Université de Paris I. Atualmente é Professor Titular do Departamento de Política Científica e Tecnológica do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. André é filho de Celso Furtado.



Foto: Ricardo Machado/IHU

Celso Furtado escreveu 40 livros, sempre mantendo uma ideia coerente ao longo de sua obra. “Ele sempre perseguiu uma mesma ideia e foi se aprofundando no tema”, ressalta André. Dentre as muitas coisas que Celso Furtado fez na vida, está o fato de ter sido parte da Força Expedicionária Brasileira - FEB, em 1945, na Itália, quando conheceu, pela primeira vez, o continente europeu. Antes de enveredar para economia estudou direito no Brasil e doutorou-se em economia na França, já em 1948. No ano seguinte passou a fazer parte da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL, o que lhe deu projeção internacional.

No ano de 1959 publicou uma de suas mais conhecidas obras, Formação Econômica do Brasil (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003). Em 1960 propõe a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - Sudene; logo em seguida, em 1961, publica Desenvolvimento e subdesenvolvimento. Como Ministro do Planejamento de João Goulart, em 1962, elabora o plano trienal e em 1964 é cassado, após o Golpe Civil-Militar. Vai para a França e fica lá até 1979, com a reabertura política e exerce o cargo de Ministro da Cultura, entre 1986 e 1988, afastando-se, definitivamente, de política institucional. Em 1997, ingressa na Academia Brasileira de Letras - ABL e, em 2004, falece vítima de enfarte.



Foto: Wikipédia

A reportagem foi publicada nas **Notícias do Dia**, atualizadas diariamente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dia 14-04-2016, disponível em <http://bit.ly/15mQnpX>.

EVENTO

Reconhecer a natureza presente nos caminhos do cotidiano

Caminhada ecológica proporciona um momento para explorar com diferentes olhares e sentidos os espaços de trabalho e estudo diários

Por Leslie Chaves

No próximo dia 28-04-2016 será promovido o Encontro de educação ambiental e caminhada ecológica no campus São Leopoldo da Unisinos. "Testemunhas da fauna e da flora nativa do Campus" é o título da atividade que integra o Ciclo O cuidado de nossa Casa Comum, extensa programação promovida de 10-03-2016 a 03-05-2016 pelo Instituto Humanitas Unisinos para marcar o período da Páscoa.

De acordo com a professora Cristiane Fensterseifer Brodbeck, que coordenará a atividade, "é necessário nos situarmos em uma mesma árvore genealógica com os outros seres que habitam a Terra. Somos somente uma entre as demais espécies. Precisamos compreender melhor nossa relação de dependência com os demais seres vivos, bem como dos elementos não vivos (ar,

água, solo, luz solar). Dessa forma se faz imprescindível nos apropriarmos dos espaços que habitamos, começando pelos ambientes mais próximos: nossa casa, nosso ambiente de trabalho e estudo, nossa comunidade, nosso bairro e assim sucessivamente".

Para a professora, o formato do evento é muito importante para despertar nos participantes outras perspectivas no sentido de integração com a natureza. "Entendemos que para que haja essa (re)aproximação (ser humano/natureza) seja necessário desenvolver as habilidades de detectar e propor soluções para os problemas ambientais. Utilizamos as trilhas como recurso para o desenvolvimento de um novo olhar, um "olhar ambiental" que problematize sobre o ambiente e que seja capaz de propor ações, buscando

solucionar as questões ambientais e/ou minimizar os impactos da ação humana", explica.

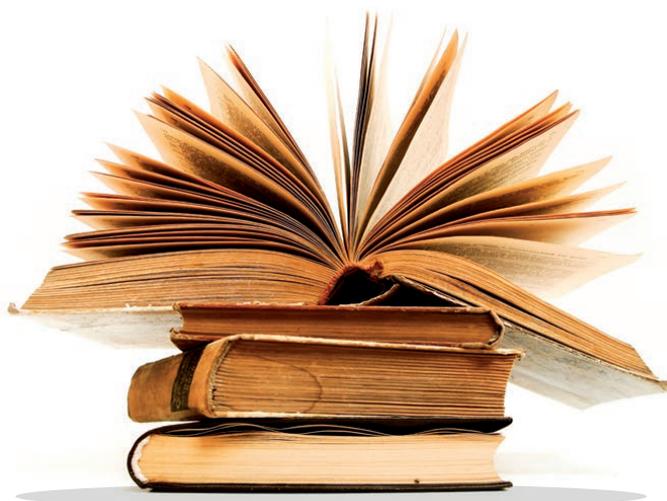
O Encontro de Educação Ambiental e caminhada ecológica tem como ponto de partida o Instituto Humanitas Unisinos - IHU e acontece das 14h30min às 17h, percorrendo o campus da universidade.

Cristiane Fensterseifer Brodbeck é graduada em Ciências Biológicas pela Unisinos, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e em Educação Ambiental pela Fundação Universidade Federal de Rio Grande - FURG. É doutora em Educação pela Unisinos, onde atualmente leciona e coordena o Grupo de Educação Ambiental, e também é professora titular da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo. ■

22

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.



facebook



Instituto Humanitas Unisinos
Mídia/notícias/publicidade

ihu.unisinos.br

ME TRÓ POLES

3º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM

**UNISINOS – SÃO LEOPOLDO
| RS**

**30 DE MARÇO A
08 DE JUNHO DE 2016**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR

PROMOÇÃO



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 **UNISINOS**
Somos infinitas possibilidades

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

BAÚ IHU ON-LINE

Confira alguns textos publicados nas *Notícias do Dia*, no sítio do Instituto Humanitas – IHU, sobre *Amoris Laetitia*

- *Veja a íntegra de ‘Amoris Laetitia’*. Eis o bilhete de Francisco apresentando o texto. Publicado nas *Notícias do Dia*, de 08-4-2106, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1NilZOg>
- *“Amoris Laetitia”*. *Comece pelo Capítulo IV*. Artigo é de Thomas Reese, jesuíta, jornalista, publicado por National Catholic Reporter, 08-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1YCNzGS>
- *Amoris Laetitia*. *A nota 351*. Artigo de Jesús Bastante, publicado por Religión Digital, 09-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 12-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1U25G9X>
- *A maravilhosa complicação e o “doce comprimento” da Amoris Laetitia*. Artigo de Andrea Grillo, publicado no seu blog Come Se Non, em 08-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1XEtolt>
- *O que Francisco está dizendo com “Amoris Laetitia”?* Artigo de Massimo Faggioli, publicado por Commonweal, 08-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1pb4CUk>
- *Francisco sobre a família: “Caminhemos!”*. *Uma primeira leitura da Amoris laetitia*. Artigo do diretor da revista Aggiornamenti Sociali, Giacomo Costa SJ, 08-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1Nx3X5S>
- *Guia de leitura do Vaticano diz que documento de Francisco sobre a família põe a doutrina “a serviço da missão pastoral”*. Reportagem é de Joshua J. McElwee, publicada por National Catholic Reporter, 06-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 07-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1VxMD9i>
- *“Amoris Laetitia” não é magistério: a linha de resistência do cardeal Burke*. Artigo de Sandro Magister, publicada no seu blog Settimo Cielo, 13-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 07-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1Sps4uF>
- Acesse mais textos em <http://bit.ly/1WAP7CP>

Sinalização do início de abertura na Igreja

Por Todd A. Salzman e Michael G. Lawler | Tradução Sander Jeanne

“**N**em todo o mundo ficará contente com o documento, mas nós nos rejubilamos com *Amoris Laetitia* por ser um documento que colocará o ensinamento católico sobre o matrimônio mais uma vez na linha de frente de qualquer discussão sobre o matrimônio. Acreditamos que ele assinale o início de uma Igreja mais aberta, compreensiva, convidativa e misericordiosa e esperamos que, assim como está moldando um desenvolvimento orgânico da abordagem pastoral de questões morais, vá além, no longo prazo, para moldar também um desenvolvimento da doutrina da teologia moral católica relacionada a questões controversas da ética matrimonial e sexual”, concluem Todd A. Salzman e Michael G. Lawler.

Todd A. Salzman é Ph.D pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. **Michael G. Lawler** é graduado em Matemática pela Universidade de Dublin e em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG, em Roma, e Ph.D em Teologia Sistemática pelo Instituto Aquinas de Teologia, em Saint Louis. Ambos lecionam no departamento de Teologia da Universidade de Creighton, nos Estados Unidos. São autores do importante livro *A Pessoa sexual. Por uma antropologia católica renovada*, traduzido para a língua portuguesa e publicado, em 2012, pela Editora Unisinos.

Eis o artigo.

Tendo em vista que o Papa Francisco deu provas abundantes de que é um líder amoroso, misericordioso e pastoral, nós esperávamos um documento que não mudasse qualquer doutrina da Igreja, mas que oferecesse tanto diretrizes para viver uma vida matrimonial cristã quanto princípios para lidar com situações matrimoniais excepcionais que, no documento recém-publicado, são chamadas de “situações irregulares”. Esse é, com efeito, o tipo de documento que Francisco ofereceu em *Amoris Laetitia* (AL). Trata-se de um documento que irá controlar a abordagem católica tanto do casamento quanto de seus fracassos e o método e ensinamento da teologia moral por muitas décadas no futuro.

Destaques

Começamos com o que consideramos alguns dos destaques do documento. Em primeiro lugar e em termos mais básicos, *Amoris Laetitia* representa uma mudança profunda de ênfase para a teologia moral católica

em seu método ou sua abordagem na elaboração da ética matrimonial e sexual. Historicamente, o método tem sido, em grande parte, orientado por regras, legalista, focado em atos, estático e dedutivo. Ele iniciava com normas absolutas - por exemplo, o não uso de métodos artificiais de contracepção dentro de um relacionamento matrimonial - e as aplicava com uma abordagem uniforme a todas as pessoas, em toda parte, sem levar em conta considerações históricas, culturais, contextuais, relacionais ou desenvolvimentais.

O método usado em *Amoris Laetitia* é muito diferente. É um método orientado por virtudes, focado em relacionamentos, dinâmico e desenvolvimental, bem como indutivo. Um método focado em virtudes se concentra no caráter, e não em atos; no ser, e não no fazer. Os atos são importantes, porque refletem o caráter virtuoso e moldam esse caráter. Em *Amoris Laetitia*, entretanto, o foco não está em regras e atos, e sim em formas de ser no mundo, em que a pessoa é convidada a se empenhar para viver uma vida de amor no serviço a Deus, ao cônjuge, à família, ao próximo

e à sociedade, dando-se conta de que a misericórdia de Deus é infinita quando nosso cumprimento desse convite é insuficiente.

O capítulo 4, “O amor no matrimônio”, é uma bela reflexão sobre a passagem poética de São Paulo¹ a respeito da natureza do amor verdadeiro (1Cor 13,4-7) e das virtudes associadas a ele. O amor é paciente, prestativo, generoso, perdoador; o amor não é invejoso, não se ostenta nem se irrita. É digno de nota o fato de que a virtude da castidade, que é central para a abordagem histórica da teologia moral católica acerca do matrimônio e da sexualidade e foi, muitas vezes, aplicada dedutivamente como adesão legalista às normas prescritivas absolutas da Igreja sobre a sexualidade humana, é mencionada uma única vez em todo o documento, e isso no contexto da afirmação de que ela é “condição preciosa para o crescimento genuíno do amor interpessoal” (AL 206).

Além disso, AL apresenta a vida matrimonial como “um caminho dinâmico de crescimento e realização” pessoal (AL 37). Cada casal unido em matrimônio é distinto e se encontra em estágios singulares de sua capacidade relacional, emocional, psicológica e espiritual, e o discernimento pastoral deve levar em consideração o dinamismo e a particularidade. As implicações para o método da ética são profundas. Ele exige o que o Papa João Paulo II² chamou de “lei da gradu-

alidade”, segundo a qual a pessoa humana “conhece, ama e cumpre o bem moral segundo diversas etapas de crescimento” (AL 295).

Também exige uma abordagem indutiva, começando com as particularidades da respectiva situação para discernir os valores que estão em jogo e o melhor caminho para realizar esses valores à luz daquela particularidade. Essa particularidade enfatiza um método moral que exerce o discernimento prudencial na avaliação de questões éticas, especialmente de situações de relacionamentos “irregulares”, e na busca de uma resposta que respeite essa particularidade, ao mesmo tempo que se tenta viver mais plenamente à luz do Evangelho. Já que há uma “variedade inumerável de situações concretas” (AL 300), o discernimento pastoral exige que se examinem casos específicos para discernir as virtudes e valores que estão em jogo e para determinar quais ensinamentos da Igreja são aplicáveis à luz dessas virtudes e valores.

Matrimônio

Em segundo lugar - isso é importante e não deve deixar de ser percebido em meio à agitação midiática em relação a situações irregulares -, os ensinamentos católicos tradicionais sobre o matrimônio e a vida em família são reafirmados e muito incrementados pela abordagem focada em virtudes adotada por Francisco. O matrimônio é aquele entre um homem e uma mulher, o matrimônio sacramental e consumado é indissolúvel, e “não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais [casamento entre pessoas do mesmo sexo] e o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família” (AL 251). Há, entretanto, uma mudança significativa na abordagem do matrimônio. Desde o Concílio de Trento³ no século XVI, o fundamento do matrimônio católico tem sido o direito canônico, que deve ser obedecido. Essa abordagem, sustenta o Papa, colocou sobre “duas pessoas limitadas [um] peso tremendo” (AL 122). Francisco desloca a abordagem fundamental do direito para a virtude e ensina que o matrimônio é um desafio vitalício que “avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus” (AL 122).

Entre esses dons de Deus estão as virtudes do amor, generosidade, compromisso, fidelidade, paciência (AL 2), ternura (AL 3) e “a amabilidade do próprio Jesus ao se falar um com o outro” (AL 6; cf. também AL

1 **Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, Paulo não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/1o5Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU Em Formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Papa João Paulo II** (1920 – 2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de Outubro de 1978 até à sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslavico e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não-italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centraliz-

dor, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Concílio de Trento**: realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo Papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesiástica, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contra-Reforma. (Nota da **IHU On-Line**)

8). Em vez de reiterar regras antigas ou oferecer um novo conjunto de regras para matrimônios duradouros, Francisco procura destacar o tipo de caráter que as pessoas cristãs casadas são conclamadas a *ser* de modo que elas possam *fazer* isso para que seu matrimônio seja bem-sucedido e duradouro. A Igreja deveria ser grata por essa transposição do direito para a virtude nesses tempos de crise para o matrimônio em que muitas pessoas estão perguntando como o casamento e a família podem ser salvos.

Matrimônios plenificantes

Em terceiro lugar, embora o casamento entre pessoas do mesmo sexo não possa ser considerado semelhante, nem sequer análogo, ao matrimônio cristão, os gays, as lésbicas e as pessoas transgênero “deve[m] ser respeitada[s] na sua dignidade e acolhida[s] com respeito, procurando[-se] evitar qualquer sinal de discriminação injusta” (AL 250). Um refrão que permeia todo o documento é o de que Deus acolhe todas as pessoas na Igreja que é comunhão. Muitas pessoas que apoiam o casamento entre pessoas do mesmo sexo como uma forma estabelecida para gays e lésbicas viverem com dignidade, e que creem que negar-lhes o direito de casar é uma discriminação injusta, certamente ficarão desapontadas com esse juízo. Dizemos a essas pessoas que ainda há esperança em *Amoris Laetitia* para a realização da visão delas. Creemos que essa esperança reside no tema da gradualidade que permeia o documento. À medida que um número cada vez maior de católicos se sentir à vontade com o casamento entre pessoas do mesmo sexo - e as estatísticas mundiais mostram que quase a maioria dos católicos se sente à vontade com isso -, ele se tornará gradativamente tão aceito quanto a comunhão em certas circunstâncias para pessoas divorciadas e recasadas sem anulação.

O desafio é para os gays e as lésbicas demonstrarem que seus matrimônios são tão plenificadores do ponto de vista humano e cristão quanto os matrimônios entre heterossexuais. O fato de Francisco salientar mais uma vez a doutrina católica sobre a autoridade e inviolabilidade da consciência pessoal - com a qual iremos lidar abaixo - aplica-se, naturalmente, a qualquer decisão de gays e lésbicas católicas de se casar tanto quanto se aplica a qualquer outra decisão moral.

Comunhão de divorciados

Em quarto lugar, um dos assuntos mais acaloradamente discutidos nos Sínodos foi o da admissão à comunhão das pessoas divorciadas e recasadas sem anulação. Seguindo sua recomendada trajetória de amor e misericórdia, Francisco decreta que “a lógica da integração é a chave do acompanhamento pastoral delas, para saberem que não só pertencem ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas podem também ter disso mesmo uma experiência feliz e fecunda”. Elas não estão excomungadas e não devem ser tratadas como se

estivessem (AL 299). A “lógica da misericórdia pastoral” (AL 307-312) e a “lógica da integração [são] a chave para o acompanhamento pastoral delas” (AL 299). As situações dessas pessoas podem ser enormemente diferentes e seu documento, admite Francisco, não pode ser “uma nova normativa geral de tipo canônico, aplicável a todos os casos” (AL 300).

A solução para “situações irregulares” consiste em um caminho de discernimento cuidadoso acompanhado por um sacerdote e um julgamento final da consciência pessoal que nos ordena fazer isso ou aquilo (AL 300-305). Como ensina Francisco, a Igreja é conclamada “a formar as consciências, não a pretender substituí-las” (AL 37).

A consciência

Em quinto lugar, colocar no primeiro plano moral mais uma vez o antigo ensinamento católico sobre a autoridade e inviolabilidade da consciência pessoal (cf. *Dignitatis humanae*, 2) é, em nossa opinião, um dos mais importantes ensinamentos de *Amoris Laetitia*. O Concílio Vaticano II ensinou que, “no fundo da própria consciência, o ser humano descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer [...] a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado” (*Gaudium et spes*⁴, 16; cf. também *Dignitatis humanae*, 2).

Francisco julga - e concordamos que isso está correto - que “a consciência das pessoas deve ser melhor incorporada na práxis da Igreja em algumas situações que não realizam objetivamente a nossa concepção do matrimônio” (AL 303). Ele cita Tomás de Aquino⁵ com frequência em todo o documento e especialmente seu ensinamento de que, quanto mais descemos aos detalhes de situações irregulares, tanto mais constatare-

4 **Gaudium et Spes:** Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o n° 124 da IHU On-Line, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTK>, intitulada A igreja: 40 anos de *Lumen Gentium*. Leia também: A *Gaudium et Spes* 50 anos depois e o Papa Francisco como o pai de uma igreja global. Conferência de Massimo Faggioli publicada nas Notícias do Dia, de 21-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1JerEBX>. (Nota da IHU On-Line)

5 **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “*Summae*”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

mos que princípios gerais são insuficientes (AL 304). Como afirma o dito popular, o diabo sempre está nos detalhes, e só uma consciência informada pode formar um juízo moral sobre os detalhes de qualquer situação.

Novas perspectivas

Em primeiro lugar, ao apresentar o documento, o Cardeal Christoph Schönborn⁶, uma das principais vozes nos Sínodos de 2014 e 2015, insistiu - e concordamos com isso - que, embora não haja *mudança* doutrinal em *Amoris Laetitia*, há um “*desenvolvimento orgânico da doutrina*”. Esse desenvolvimento diz respeito especificamente à admissão ao sacramento da Eucaristia de pessoas católicas que estejam divorciadas e recasadas no civil sem anulação. Em sua Constituição Apostólica *Familiaris consortio*⁷ (de 1981), que é a resposta do Papa João Paulo II ao Sínodo sobre a Família de 1980, ele decretou que as pessoas católicas que fossem divorciadas e recasadas sem anulação e estivessem em situação objetiva, mas talvez não subjetiva de pecado, só poderiam ser admitidas a esses sacramentos sob a condição rígida e tortuosa de que “assumem a obrigação de viver em plena continência, isto é, de abster-se dos atos próprios dos cônjuges” (n. 84). (AL usa a expressão “pecado objetivo”. Este uso, entretanto, é teológica e eticamente incorreto. “Pecado” se aplica à culpabilidade subjetiva do agente moral, não ao caráter certo ou errado de um ato).

A nota de rodapé 351 de Francisco, que estranhamente não está colocada no corpo do texto, oferece a possibilidade de que casais sejam admitidos aos sacramentos em certas circunstâncias. Em consonância com esse tema geral da misericórdia e caridade, ele ressalta que a Eucaristia “não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”. O Papa não chega a expressar uma permissão geral da admissão à comunhão das pessoas divorciadas e recasadas sem anulação, mas está claro que ele deixa a admissão aberta em casos com discernimento. Não abre automaticamente a porta para a mudança, mas certamente nos informa onde está a chave da porta, a saber, como já explicamos, sob o capacho do discernimento pastoral orientado e da decisão de uma consciência informada.

Em segundo lugar - mais uma vez -, embora não haja uma mudança doutrinal implicada, a transposição da doutrina sobre o matrimônio de um fundamento no direito para um fundamento na virtude é uma mudança teórica significativa. O direito deve ser obedecido, sendo, por isso, geralmente acompanhado, no ensino

do Magistério, pela expressão *debitum obsequium*, que significa “devido respeito” ou “devida obediência” (cf., por exemplo, *Código do Direito Canônico*, cânones 218, 752, 753). Essa expressão não aparece em lugar algum em *Amoris Laetitia*, nem mesmo nos parágrafos 305-306 e na nota de rodapé 351, onde esperaríamos encontrá-la.

O direito, repetindo, exige aceitação da lei e obediência a ela; a virtude exige aceitação de e compromisso com o desafio de viver consciente e ativamente a vida cristã. Esse viver ativamente é um desafio sério para seres humanos que tenham sofrido dano, e talvez seja por isso que Francisco faz tal esforço para apresentar o matrimônio cristão tão positivamente como uma resposta ao Evangelho e julga que, “hoje, mais importante do que uma pastoral dos falimentos é o esforço pastoral para consolidar os matrimônios e assim evitar as rupturas” (AL 307).

Em terceiro lugar, não podemos sustentar que o foco na consciência - que ocorre 20 vezes no documento - seja uma perspectiva nova, pois se trata de uma doutrina católica antiga. A realidade, contudo, é que ela é uma doutrina que tem se notabilizado mais por sua ausência do que por sua presença em ensinamentos modernos do Magistério sobre questões morais em geral e sobre a questão do matrimônio em particular.

Falando do incentivo a casais unidos em matrimônio para procriar, o papa afirma que “a opção da paternidade responsável pressupõe a formação da consciência, que é ‘o centro mais secreto e o santuário do ser humano, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser’ (*Gaudium et spes*, 16). Quanto mais procurarem os esposos ouvir, na sua consciência, a Deus e os seus mandamentos (cf. *Rm* 2, 15) e se fizerem acompanhar espiritualmente, tanto mais a sua decisão será intimamente livre de um arbítrio subjetivo e da acomodação às modas de comportamento no seu ambiente” (AL 222). Essa abordagem tem prosseguimento, como vimos, na seção que trata da admissão à comunhão das pessoas divorciadas e recasadas sem anulação.

Conclusão

Comemoramos o fato de que nessa Exortação Apostólica o Papa Francisco nos ofereceu uma resposta irênica aos debates muitas vezes causadores de divisão ocorridos nos dois Sínodos. Ele se apresentou como um pastor prudente, amoroso e misericordioso, elevou e sustentou o ensinamento católico sobre o matrimônio e demarcou um caminho tradicional e cuidadoso de discernimento para resolver situações irregulares.

Nem todo o mundo ficará contente com o documento, mas nós nos rejubilamos com *Amoris Laetitia* por ser um documento que colocará o ensinamento católico sobre o matrimônio mais uma vez na linha de frente de qualquer discussão sobre o matrimônio.

⁶ **Cardeal Christoph Schönborn** (1945): teólogo, desde 1995 arcebispo de Viena e, desde 1998, presidente da Conferência Episcopal Austríaca. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ ***Familiaris consortio***: Exortação Apostólica, do Papa João Paulo II, de 22 de novembro de 1981, “sobre a função da família cristã no mundo de hoje”. O documento foi editado após a realização do Sínodo dos Bispos celebrado em Roma de 26 de Setembro a 25 de Outubro de 1980. (Nota da **IHU On-Line**)

Acreditamos que ele assinale o início de uma Igreja mais aberta, compreensiva, convidativa e misericordiosa e esperamos que, assim como está moldando um desenvolvimento orgânico da abordagem pastoral de

questões morais, vá além, no longo prazo, para moldar também um desenvolvimento da doutrina da teologia moral católica relacionada a questões controversas da ética matrimonial e sexual. ■

LEIA MAIS...

- *Os ares de um Papa que oxigena a Igreja.* Entrevista com Todd A. Salzman e Michael G. Lawler, publicada na revista **IHU On-Line**, número 465, de 15-05-2015, disponível em <http://bit.ly/26aujWL>.
- *Por uma nova moralidade sexual.* Entrevista especial com Todd Salzman e Michael Lawler, publicadas nas **Notícias do Dia**, de 20-02-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1SNA9mT>.
- *A maneira católica de escolher o bem.* Artigo de Michael G. Lawler e Todd A. Salzman, publicado na revista **America**, 02-02-2015, reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 02-03-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1SptgOD>.

13^a
PÁSCOA
IHU

JESUÍTAS BRASIL

ciclo de atividades

O CUIDADO DE NOSSA
casa comum

10 DE MARÇO A 03 DE MAIO DE 2016

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
ihu.unisinos.br

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS
Somos infinitas possibilidades

A preocupação pastoral no tratamento das diferenças

Para Giannino Piana, em *Amoris Laetitia* a marca pessoal do Papa se evidencia na abordagem das diversas realidades humanas

Por João Vitor Santos | Edição Leslie Chaves | Tradução Ramiro Mincato

Tocar em questões complexas emergentes na sociedade contemporânea é uma tarefa delicada. Sobretudo para alguém que representa uma instituição secular como a Igreja. Em sua exortação mais recente, Bergoglio fala sobre a família com o engajamento social e o tom conciliador que lhes são peculiares. “Fiquei impressionado, em todos os casos, pela análise detalhada e precisa que o Papa Francisco faz, que põe em causa os componentes sociais e culturais do estado de crise que a família atravessa, sem ceder em recriminações inúteis e previsões catastróficas”, frisou Giannino Piana, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, a respeito de suas primeiras impressões sobre o documento.

Ao longo da entrevista, o teólogo ressalta alguns dos pontos que têm causado divergências e as principais características da exortação ao fazer uma análise do texto. Segundo Piana, “o modelo de ética próprio do documento - modelo já presente também em discursos anteriores do Papa e pela primeira vez na *Laudato Si'* - está estreitamente ligado a uma preocupação eminentemente pastoral. Trata-se da mediação entre a proposta evangélica

em toda sua radicalidade e a atitude misericordiosa com as diferentes (e complexas) situações humanas”.

Para o teólogo, apesar de haver algumas lacunas em *Amoris Laetitia*, como a abordagem da questão do gênero, no documento o Papa Francisco foi capaz de encontrar o equilíbrio entre discurso religioso e as circunstâncias e potencialidades reais do cotidiano. “Trata-se, em suma, de dar lugar a uma ‘ética do possível’, onde o ideal é posto, constantemente, em relação com a realidade das situações pessoais e do contexto social e cultural em que se vive”, aponta.

Giannino Piana é professor de Ética Cristã na Universidade Livre de Urbino, e de Ética e Economia na Universidade de Turim. É considerado um dos maiores teólogos morais da cena cultural italiana e internacional. Foi presidente da Associazione Italiana dei Teologi Moralisti. É autor de diversas obras, como *Omosessualità. Una proposta etica* (Assisi: Cittadella Editrice, 2010), *Etica scienza società. I nodi critici emergenti* (Assisi: Cittadella Editrice, 2005) e *Pregare e fare la giustizia* (Mangano: Edizioni Qiqajon, 2006).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que esperava do documento? Correspondeu às suas expectativas?

Giannino Piana - De fato, não esperava conteúdo diferente. A Exortação Apostólica do Papa Francisco reflete (e não poderia ser de outro modo), especialmente em relação às conclusões pastorais, as posi-

ções assumidas pelos dois Sínodos, contidas nos documentos finais (em particular, no segundo, o ordinário), e votadas por uma maioria de dois terços. Não significa, no entanto, que não haja aspectos de novidade e originalidade, que trazem claramente a marca pessoal do Papa. Entre estes merece

particular destaque a forte marca pastoral que perpassa todo o documento e lhe dá caráter de grande concretude.

IHU On-Line - A que visão de família o Papa se refere? O que se pode dizer do diagnóstico da situação atual, na segunda parte?

Giannino Piana - Não sou sociólogo e não posso expressar, com relação a isso, um juízo competente do ponto de vista científico. Fiquei impressionado, em todos os casos, pela análise detalhada e precisa que o Papa Francisco faz, que põe em causa os componentes sociais e culturais do estado de crise que a família atravessa, sem ceder em recriminações inúteis e previsões catastróficas.

Mesmo destacando a singularidade e a beleza da família cristã, fundada no matrimônio, não hesitou em colocar a tônica sobre a importância de superar “um estereótipo ideal da família” por considerá-lo “um interpelante mosaico feito de diferentes realidades” (n. 57), ou seja, de diferentes modelos e de diferentes níveis de participação. Tudo isso sem abrir mão da denúncia da presença, em nossa sociedade, de processos de deterioração, caracterizados pela emergência da lógica individualista, consumista e instrumental, que acabam fragilizando extremamente as relações familiares.

IHU On-Line - Que modelo ético é proposto pela Exortação Apostólica?

Giannino Piana - O modelo de ética próprio do documento - modelo já presente também em discursos anteriores do Papa e pela primeira vez na *Laudato Si'*¹ - está

¹ *Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que analisa e debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ>. O IHU também produziu um Medium sobre o tema. Confira em <http://bit.ly/1U28Fzl>. (Nota da **IHU On-Line**).

estritamente ligado a uma preocupação eminentemente pastoral. Trata-se da mediação entre a proposta evangélica em toda sua radicalidade e a atitude misericordiosa com as diferentes (e complexas) situações humanas. O ideal evangélico deve ser pregado em sua integralidade, com força, porque é o caminho para uma verdadeira humanização do indivíduo e da comunidade humana. Mas, ao mesmo tempo, devemos não esquecer o estado de precariedade e de limite próprio da condição humana, que depende, em última análise - e esta é a interpretação do cristianismo - da natureza criatural e da presença do mistério do mal no mundo.

IHU On-Line - Como se configurou, concretamente, esta proposta ética? A quais critérios de avaliação se faz referência?

Giannino Piana - *Amoris Laetitia* denuncia os limites da ética legalista e minimalista, insistente em questões doutrinárias ou em obrigações derivadas da lei. Coloca, ao invés, o acento no fato de que o agir moral encontra sua verdadeira manifestação na resposta que o homem dá a Deus que o chama, e em entregar o primado do próprio comportamento ao exercício da caridade. O ensinamento moral, portanto, deve perseguir o ideal da perfeição, deve incentivar os valores mais altos. Mas - enfatiza o Papa - o ideal deve ser proposto dentro da lei da gradualidade, contribuindo, assim, para que cada um - neste critério deve inspirar-se o discernimento - “encontre os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites” (n. 305). Trata-se, em suma, de dar lugar a uma “ética do possível”, onde o ideal é posto, constantemente, em relação com a realidade das situações pessoais e do contexto social e cultural em que se vive.

IHU On-Line - Em que termos o modelo descrito e os critérios assinalados aplicam-se às situa-

ções particulares analisadas pelo documento?

Giannino Piana - São particularmente significativos, a este respeito, os três verbos constitutivos do título do oitavo capítulo, onde são apuradas as questões críticas consideradas pelo documento. Acompanhar, discernir e integrar constituem um verdadeiro programa de pastoral (e não só), que destaca claramente o espírito com o qual o Papa Francisco convida a abordar as situações “assim chamadas irregulares” (que ele prefere chamar de “imperfeitas”), para colocar-se seriamente a serviço do seu crescimento. O objetivo é transformar estas situações em oportunidades, valorizando os elementos positivos e criando condições para ampliar suas potencialidades. Tantas e pontuais são as indicações para aplicação do discernimento que leve em conta - pense-se o cenário dos divorciados recasados - a diversidade das situações, e importante é o reconhecimento do valor do casamento civil enquanto constitui um ato de assunção de responsabilidade pública.

IHU On-Line - Há limites no documento, sobretudo em relação às expectativas? Quais são?

Giannino Piana - Os principais limites do documento encontram-se na passagem da enunciação dos princípios orientadores à sua aplicação nas situações críticas emergentes. Em particular, um pouco apressado é o julgamento sobre a questão do *gender*² - questão sem

² A edição 463 da revista IHU On-Line, de 20-04-2015, aborda o tema. Confira em <http://bit.ly/1r9SHID>. Nas Notícias do Dia, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, também há diversos textos sobre o tema. Entre eles *Léxico sobre o gênero*, artigo de Cristiana Pulcinelli, publicado pela revista Rocca, 15-04-2015, reproduzido pelas Notícias do Dia de 22-0-2015, disponível em <http://bit.ly/1SglzF1>; “*Gender*”, o engano perfeito em torno do gênero, artigo de Melania Mazzucco, publicado no jornal La Repubblica, 20-10-2015, reproduzido nas Notícias do Dia de 22-10-2015, disponível em <http://bit.ly/1S5owM3>; *A cruzada contra o gênero, o fantasma que agita os católicos*. Artigo de Michela Marzano, publicado no jornal La Repubblica, 22-06-2015, reproduzido nas Notícias do Dia de 24-06-2015, disponível

dúvidas delicada, mas que mereceria uma maior atenção devido à sua complexidade - e o mesmo pode-se dizer com relação à avaliação da homossexualidade, onde, ao lado de sublinhar a necessidade de atitude de maior compreensão, reafirmam-se as posições tradicionais do magistério, sem a atenção necessária para o significado pessoal e social que revestem as uniões entre pessoas do mesmo sexo.

Mais graves e articuladas, no entanto, são as alegações relativas à integração dos divorciados recasados. Neste caso, são oferecidas sugestões valiosas para a participação ativa na vida da comunidade cristã. Permanece aberta (e não completamente resolvida) a questão da comunhão eucarística: é importante a afirmação de que não se deve falar de estado de "pecado mortal", mas o reenvio do juízo ao discernimento, caso a caso, pelos pastores, constitui um encaminhamento talvez demasiado vago, também porque, na ausência de critérios de avaliação mais precisos, pode originar interpretações completamente diferentes, depen-

em <http://bit.ly/1r9U5dW>; confira mais textos em <http://bit.ly/1SND1jH>. (Nota da **IHU On-Line**)

dendo das posições doutrinárias (e ideológicas) de cada operador pastoral.

IHU On-Line - E sobre a questão da contracepção?

Giannino Piana - A posição do Papa, a este respeito, é prudente. Cita indicações da encíclica *Humanae Vitae*³ de Paulo VI⁴, onde é estabelecido o critério da responsabilidade geradora, não tomando, no entanto, posição sobre a questão dos meios, exceto para sublinhar,

3 *Humanae Vitae* (em português "Da vida humana"): encíclica escrita pelo Papa Paulo VI. Foi publicada a 25 de julho de 1968. Inclui o subtítulo Sobre a regulação da natalidade, descreve a postura que a Igreja Católica faz em relação ao aborto e outras medidas que se relacionam com a vida sexual humana. Segundo alguns geraria polémica porque o Papa nela definiu que a contracepção, exclusivamente por meios artificiais, é proibida pelo Magistério da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Papa Paulo VI: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

na sua avaliação, o critério do respeito pela dignidade humana.

IHU On-Line - Que efeitos terão as indicações da Encíclica na vida das comunidades cristãs?

Giannino Piana - Eu não tenho como fazer previsões precisas. Penso, de qualquer modo, ser indubitável que a Exortação pode (deve) ter reflexos decididamente positivos, acima de tudo, para criar um clima de serena abordagem dos problemas considerados. É importante o convite que o Papa Francisco dirige à comunidade cristã, de não esperar, sempre, todas as soluções de cima para baixo, mas para procurá-las, descendo para o coração das situações, com a consciência - o Papa cita aqui Santo Tomás de Aquino - de que a passagem, dos princípios gerais para os casos particulares, faz crescer a indeterminação. Há aqui, por um lado, uma visão articulada da Igreja, que abre espaço para a autonomia das comunidades locais e, por outro lado, a solicitação da assunção de responsabilidades por estas últimas. Responsabilidade que exige aquisição de maiores competências e implementação de uma pastoral encarnada e criativa. ■

LEIA MAIS...

- *Gênero, sexualidade e biopolíticas. Um olhar teológico.* Entrevista especial com Giannino Piana publicada nas **Notícias do Dia**, de 31-01-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1T7l1nh>.
- *Sexo e gênero: para além da alternativa.* Artigo de Giannino Piana reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 16-07-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/20FazXn>.
- *A ética do Papa Francisco.* Artigo de Giannino Piana reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 24-03-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/20FazXn>.
- *O questionário por uma Igreja viva.* Artigo de Giannino Piana reproduzido nas **Notícias do Dia**, de 07-12-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qsfmyu>.
- *Homossexualidade, primado da pessoa e da relação.* Entrevista com Giannino Piana reproduzida nas **Notícias do Dia**, de 29-10-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qsfmyu>.

A Igreja solteira, masculina e hierárquica que fala à família

Ivone Gebara analisa que *Amoris Laetitia* não rompe com velhas perspectivas, reforçando um mundo ideal que é distante do mundo de hoje

Por João Vitor Santos

A filósofa e teóloga Ivone Gebara não esconde sua decepção com a exortação apostólica *Amoris Laetitia*: “ingenuamente eu esperava que se dirigisse primeiro às famílias católicas, sobretudo àquelas que querem estar, na medida do possível, dentro de uma prática de seguimento das orientações do papado”. Ivone destaca tanto a dificuldade de absorção dos escritos pelo laicato como a necessidade da ação mediadora do clero. “Os pobres que quiserem entender alguma coisa do texto não poderão fazê-lo em forma direta, mas sempre através da mediação interpretativa de bispos, presbíteros, diáconos, etc.”, pontua.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Ivone desenvolve uma crítica à forma como a exortação manifesta o ideário conservador, hierárquico e masculino da Igreja acerca das famílias e suas múltiplas possibilidades de configurações. “Mais uma vez a Igreja aparece como sendo em

primeiro lugar a hierarquia masculina e célibe, hierarquia que não se constitui como família segundo o modelo indicado, mas que critica comportamentos e define orientações de vida como se fosse mestra dos complexos meandros do amor humano”, analisa.

Ivone Gebara é filósofa e teóloga que lecionou durante quase 17 anos no Instituto Teológico do Recife - ITER. Irmã religiosa, dedica-se a escrever e a ministrar cursos e palestras, em diversos países do mundo, sobre hermenêuticas feministas, novas referências éticas e antropológicas e os fundamentos filosóficos e teológicos do discurso religioso. Entre suas obras mais recentes publicadas estão *Compartilhar os pães e os peixes. O cristianismo, a teologia e teologia feminista* (2008), *O que é Cristianismo* (2008), *O que é Teologia Feminista* (2007), *As águas do meu poço. Reflexões sobre experiências de liberdade* (2005), entre outras.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - A quem a Exortação é endereçada? Como explicitar a questão dos destinatários?

Ivone Gebara - O endereço da Exortação é claro, embora trate da família e do matrimônio cristão. Dirige-se em ordem hierárquica: aos bispos, aos presbíteros e diáconos. Segue o mesmo estilo das cartas, encíclicas e exortações dos papas anteriores. Entretanto, devido ao tema, ingenuamente eu esperava que se dirigisse primeiro às famílias católicas, sobretudo àquelas que querem estar, na medida do possível, dentro de uma prática

de seguimento das orientações do papado.

Espantou-me o fato de que o Papa Francisco, querendo ser tão próximo do povo pobre e reiterando por diversas vezes que é preciso ir às ruas, ouvir os pobres, abraçar sua causa, uma vez mais escreva ou assine um texto tão vasto e tão inacessível aos pobres assim como ao comum das pessoas. Isto significa que os pobres que quiserem entender alguma coisa do texto não poderão fazê-lo em forma direta, mas sempre através da mediação interpretativa de bispos, presbíte-

ros, diáconos, etc. Enfrentamo-nos novamente ao problema da sutileza dos poderes religiosos e de sua capacidade de manter as mentes e os corações submissos a suas afirmações consideradas ‘verdades’ segundo Deus ou segundo a Bíblia.

A tão propalada responsabilidade pessoal e coletiva é reduzida à letra ou a uma retórica sem significativa eficácia na vida. Além disso, mais uma vez a Igreja aparece como sendo em primeiro lugar a hierarquia masculina e célibe, hierarquia que não se constitui como família segundo o modelo indicado,

mas que critica comportamentos e define orientações de vida como se fosse mestra dos complexos meandros do amor humano. Um mal-estar invade leitores/as que esperavam reflexões mais simples e diretas que pudessem ajudar na formação contemporânea das consciências, no respeito às diferenças e na responsabilidade coletiva.

IHU On-Line - O título da exortação não é um convite ao amor?

Ivone Gebara - O belo título da exortação "Alegria do amor" mais do que um convite ao amor é um convite ao pensamento a partir do cotidiano de nossas relações. Sabemos bem que embora haja alegrias no amor, o título parece esconder as tristezas do amor, os dissabores, as muitas frustrações, as inevitáveis desavenças, as quebras de confiança, a crueldade humana que se manifesta na vida de cada dia. Finalmente, esconde através de uma poderosa e sutil atitude 'paternal' a sujeição dos fiéis a um mundo idealizado que não é o nosso, a um mundo onde os poderes espirituais tendem a mascarar a complexa mistura de nossas vidas.

O mais grave em tudo isso é a justificação das orientações e interpretações dadas através do que entendem por "poder de Deus", não hesitando em subordinar consciências a seus 'pareceres' muitas vezes identificados também à liberdade. Há uma ambiguidade que atravessa o texto todo, sobretudo no uso de conceitos imaginados como 'aquisição tranquila' da comunidade de fiéis ou como evidentes na experiência de muitos. Há também uma espécie de defesa da hierarquia da Igreja que aparece como o lado que sabe e que tem razão na complexa história do mundo de hoje. É um lado que fala não como a publicidade consumista ou como os grandes desse mundo e nem como os que escorregam por caminhos que parecem ser contrários à ordem estabelecida por Deus. Os bispos reassumem sua função magisterial até em assuntos que parecem fugir de sua competência.

IHU On-Line - Pode esse documento à primeira vista ser inspirador de mudanças nas igrejas locais?

Ivone Gebara - O documento é de difícil e monótona leitura. A estrutura do texto e a alusão aos padres sinodais confunde o leitor, que se pergunta se as ideias vêm mesmo do Papa Francisco ou ele se sentiu obrigado a expressar algumas ideias que foram discutidas no Sínodo da Família. Além disso, existem várias questões da atualidade de nosso mundo consideradas de maneira muito geral e o tratamento que lhes é dado aparece como uma solução fácil, dependendo muitas vezes da vontade individual e do seguimento dos ensinamentos da Igreja.

Questões como a pobreza, a falta de emprego, de condições de moradia e saúde, a violência familiar, a emigração massiva que tornam difícil a vida familiar são abordadas muitas vezes em meio a um aparato bíblico, teológico e citações de documentos eclesiais. Tal procedimento, longe de esclarecer, obscurece a problemática e não lhe dá o devido valor no contexto atual de nossa história. O texto cheio de citações que justificam posturas tradicionais da hierarquia católica não permite que os leitores tenham uma visão mais integral das questões e até de possíveis novidades abordadas no Sínodo.

Não creio que essa Exortação poderá modificar muita coisa na prática das hierarquias religiosas em relação à vida concreta dos fiéis. Da mesma forma não há mudanças profundas no documento nem na forma, nem no conteúdo, que respondam aos novos desafios que estamos vivendo. Por isso não estou segura de que o texto possa ajudar, a não ser pela metodologia de convidar as pessoas a pensar de outra forma os desafios que a vida apresenta hoje.

IHU On-Line - Como aparece a mediação da Bíblia no texto?

Ivone Gebara - É espantoso observar que o uso da Bíblia como

primeiro fundamento das posições assumidas pelo Governo da Igreja em relação à família parece desconhecer o trabalho de muitos estudiosos e estudiosas dos textos considerados "sagrados". Apreende-se na exortação uma leitura interpretativa pré-crítica, idealizante e concordista das narrativas, desconhecendo os esforços não só das leituras histórico-críticas, mas das muitas hermenêuticas e leituras materialistas, populares, feministas e pós-coloniais das Escrituras. Muitas vezes temos a impressão da presença do "a Bíblia tem razão", método pastoral usado especialmente no século XIX e início do século XX por grupos fundamentalistas.

Além disso, muitas vezes se nota uma desconexão entre o sentido tradicional do texto e o uso que o Papa Francisco faz dele. Por exemplo, no parágrafo 23 justifica a importância do trabalho humano (Gênesis 2,15) falando dele como ordem divina e ignorando outras alusões ao trabalho como castigo à desobediência de Adão e Eva. Em outros termos, os textos e as interpretações são muitas vezes deslocados de seu contexto literário e usados para justificar posturas ingênuas sobre a família humana. Na mesma linha, usa a família de Nazaré como ícone para todas as famílias cristãs, idealizando-a mesmo quando fala dos sofrimentos vividos por Maria e José por conta da perseguição de Herodes e da fuga ao Egito.

Família ideal e mundo real

A partir dessa idealização, afirma a doutrina da Igreja sobre o matrimônio e a família fundada na indissolubilidade dos laços conjugais. E nessa linha afirma, ingenuamente, a capacidade de cada família de enfrentar-se às vicissitudes da vida e da história (parágrafo 66) a partir da manutenção dos laços sacramentais e da consideração da família de Nazaré como ícone da família cristã. Este tipo de abordagem simplista, na realidade, esconde o poder de controle

que a instituição, especialmente os prelados, querem ter sobre a vida dos fiéis. Encobre e silencia a realidade das relações humanas, a dificuldade dos tempos atuais e as novas formas de viver e conceber as relações humanas. E mais: raciocina sempre opondo um mundo ideal “querido por Deus” ao mundo real das relações cotidianas marcadas por nossas múltiplas paixões e fragilidades. Valoriza uma espécie de visão definitiva do matrimônio e da família em detrimento da capacidade que temos de recomeçar vínculos sem que por isso estes sejam levianos ou que busquem apenas uma satisfação egoísta.

IHU On-Line - E a teologia presente no texto apresenta novos desafios?

Ivone Gebara - Uma análise mais acurada seria necessária para captar as diferentes teologias presentes no texto. Entretanto, uma vista rápida me permite apenas dizer que a teologia da exortação retoma a mesma da tradição da Igreja expressa pelos pontífices anteriores especialmente a partir do Concílio Vaticano II¹. Na abordagem

¹ **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos** - IHU produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos** - IHU promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento po-

dos diferentes problemas vividos pelas famílias prima a caridade e a misericórdia antes do julgamento. Isso me parece uma boa coisa. Entretanto, os parâmetros teológicos do texto são limitados quase que exclusivamente às fontes do magistério da Igreja com referência especial aos textos dos dois últimos papas.

“

Ingenuamente eu esperava que se dirigisse primeiro às famílias católicas

IHU On-Line - Ainda no início da exortação, nos parágrafos 54, 55 e 56, o Papa reflete sobre ‘a mulher’ e critica a chamada ‘ideologia de gênero’. Como entender isso no atual contexto social?

Ivone Gebara - O parágrafo 54 inicia-se afirmando os direitos ‘da mulher’ e a importância de sua participação no espaço público. À primeira vista tal afirmação pode ser louvável, mas não é isenta de muitos problemas e dificuldades. Mais uma vez começa-se pelo abstrato ‘mulher’ como se a multiplicidade de rostos de mulheres se tornasse um problema. De fato, falar de mulheres, no plural, como pensa o feminismo é um obstáculo para o pensamento abstrato e monolítico da hierarquia que trabalha muitas vezes sobre conceitos distantes das vivências históricas reais.

Ao falar de ‘direitos’ a exortação parece isentar o cristianismo da responsabilidade de ter mantido através de sua teologia/ideologia as mulheres como inferiores aos homens até os dias de hoje. E mais, parece ocultar e silenciar o quanto as muitas reivindicações de grupos de mulheres em muitas partes do

dem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

mundo revelam a cumplicidade da hierarquia católica na manutenção da falta de direitos das mulheres.

Nessa linha o parágrafo continua falando “das formas de feminismo que não podemos considerar adequadas”, mas não esclarece quanto às formas de feminismo que lhes parecem adequadas. Quais seriam elas? Onde se situam? O que pedem elas do governo da Igreja? A exortação mais uma vez ignora o esforço histórico mundial de diferentes grupos de mulheres na conquista de direitos e respeito à sua dignidade nas diferentes instâncias sociais, políticas e culturais. Ignora ou omite as lutas históricas como as do sufrágio universal que continuam ainda presentes na atualidade de muitos países.

O desafio do gênero

No parágrafo 56, aparece a crucial questão de gênero (gender) como um desafio a ser considerado. Segundo o texto, afirma-se que a ‘ideologia de gênero’ “nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferença de sexo e esvazia a base antropológica da família”.

O que se entende por “reciprocidade natural”? O que de fato conhecemos é a não reciprocidade natural. Entretanto, conhecemos algo da reciprocidade histórica. Esta é uma aquisição árdua de alguns grupos que reconhecem os direitos de seus semelhantes e buscam afirmá-los nas relações sociais e familiares. Além disso, ao criticar a ‘ideologia de gênero’ o texto fala de previsão de uma sociedade sem diferença e sexo... O que seria a previsão de uma sociedade sem diferença de sexo? O que os redatores ou o redator entende por isso? Trata-se de uma questão de direitos, de ética?

Confesso a confusão e falta absoluta de clareza que este parágrafo provoca em qualquer leitor/a mais crítico. Justamente a chamada teoria do gênero e não ‘a ideologia de gênero’ com todos os limites admitidos pelas teóricas femi-

nistas é uma afirmação contra o absolutismo de uma cultura que nega a diferença e nos faz entrar e nos submeter ao mundo das normas 'masculinas' preestabelecidas como sendo 'natureza' e ordem divina. Faz-nos entrar em modelos de comportamento e em predefinições de conteúdos identitários nos culpabilizando se não correspondemos a eles. A noção de 'natureza' proposta pelo documento é de um simplismo atordoante. Parece crer numa espécie de ser humano natural já feito, nascido diretamente das mãos de Deus e à imagem de como eles (os escritores do texto) o concebem.

Identities preservadas monoliticamente

Entretanto, a crença nessa espécie de materialismo ordinário provindo de um Deus antropomorfizado os leva a afirmar, no mesmo parágrafo 56, que a ideologia do gênero não permite "guardar nossa humanidade, aceitá-la e respeitá-la como foi criada". Mais uma vez, o que significam essas afirmações?

Conceitos como teoria e ideologia, natural e antinatural, construções culturais, regras e códigos simbólicos, identidades plurais não são refletidas a partir de nossa contemporaneidade. As identidades monolíticas aparecem como sendo obra da criação divina da qual não podemos fugir. Isto parece fornecer uma base sólida de 'verdade' e responder às inseguranças, inclusive identitárias, do mundo de hoje.

Na exortação existe uma antropologia fixista que determina o que é o homem e o que é a mulher sustentada pela hierarquia de gênero e pela heterossexualidade muitas vezes compulsória tornada 'natureza'. Então somos convidados/as a ser compreensivos e tolerantes com os diferentes, ajudá-los em suas necessidades e até compreender seus limites. Mas, seguramente eles não gozam da condição de ser um modelo ideal de família. Eles e elas não poderão ser expressão his-

tórica do ícone da sagrada família de Nazaré.

A existência na diversidade

Encontramos na exortação algumas críticas negativas à noção de gênero, mas não uma problematização séria a partir da qual somos convidados/as a refletir e, sobretudo, a amar-nos a partir de nossas diferenças. No fundo só conhecemos as diferenças, a diversidade... Só existimos como vida diversificada e interdependente... A unidade é na realidade uma construção na linha da interdependência e dos inevitáveis conflitos presentes em nossa vida em família ou em sociedade e, portanto, em relação a tudo o que existe.

Entretanto, há para os padres sinodais ou para o Papa, como aparece no texto, categorias fundacionais de sexo e gênero elevadas a verdades naturais estabelecidas por Deus. Mas o que acontece quando os diferentes grupos sociais vivem outras relações, outras crenças a partir de seus corpos? A hierarquia da Igreja deve os condenar e os convidar à normatização segundo os parâmetros que estabelece. Não seria essa uma pretensão fadada à inoperância? Não seria uma forma de desacreditar a instituição e os serviços que ainda pode prestar? Na exortação podemos perceber a presença da tolerância para com pessoas consideradas vítimas, mas ao mesmo tempo uma intransigência em relação a teorias e filosofias que abalariam os alicerces do idealismo filosófico católico tão fortemente presente no texto.

IHU On-Line - Até que ponto a Exortação pode ajudar as famílias no mundo de hoje?

Ivone Gebara - Tenho dúvidas, muitas dúvidas em relação aos textos que não se baseiam na autoridade da vida com sua precariedade e suas contradições. Basear-se na vida não é apenas tomar alguns exemplos tirados daqui e de lá para fundamentar nossas ideias preconcebidas, para justificar o que pen-

samos. Basear-se na vida é resgatar outros jeitos de inspiração que a Bíblia e a Tradição podem nos oferecer, jeitos menos normativos, mais realistas e poéticos ao mesmo tempo.

Por exemplo, a beleza e a plasticidade da narração presente em Gênesis 2, um dos mitos bíblicos da criação do humano do húmus da terra misturado ao sopro divino e que poderia ser lido como poesia sobre o mistério humano, sempre mistura de barro, terra e sopro criativo. É claro que estou usando textos bíblicos, textos de nossa tradição, mas não lhes estou dando autoridade indiscutível sobre nós... Basear-se na vida é evocar sentidos, lembranças, analogias como se quiséssemos solicitar às pessoas que façam o mesmo a partir de suas vidas... Como se quiséssemos convidá-las a resgatar pedaços de suas vidas e aprender deles como fazia Paulo Freire² no método de alfabetização dos adultos. Resgatar palavras, experiências diversas e fundamentais que despertem em nós novas ternuras e novas possibilidades para sentir-nos bem em sermos simplesmente humanos.

Por isso é preciso que cada comunidade cristã escreva seus textos, suas diretivas, seus objetivos presentes... É preciso deslocar o magistério para o povo e permitir que escrevam suas cartas sobre e como suas vidas estão sendo vividas. O conhecimento universal ou universalizante apesar de sua importância nem sempre ajuda os pequenos grupos a crescerem por dentro e por fora. É certo que num mundo globalizado necessitamos de algumas análises globais, mas necessitamos, sobretudo, aprender

² **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-06-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da **IHU On-Line**)

desde o local, a fazer análises a partir de nossas próprias vivências, a criar a tradição de pensar nossa vida valorizando nossa história e nosso saber.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algo mais?

Ivone Gebara - Gostaria de finalizar essa conversa dizendo que acredito na boa vontade do Papa Francisco, reconheço o valor de muitas de suas iniciativas e admiro seu esforço na introdução de comportamentos e atitudes que indiquem opções éticas e evangélicas para o nosso tempo. Mas também percebo nele, como em muitos de nós, a "nostalgia das origens perfeitas". E essa nostalgia é ambígua e nos leva a querer um presente mais ou menos perfeito em vista de um futuro ou uma finalidade perfeita da vida.

Parece complicado o que digo, mas é bem simples. Limitando-me à proposta de vida presente no cristianismo, acreditamos que viemos de Deus ser perfeito e vamos depois dessa vida "ser nesse Deus perfeito". Há uma ideia de perfeição meio obscura que nos habita e nos faz buscar o homem perfeito, a mulher perfeita, a família perfei-

ta, a comunidade perfeita, como se o ideal da vida fosse a realização de uma perfeição projetada que não sabemos o que é. Creio que, embora tenhamos utopias de muitas espécies, estamos vivendo um tempo em que a vida nas suas diferentes expressões e dimensões nos aparece como uma realidade misturada. E que essa mistura expressa a grandeza e a pequenez, a beleza e a feiura, a bondade e a crueldade, a crença e a descrença em doses diferenciadas e em percepções diversificadas presentes nos seres humanos e em tudo o que existe.

Por essa razão, longe de destruir a nossa humanidade e diversidade, muitas teorias da atualidade têm nos ajudado a acreditar que somos mais do que as definições, determinações e classificações que fazemos de nós mesmos. Não podemos esquecer que esta diversidade também pode ser encontrada na Bíblia, por exemplo, em muitos textos que falam de Deus. Este aparece com uma diversidade imensa de rostos... É oleiro, tem mãos de artista, tem útero, seios, tristeza, cólera, é pai, é galinha que recolhe os pintinhos, é defensor dos oprimidos, é guerreiro, é

castigador, é vingador, lento na cólera, cheio de amor e misericórdia, brisa suave... Como diz o parágrafo 313 da exortação, "o amor assume matizes diferentes..."

Artistas, poetas e inventores de si mesmos

Essa plasticidade de imagens e símbolos reflete bem a efervescência e mistura da vida, essa mobilidade intensa da diversidade e da diferença que nos constitui. Por isso, somos convidados a amar o próximo, o caído na estrada, o malcheiroso, o diferente, e não só aquele ou aquela que pensa igual ou gosta das mesmas coisas. Talvez devêssemos tentar ser mais artistas, inventores de nós mesmos, poetas capazes de brincar com as palavras, de dividir pães, peixes e frutos na renovada dança de cada dia. Sair da rigidez do mesmo, das estruturas prefixadas dos documentos, das palavras de ordem e das teses magistrais... Sair dos conselhos em vista da perfeição desconhecida ou imaginada... Perceber que há mais bondade do que imaginamos e muita, muita beleza que não pode ser contida nos odres velhos de nossas teologias. ■

LEIA MAIS...

- *A presença da mulher na Igreja: retórica sem mudanças significativas*. Entrevista especial com Ivone Gebara, publicadas nas **Notícias do Dia** de 09-09-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1TTIquJ>.
- *Dois anos de Pontificado de Francisco*. Artigo de Ivone Gebara, publicada na revista **IHU On-Line** nº 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1RWslmL>.
- *Em defesa da legalização e da descriminalização do aborto*. Entrevista especial com Ivone Gebara, publicada na revista **IHU On-Line** nº 219, de 14-05-2007, disponível em <http://bit.ly/1Vs6oir>.
- *"Sair da concepção clerical ou papal da Igreja. Um desafio"*. Entrevista especial com Ivone Gebara, publicada nas **Notícias do Dia** de 17-08-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1MwafYu>.
- *"A atitude de condenação do aborto não é da Igreja, Povo de Deus, mas da hierarquia da Igreja"*. Entrevista especial com Ivone Gebara, publicada nas **Notícias do Dia** de 17-08-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/23yjWNE>.

Amoris laetitia e a superação de contraposições estéreis

Para Andrea Grillo, *Amoris Laetitia* é uma tentativa de solucionar as contraposições de visões que geram conflitos na Igreja

Entrevista de João Vitor Santos | Edição Patricia Fachin | Tradução de Moisés Sbardelotto

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* expressa o desejo do Papa Francisco de “trabalhar para unir, e não para dividir”, e sua busca por uma mediação para equilibrar tanto a vontade daqueles que “queriam ‘tudo novo’ quanto a daqueles que queriam a ‘confirmação do sistema’”, pondera Andrea Grillo ao comentar o documento, na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** por e-mail. Segundo ele, essas intenções papais são claras quando se lê que “é necessário sair da estéril contraposição entre a ânsia de mudança e a aplicação pura e simples de normas abstratas”.

Em sua interpretação de *Amoris Laetitia*, Grillo destaca ainda a percepção de uma “verdadeira novidade” no documento: “a renúncia a ‘resolver de cima’” as tensões familiares que chegam à Igreja e a “responsabilização dos ministros ‘próximos das famílias’” diante dos casos a serem tratados.

Segundo o teólogo, a Exortação deve ter um “primeiro impacto” justamente

numa “acurada redefinição da relação entre pontificado e Igreja”, à medida que *Amoris Laetitia* sinaliza o “início de um início”. Mas para que essa “redefinição” se concretize, o Papa Francisco “vai precisar de uma Igreja que assuma a responsabilidade de não se deixar substituir pelo superior de plantão. Despojando-se de um poder objetivo e opositivo, o papa investiu a Igreja da autoridade do Espírito, como dom de misericórdia que não exclui ninguém”.

Andrea Grillo é filósofo e teólogo italiano, leigo, casado, especialista em liturgia e pastoral. Doutor em teologia pelo Instituto de Liturgia Pastoral, de Pádua, é professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua. Também é membro da Associação Teológica Italiana e da Associação dos Professores de Liturgia da Itália.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual era sua expectativa, o que esperava do documento?

Andrea Grillo - Com base no que eu tinha lido durante o Sínodo e no que Francisco havia dito durante os trabalhos, eu tinha percebido a possibilidade de que o documento que encerraria a fase sinodal representaria uma passagem importante do Magistério deste pontificado. E, com efeito, trata-se de um texto de grande relevância, não só para compreender o desígnio pas-

toral de Francisco, mas também a história do Magistério católico na Igreja moderna e contemporânea. É uma reviravolta que realiza, pela primeira vez de modo tão pleno, o desígnio concebido por João XXIII¹ e continuado, ao menos em par-

¹ **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi canonizado em 2013 pelo Papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

te, apenas por Paulo VI. E é uma reação às tendências nostálgicas que caracterizaram uma parte do magistério de João Paulo II e uma grande parte do de Bento XVI².

² **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Destaque entre três e cinco pontos que acha importante no documento e justifique-os.

Andrea Grillo - Eis os 5 pontos mais relevantes para mim:

a) **o magistério não deve dizer tudo:** esse antigo critério eclesial, que tinha sido superado com o Concílio Vaticano II, chamado no fundo a “dizer tudo de novo ao menos uma vez”, volta à tona agora na prática magisterial. O ministério magisterial restitui à dinâmica eclesial a “mediação da contingência”, sem pretender enquadrá-la de uma vez por todas em uma “lei geral”;

b) **misericórdia e justiça não estão no mesmo plano,** mas a misericórdia é a origem e o fim da justiça. Isso tem consequências nada pequenas não só sobre a “gestão das crises” matrimoniais, mas também sobre o modo de entender o fundamento e o fim da família. Ele não é confiado *in primis* aos direitos e aos deveres, mas à experiência de um dom;

c) **Na história da Igreja, entrelaçam-se duas modalidades de relação com as crises: uma quer excluir, e a outra quer integrar.** Desde o Concílio de Jerusalém, a segunda prevaleceu sobre a primeira, até fazer com que o sentido próprio da Igreja decorresse dessa capacidade de integração;

d) **Uma profunda autocrítica sobre a relação da Igreja com o mundo moderno** se torna - indiretamente - uma importante afirmação eclesiológica: a relação entre Igreja e mundo é redefinida não sobre o registro negação/afirmação dos valores (inegociáveis), mas sobre o do reconhecimento dos “sinais dos tempos”. De uma lógica metafísica/cognitiva/autoritária a uma lógica experiencial/afetiva/ministerial.

e) **Conduzir tudo de novo ao encontro concreto com a Palavra de Deus como lugar do discernimento,** evitando entregar o juízo à linguagem abstrata de normas gerais, que se tornam “pedras” e que

traem o rosto materno da Igreja, enrijecendo-o na figura carrancuda de um juiz.

IHU On-Line - Destaque três avanços, novas perspectivas que o documento traz. Por que considera esses avanços?

Andrea Grillo - Muda o magistério: a relação entre autoridades centrais e autoridades periféricas é profundamente modificada. O papa tinha aprendido a resolver as controvérsias mediante uma norma eclesial que reservava para si a decisão. Francisco utiliza a própria autoridade para investir bispos e presbíteros de autoridade. Ele passa da lógica do *motu proprio* [“por iniciativa própria”] à do *motu communi* [“por iniciativa comum”]...

- **Muda a relação entre pastoral e jurídico:** a uma tradição que tinha reduzido o campo matrimonial a uma série de instituições jurídicas, quase erodindo todo espaço para o cuidado pastoral, responde-se com uma ação que está reequilibrando a via jurídica com a via pastoral. O espaço que se abriu parece ser “abissal”, mas, na realidade, é fruto não só da tradição, mas também do bom senso.

- **Muda o relevo do sujeito, da consciência e da história:** nesse percurso de abertura, o sujeito adquire um novo relevo “revelado”. Deus não está apenas na máxima exterioridade da lei, mas também na íntima interioridade da consciência. Deus como “*intimior intimo meo*” provoca uma reconsideração da relação entre exterioridade e interioridade, com uma recuperação da segunda. Poderíamos dizer que Francisco lê a *Humanae vitae* com os óculos da *Dignitatis humanae*. Cria uma nova síntese: *Dignitatis humanae vitae*!

IHU On-Line - Quais os limites do documento?

Andrea Grillo - Se devemos falar dos limites, devemos reconhecer que o documento tem a força de um “início”, ou, melhor, do início de um início. A sua profecia se choça, em alguns casos, com formu-

lações e expressões ainda ligadas ao modelo que também está sendo superado. Algumas partes - por exemplo, as dedicadas às mulheres e às referentes às diversas formas de convivência - sofrem de uma linguagem ainda formulada em uma linguagem preconceituosa.

IHU On-Line - Quais devem ser os impactos do documento sobre: a) o pontificado; b) a Igreja?

Andrea Grillo - O primeiro impacto é justamente uma acurada redefinição da relação entre pontificado e Igreja. Como eu dizia, hoje, com a *Amoris laetitia*, estamos no início de um início. A lei não é mais apenas pedagogia, a consciência se torna passagem obrigatória, a contingência não é mais abandonada à mercê de uma “objetividade” tão idealizada quanto agressiva. O início de um início nunca é fácil. Aos olhos de alguns, sempre pode parecer como o início de um fim. Um magistério que confia ao discernimento concreto a comunhão eclesial é um magistério que readquire força, porque volta ao leito da sua função original: servir à fé batismal, que, no matrimônio, realiza o Reino de Deus, embora com todas as crises e os seus fracassos. Aceitar que o matrimônio pode fracassar não é fraqueza, mas força do sacramento e da fé. Saindo do modelo exclusivamente institucional de leitura do amor, o Papa Francisco faz uma operação de “tradução da tradição” de primeira qualidade. Mas ele vai precisar de uma Igreja que assuma a responsabilidade de não se deixar substituir pelo superior de plantão. Despojando-se de um poder objetivo e opositivo, o papa investiu a Igreja da autoridade do Espírito, como dom de misericórdia que não exclui ninguém.

IHU On-Line - Como a exortação *Amoris Laetitia* deve ser lida? Quais as semelhanças com *Evangelii Gaudium*? (em termos textuais, de estilo das fontes que cita, e de conteúdo)

Andrea Grillo - Agora podemos compreender que a *Evangelii Gau-*

dium é a premissa teórica e argumentativa da *Amoris Laetitia*. E quem dizia que a primeira não era “magistério”³, agora, é forçado a permanecer nesse registro embaçoso... Da alegria do Evangelho, brota a leitura do amor como alegria. E é o olhar evangelizado que pode captar o amor, lá onde ele se manifesta, como anúncio de graça. Devemos ler a *Amoris laetitia* como a experiência da alegria do evangelho no contexto das formas familiares do amor.

IHU On-Line - Quais são as reações ao documento por parte de jornalistas, teólogos, e dentro e fora da Igreja? E como o senhor lê esse silêncio pré-divulgação?

Andrea Grillo - Acho que é justo ler esse “altíssimo silêncio” como o fruto de uma espera compreensivelmente inquietada. Esse itinerário de três anos, lançado pelas próprias palavras do Papa Francisco, tinha criado um clima de grande expectativa (e, para alguns, de extremo temor). Isso justifica a tensão e a hesitação dos últimos dias. Mas não justifica o fato de que principalmente aqueles que temiam o documento agora pretendem interpretá-lo sem lê-lo!

IHU On-Line - Como interpretar a afirmação do Papa que, logo no início do documento, diz que “é necessário sair da estéril contraposição entre a ânsia de mudança e a aplicação pura e simples de normas abstratas”? E como essa ideia reaparece e é reforçada ao longo da exortação?

Andrea Grillo - Parece-me que se deve julgar essa afirmação de Francisco de dois modos, que não devem ser considerados alternativos: por um lado, ela expressa o desejo de trabalhar para unir e não para dividir. Busca mediar entre aqueles que queriam “tudo novo” e aqueles que esperavam a simples

3 Confira o texto “*Amoris Laetitia*” não é magistério: a linha de resistência do cardeal Burke, publicado nas Notícias do Dia, de 13-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/22HzDwo>. (Nota da **IHU On-Line**)

“confirmação do sistema”. Mas, por outro lado, parece-me que esta é a verdadeira novidade: ou seja, a renúncia a “resolver de cima” e a responsabilização dos ministros “próximos das famílias”. Se o papa tivesse “decidido tudo”, ele teria feito prevalecer o espaço sobre o tempo. Delegando aos bispos individuais e aos párocos individuais o “cuidado pastoral do discernimento na misericórdia”, ele pôs as premissas para dar início a “percursos temporais de integração”. Em tudo isso, não há apenas “diplomacia”, mas, acima de tudo, uma determinada leitura da Igreja e das suas dinâmicas mais delicadas.

IHU On-Line - De que forma as discussões que emergem durante todo o processo sinodal são organizadas no documento? O que essa exortação revela acerca desse Sínodo em específico?

Andrea Grillo - O papa se refere com respeito e com liberdade ao texto da primeira e da segunda *Relatio*⁴. E utiliza também o patrimônio de proposições que vêm de toda a tradição recente e menos recente. É significativo, no entanto, que, como já aparecia depois da conclusão de outubro passado, a marca do documento brota da contribuição de discursos e de intervenções que o Papa Francisco tinha realizado justamente por ocasião dos dois Sínodos. E não é arriscado afirmar que o melhor teólogo, o mais afiado e o mais límpido, em todos esses três anos, foi precisamente o Papa Francisco.

IHU On-Line - Que conceito de família é possível se apreender a partir da leitura da exortação? Em que medida atualiza o conceito da Igreja sobre o matrimônio? Como avalia o tratamento dado as ditas famílias não convencionais (uniões homoafetivas, união de casais separados...)?

Andrea Grillo - Ao julgar a “imagem de família”, devemos reco-

4 A primeira *Relatio* é de 2014 e pode ser lida em Português em <http://bit.ly/1qTbE1v>. A segunda, de 2015, está disponível em <http://bit.ly/1YCT5Jy>. (Nota da **IHU On-Line**)

nhecer que, pela primeira vez, de modo pleno, depois de 140 anos, o Magistério papal, depois de ter cumprido todo o longo percurso sinodal, depois de escutar, dialogar, propor, acolher, selecionar, diz uma palavra sobre o amor e sobre a família, tenta sair do estereótipo “reativo” que o catolicismo se fez impor pela história política da Europa. Só podia sair do estereótipo um papa não europeu. Apenas o primeiro papa americano, apenas o primeiro papa “filho” do Concílio podia ter a liberdade e a força para sair do “complexo de perseguição” que, sobre o matrimônio, tínhamos amadurecido de Leão XIII⁵ em diante.

O matrimônio, de fato, há 140 anos, não significava, acima de tudo, “amor de casal”, mas sociedade, geração, educação. E, então, a contenda era: quem tem a competência sobre o matrimônio? O Estado usurpador ou o Supremo legislador, único legítimo? Essa herança também tinha permanecido 50 anos depois, quando, com Pio XI⁶, o tema da contenda tinha se tornado: quem tem o poder de gerar? Deus, naturalmente, ou o homem, artificialmente? E isso também se acrescentou à contenda anterior, até o Vaticano II. Sobre a família, as palavras da *Gaudium et spes*⁷, embora inspiradas nos tex-

5 Leão XIII (1810-1903): nascido *Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci*. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Papa Pio XI** (1857-1939): nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi Papa entre 6 de fevereiro de 1922 e a data da sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Gaudium et Spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o

tos anteriores, marcaram época, mas por pouco tempo. A *Humanae vitae* voltou a polarizar a tensão, com grande efeito midiático, mas com pouca eficácia prática. Por fim, chegou a *Familiaris consortio*, que começou a reconhecer a sociedade diferenciada, aceitando que a comunhão eclesial podia ser di-

lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da IHU On-Line, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTk>, intitulada A igreja: 40 anos de *Lumen Gentium*. Leia também: A *Gaudium et Spes* 50 anos depois e o Papa Francisco como o pai de uma igreja global. Conferência de Massimo Faggioli publicada nas *Notícias do Dia*, de 21-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1JerEBX>. (Nota da IHU On-Line)

ferente da comunhão sacramental. Mas ainda não tinha os instrumentos para responder a essa nova condição: ela sabia reconhecê-la, mas permanecia embaraçada sobre as formas concretas da resposta. Ela reconhecia o problema, mas respondia como se não o reconhecesse. Agora, Francisco pôde reconhecer que a “família natural” não é garantia da competência eclesial, mas forma original do mistério de Deus no ser humano.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Andrea Grillo - A renúncia a pôr uma “nova lei geral” - explicitada pelo Papa Francisco - significa que é a *Amoris laetitia* que redefine a linguagem e a disciplina da *Familiaris consortio* e não vice-versa! Como não faltaram aqueles que - de modo tão arriscado quanto surpreendente - ousaram tentar in-

verter as coisas, é preciso reiterar que, ao menos nesse plano, a *Amoris laetitia* está inserida no leito normal do magistério eclesial, com a sua hierarquia das fontes. E é singular, nesse caso, que sejam homens da hierarquia a não reconhecerem a hierarquia. Para contestar seriamente tudo isso, se deveria poder provar ou que a *Amoris laetitia* não é uma exortação apostólica pós-sinodal (exatamente como a *Familiaris consortio*, mas de 35 anos depois), ou que a *Familiaris consortio*, na realidade, é um texto de 2019! Mas haveria uma alternativa ulterior: conseguir demonstrar, com oportuna retrodatação, que a *Amoris laetitia* é um texto de 1980, de modo que a *Familiaris consortio*, de 1981, possa se tornar posterior e, portanto, superior na hierarquia das fontes... Ficção por ficção, esta, ao menos, teria uma aparência própria de dignidade. ■

LEIA MAIS...

- *Como reduzir a “Amoris Laetitia” a um “curativo”*. Artigo de Andrea Grillo publicado nas **Notícias do Dia**, de 06-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/twDnd>.
- *Misericórdia como princípio da diversidade reconciliada. O Jubileu e o grande ato de misericórdia que foi o Vaticano II*. Entrevista especial com Andrea Grillo publicado nas **Notícias do Dia**, de 03-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/twDnX>.
- *Sínodo: sem profecia não haverá prudência*. Artigo de Andrea Grillo publicado nas **Notícias do Dia**, de 08-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/twDoP>.
- *Absolvição e pena, no confessionário e no tribunal*. Artigo de Andrea Grillo, publicado nas **Notícias do Dia**, de 27-01-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1TeOGuM>.
- *Francisco, “não tradicionalista” e “pós-liberal”*. Artigo de Andrea Grillo, publicado nas **Notícias do Dia**, de 18-01-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1ra1oIX>.
- *O filho do Concílio e a luta contra o clericalismo*. Entrevista com Andrea Grillo, publicada na revista **IHU On-Line**, número 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1iHvfNw>.
- *As críticas “de esquerda” ao Papa Francisco*. Artigo de Andrea Grillo, publicado nas **Notícias do Dia**, de 08-01-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1Sgpi5v>.

Potência transformadora e conservadorismo num mesmo ato

Entre o obscurantismo à realidade LGBT e a transformação da Igreja. É nesta perspectiva que Francis DeBernardo analisa os movimentos de Francisco em *Amoris Laetitia*

Por João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

“**E**sse documento é o mais poderoso que o Papa Francisco já publicou até hoje”. É assim que o diretor executivo do New Ways Ministry, Francis DeBernardo, qualifica a exortação apostólica *Amoris Laetitia*. Isso porque, segundo ele, o documento tem o potencial de transformar a Igreja. “É um radical deslocamento do caráter julgador e punitivo do passado”, justifica. Entretanto, ressalta que essa potência transformadora pode não representar uma mudança de fato. A transformação da Igreja é posta sob uma condição: “se os bispos aplicarem os seus princípios nos cuidados pastorais. Eu espero e rezo para que eles façam isso, mas não acho que todos vão seguir as diretrizes de Francisco”. Para DeBernardo, essa abertura diz respeito a pontos menos polêmicos e que possam se articular com a ideia

de consciência dos fiéis. “Por muito tempo, a nossa Igreja se esqueceu do seu ensino sobre o primado da consciência. Respeitar a consciência é o primeiro passo para permitir um maior desenvolvimento da doutrina”.

Entretanto, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, DeBernardo destaca que o mesmo documento que traz toda essa potência preserva a fé e os modos de vida da comunidade LGBT ainda no obscurantismo.

Francis DeBernardo tem mestrado em Retórica e Composição pela Universidade de Maryland, Estados Unidos. Atua como diretor executivo do New Ways Ministry, um ministério gay-positivo que atua na defesa e justiça para lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros - LGBT católicos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual era sua expectativa quanto ao documento?

Francis DeBernardo - Eu esperava que o Papa Francisco afirmasse três itens importantes que surgiram no Sínodo: permitir tomadas de decisão mais locais no que diz respeito ao cuidado pastoral, promover uma linguagem mais pastoral por parte das lideranças da Igreja e chamar para uma Igreja que fosse menos julgadora e mais misericordiosa. Eu também esperava que ele oferecesse uma declaração afirmativa a respeito das pessoas LGBT¹.

¹ **LGBT** (ou ainda **LGBTTT**): sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de iden-

IHU On-Line - Quais os pontos que entende como os mais importantes da exortação?

Francis DeBernardo - O primeiro ponto é um chamado para o diálogo com as pessoas que têm pontos de vista diferentes. Ele pediu que as lideranças da Igreja sejam mais autocríticas e abertas a novas ideias e pontos de vista. Isso tem um grande poder para transformar a Igreja.

Depois, destaco o chamado para descentralizar a tomada de decisão pastoral, permitindo que os pastores locais tomem decisões com base na sua cultura e situação locais. Esse princípio vai permitir

tidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento. (Nota da IHU On-Line)

que os pastores sejam mais atentos ao seu povo e respondam de forma mais eficaz.

O chamado para que os pastores respeitem a consciência das pessoas também é algo importante. Por muito tempo, a nossa Igreja se esqueceu do seu ensino sobre o primado da consciência. Respeitar a consciência é o primeiro passo para permitir um maior desenvolvimento da doutrina.

Entretanto, a ideia de que a ajuda internacional aos países em desenvolvimento é contingente ao fato de eles aceitarem leis de igualdade do casamento é outro ponto importante porque é uma ideia falsa. É terrível que o papa repita essa falsidade no seu documento.

Por fim, também destaco a ideia, também presente no documento, de que as crianças precisam de um pai e de uma mãe para criá-los. Pesquisas mostraram que o gênero das pessoas que cuidam das crianças não é absolutamente importante. O importante é o amor e a preocupação que elas mostram a seus filhos.

IHU On-Line - Quais são os avanços, pontos centrais, que *Amoris Laetitia* traz?

Francis DeBernardo - O encorajamento à tomada de decisão local em situações de cuidado pastoral é importante. Isso permitirá que os pastores sejam mais eficazes com base na sua compreensão da sua cultura local. Isso elimina a terrível centralização da autoridade que se desenvolveu na Igreja Católica com João Paulo II² e Bento XVI³.

Destaco ainda como avanço a promoção do desenvolvimento da consciência e do respeito da consciência das pessoas. Essas são ideias que estão solidamente dentro da tradição católica, que parecem ter caído no esquecimento nos últimos 40 anos.

2 Papa João Paulo II (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de Outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

Por fim, é importante observar o chamado ao diálogo com aqueles que divergem do ensino da Igreja. É somente por meio do diálogo que o ensino da Igreja pode se desenvolver, dadas as novas realidades e compreensões. O diálogo ajudará a Igreja a viver o Evangelho de forma mais plena no mundo moderno.

IHU On-Line - Quais devem ser os impactos do documento sobre o pontificado e sobre a Igreja?

Francis DeBernardo - Esse documento é o mais poderoso que o Papa Francisco já publicou até hoje. Ele tem o potencial de transformar a Igreja. É um radical deslocamento do caráter julgador e punitivo do passado. Será o documento pelo qual Francisco será mais lembrado. Ele pode transformar a Igreja se os bispos aplicarem os seus princípios nos cuidados pastorais. Eu espero e rezo para que eles façam isso, mas não acho que todos vão seguir as diretrizes de Francisco.

IHU On-Line - Quais os limites do documento?

Francis DeBernardo - A dependência na Teologia do Corpo⁴ do Papa João Paulo II é uma séria limitação. As ideias presentes nessas palestras não representam entendimentos saudáveis da sexualidade ou do gênero.

A ausência de qualquer declaração positiva sobre pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais é uma séria omissão. Nesse documento, sempre que o papa aborda esses temas, ele o faz de forma negativa. No passado, ele mostrou uma notável abertura a essas questões. Ele deveria ter colocado ao me-

4 Teologia do Corpo: comporta o pensamento que o Papa João Paulo II desenvolveu nas Audiências de Quarta-feira de 5 de Setembro de 1979 a 28 de Novembro de 1984, com algumas interrupções. Estas catequeses se dividem em quatro ciclos, em que o Papa desenvolveu vários temas, começando pela exegese dos primeiros capítulos do livro do Gênesis, terminando na análise da *Humanae Vitae* de Paulo VI, passando por análises psicológicas, sobre a corporeidade do Homem, sobre o matrimônio e a eminente racionalidade da pessoa. (Nota da **IHU On-Line**)

nos uma mensagem afirmativa e acolhedora às pessoas LGBT nesse documento.

IHU On-Line - Em que medida a exortação revela o conhecimento da Igreja sobre as experiências e vidas de fé tanto de membros LGBT da Igreja como de seus apoiadores? Em que medida se aproxima da causa LGBT?

Francis DeBernardo - Infelizmente, no que diz respeito às questões LGBT, o documento se baseia em fórmulas e ideias antigas sobre as pessoas LGBT. As partes do documento que abordam esses tópicos poderiam ter sido escritas por João Paulo II ou por Bento XVI. Francisco não providenciou uma nova abordagem pastoral especificamente para as questões ou as pessoas LGBT. Eu temo que, pelo fato de suas únicas referências a esses tópicos serem negativas, os pastores vão continuar respondendo de forma negativa às pessoas LGBT.

A única afirmação do Papa Francisco que discute o cuidado pastoral às famílias com membros lésbicas e gays está incluída em uma seção intitulada "Iluminar crises, angústias e dificuldades". Tal classificação revela uma suposição de que os temas LGBT são simplesmente problemas a serem superados, e não reconhece o dom e a graça que ocorrem quando uma família aceita e ama seus membros familiares LGBT.

Embora o Papa Francisco repita a doutrina da Igreja que condena a discriminação e a violência contra as pessoas LGBT, o fato de que não haja nenhuma elaboração sobre esse ensino em relação a países que estão criminalizando as minorias sexuais e de gênero torna essas palavras ineficazes. Os dois Síndodos de 2014 e 2015, assim como as amplas consultas entre os leigos que os precederam, serviram como uma pesquisa para esse novo documento papal. Infelizmente, no que diz respeito às questões LGBT, não há nada na *Amoris Laetitia* que indique o grande apelo por novas abordagens para essas ques-

tões que ocorreram durante essas discussões.

IHU On-Line - O que o documento revela sobre as discussões em torno das questões de gênero que se deram ao longo de todo o processo do Sínodo? Houve espaços tanto para perspectivas mais progressistas como também conservadoras?

Francis DeBernardo - O documento revela que o Papa Francisco subscreve uma perspectiva sobre o gênero que foi promovida pelos conservadores antes do Sínodo. Ou seja, a ideia da “ideologia de gênero”, um termo em grande parte indefinido, que se opõe a qualquer mudança ao binário restrito macho-fêmea em grande parte das nossas culturas. Como resultado, a discussão sobre as pessoas transexuais é mal informada, mostrando nenhuma consciência sobre os novos avanços psicológicos e biológicos no que diz respeito à compreensão de gênero. O papa se baseia em um modelo estritamente biológico, que não é mais útil nem saudável para muitas pessoas.

IHU On-Line - Que avaliação faz sobre a abordagem que *Amoris Laetitia* traz acerca da educação sexual?

Francis DeBernardo - Eu não sou um especialista em educação sexual dos jovens, por isso para mim é difícil comentar sobre essa seção. Entretanto, uma coisa que eu acho errada, ao menos na tradução ao inglês [do documento], é que o papa usa o termo “sexo seguro” [safe sex] de uma forma que indica que ele se refere à prevenção da gravidez. Nos Estados

Unidos, “sexo seguro” se refere à prevenção da transmissão do HIV e de outras doenças sexualmente transmissíveis. A educação sobre o dano que essas doenças causam e sobre as formas para reduzir a sua transmissão são uma parte importante da educação sexual, assim que o jovem alcança a maturidade sexual. Embora a Igreja possa querer que os jovens se abstenham do comportamento sexual, o fato é que alguns deles vão se envolver na intimidade sexual e devem estar equipados com informações sobre como proteger a sua saúde.

A seção 285, que trata do ensino dos jovens a aceitarem os seus corpos como macho ou fêmea, não é útil para os jovens que estão experimentando a disforia⁵ de gênero, o que significa que o seu gênero psicológico interno não coincide com o seu gênero biológico. Assim como em grande parte desse documento, o Papa Francisco poderia ter sido mais útil para a comunidade LGBT ao reconhecer a sua existência, as suas situações únicas, as suas alegrias e lutas, e os seus dons.

IHU On-Line - Em que medida a figura do Papa que diz “quem sou eu para julgar”, sobre alguém que se declara homossexual, aparece no documento? A exortação endossa ou é um passo atrás nos testemunhos que vêm sendo dados por Francisco na relação com a comunidade LGBT e seus simpatizantes?

Francis DeBernardo - Eu diria que o documento é um passo atrás em relação ao Papa Francisco que

⁵ Disforia: estado caracterizado por ansiedade, depressão e inquietude (Nota da **IHU On-Line**)

disse: “Quem sou eu para julgar?”. Isso pode soar contraditório, porque o ponto principal do documento é ser misericordioso, não julgador. No entanto, a frase “Quem sou eu para julgar?” sinalizou para uma acolhida às pessoas LGBT, e essa acolhida está claramente ausente nesse texto. Nesse documento, o Papa Francisco ofereceu conforto para os divorciados, para os recasados e para as pessoas que coabitam, mas não ofereceu uma afirmação explícita semelhante para a comunidade LGBT.

IHU On-Line - Como avalia a argumentação de Francisco sobre a união homoafetiva quando, na exortação (AL 251), diz que “não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família”?

Francis DeBernardo - É bastante surpreendente e decepcionante que o Papa Francisco faça tal afirmação categórica. Muitos bispos e cardeais, até mesmo autoridades vaticanas, disseram que as uniões homoafetivas estáveis têm alguns elementos positivos para eles.

A teologia católica tradicional diz que o casamento tem tanto um elemento procriativo quanto um elemento unitivo. O elemento unitivo se refere à intimidade emocional que os parceiros compartilham um com o outro. Embora as uniões homoafetivas não sejam biologicamente procriativas, elas são claramente unitivas. Então, é simplesmente errado dizer que elas não são “nem sequer remotamente análogas ao desígnio de Deus sobre o matrimônio e a família”.■

LEIA MAIS...

- *Grupo católico gay recebe tratamento VIP no Vaticano pela primeira vez.* Reportagem da agência Reuters, em 18-02-2015, publicada nas **Notícias do Dia** de 19-02-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qpp4BD>.
- *Sínodo: mais autonomia para os bispos?* Artigo de Francis DeBernardo, publicado nas **Notícias do Dia** de 16-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1S7dO4h>.

Um marco para a Igreja pós-Vaticano II

Para Massimo Faggioli, a exortação sinaliza a disposição do papa para o diálogo com os religiosos e a sociedade

Por João Vitor Santos | Edição Leslie Chaves | Tradução Walter O. Schlupp

O perfil pastoral, disposto ao encontro com o outro, seja ele diverso de si ou não, continua permeando as ações de Bergoglio. Na exortação *Amoris Laetitia* essa característica se evidencia já na forma como ela foi elaborada. “É o primeiro documento que um papa publica como exortação pós-sinodal depois de um sínodo de verdade, com autêntico debate entre os bispos. Em certo sentido, é a primeira vez que um papa atua na colegialidade, colegiadamente, desde o Vaticano II”, ressalta Massimo Faggioli. Em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, o estudioso frisa que, por ser resultado de discussões no clero a respeito de temáticas complexas, como a questão do casamento e da sexualidade, a exortação torna-se uma referência para o pontificado de Francisco e para a Igreja pós-Concílio.

Apesar de apontar a importância e os avanços que *Amoris Laetitia* representa, ao longo da entrevista Faggioli também analisa alguns dos principais limites da exortação. “A lingua-

gem sobre mulheres e gênero é melhor do que em documentos anteriores, mas não se adapta bem à compreensão teológica vigente na teologia católica de hoje. É um passo em frente, mas ainda bastante tímido. O que não é um passo em frente é a seção sobre a homossexualidade, que basicamente é extraída do Catecismo”, avalia. Para o estudioso, o mais importante é que o documento não encerra os debates, mas propõe mais uma importante pauta para o papado, o qual, em sua análise, “transformou-se num púlpito global no século XX”.

Massimo Faggioli é doutor em História da Religião e professor de História do Cristianismo no Departamento de Teologia da University of St. Thomas, de Minnesota, Estados Unidos. Seus livros mais recentes são *Vaticano II: A luta pelo sentido* (Paulinas, 2013); *True Reform: Liturgy and Ecclesiology in Sacrosanctum Concilium* (Liturgical Press, 2012).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual foi a sua expectativa, o que esperava do documento?

Massimo Faggioli - A exortação *Amoris Laetitia* era esperada com particular apreensão, porque é o primeiro documento que um papa publica como exortação pós-sinodal depois de um sínodo de verdade, com autêntico debate entre os bispos. Em certo sentido, é a primeira vez que um papa atua na colegialidade, colegiadamente, desde o Vaticano II. A Igreja Católica ainda está tentando aprender a fazer isso. Além disso, o documento apresenta problemas culturalmente identificados com o catolicismo de hoje: casamento e sexualidade. O documento é um marco para o

pontificado e para a Igreja pós-Vaticano II.

IHU On-Line - Quais os pontos mais importantes no documento?

Massimo Faggioli - Em primeiro lugar, uma reafirmação do primado da consciência e a necessidade de a Igreja formá-los, não substituí-los - Francisco o diz exatamente com estas palavras. Em segundo lugar, o novo entendimento do papel do Bispo Papa de Roma e seu ensinamento, que é muito menos expansivo em Francisco e se fia muito mais numa Igreja descentralizada e inculturada. Em terceiro lugar, a ênfase sobre o discernimento espiritual e no “discernimento dinâmico”, a fim de decidir situações difíceis entre os fi-

éis e os pastores; e a ênfase sobre a ideia do gradualismo.

IHU On-Line - Quais são os limites do documento?

Massimo Faggioli - O limite geral do documento é que ele depende da forma como os bispos e pastores locais irão receber e aplicar *Amoris Laetitia* - e isso poderia ser uma má notícia para muitos católicos. Penso que, no que diz respeito ao texto, os limites deste documento estão nas seções sobre mulheres e gênero, e sobre a homossexualidade. A linguagem sobre mulheres e gênero é melhor do que em documentos anteriores, mas não se adapta bem à compreensão teológica vigente na teologia católica de hoje. É um pas-

so em frente, mas ainda bastante tímido. O que não é um passo em frente é a seção sobre a homossexualidade, que basicamente é extraída do Catecismo e refere-se a um documento da Congregação para a Doutrina da Fé do Cardeal Ratzinger¹. É resultado do retrocesso do Sínodo de 2015 contra as aberturas feitas no Sínodo de 2014. Dito isso, estas são claramente questões ainda em aberto para o debate, e esse documento não encerra o debate, o que é importante.

IHU On-Line - Quais devem ser os impactos do documento?

Massimo Faggioli - O documento é um desenvolvimento da teologia e da eclesiologia de Francisco: uma Igreja não ideológica, uma Igreja misericordiosa e uma Igreja que não faz de conta que a realidade não exista ou sempre seja uma exceção frente ao ideal. Os críticos de Francisco veem neste documento a continuação de um pontificado que não tem medo de adotar uma nova abordagem para questões disciplinares, tais como casamento e família. Neste sentido, [o documento] irá confirmar-lhes que este papa está mudando aquilo que eles pensam que não pode ser mudado. Mas eu os vejo como uma pequena

1 Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

minoraria, que desde o início tem demonstrado certa hostilidade para com Francisco - talvez devêssemos dizer um ódio - que seus antecessores nunca precisaram enfrentar. A recepção pode dar a impressão de uma Igreja dividida por causa de Francisco, mas na realidade Francisco está tentando curar a divisão encarando resolutamente a realidade. As divisões já existiam durante o papado de João Paulo II e Bento XVI, e agora se tornaram evidentes².

IHU On-Line - Como é que o documento lida com antigos conceitos tão presentes nos enunciados de Francisco, tais como misericórdia, tempo e espaço, não-julgar e inculturação? E como ecoam nele premissas e pressupostos de Bergoglio, que ele já tinha apontado na *Evangelii Gaudium*?

Massimo Faggioli - A exortação *Amoris Laetitia* baseia-se nos pressupostos fundamentais da *Evangelii Gaudium*³, mas desenvolve-os numa

² Confira o texto *Papa Francisco no olho do furacão: sobre a família, com as mãos atadas pelos bispos*, de Marco Politi, publicada no jornal *Il Fatto Quotidiano*, 12-04-2016, reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 13-04-2016, disponível em <http://bit.ly/23GNoma>. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Evangelii gaudium**: a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho, em português), publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais desti-

nação que terá impacto sobre a teologia moral (o papel da consciência, discernimento dinâmico) e sobre a eclesiologia (novo papel do papado, descentralização e soluções diferentes para problemas em diferentes partes do mundo). Ambas, *Amoris Laetitia* e *Evangelii Gaudium*, são exortações, e isso deveria representar alguma coisa para os que acreditam que os ensinamentos oficiais constam apenas em encíclicas...

IHU On-Line - Como se pode relacionar o conteúdo do documento com o momento que Francisco está atravessando como líder mundial? Qual é o eco e a relação com sua viagem a Lesbos, por exemplo?

Massimo Faggioli - Tecnicamente, essa exortação trata de uma questão interna da Igreja - o casamento -, mas no século XX o papado transformou-se num púlpito global. Se o papa diz algo sobre as questões morais, todo mundo vai notar, sejam católicos ou não. A credibilidade do papa em questões internas é a mesma credibilidade em questões globais (migrantes, justiça social, meio ambiente, etc.): não é apenas uma questão de relações públicas, mas uma questão de credibilidade daqueles que pregam o Evangelho de Jesus Cristo. ■

natários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *O que Francisco está dizendo com “Amoris Laetitia”?* Artigo de Massimo Faggioli reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1TRKrrm>
- *Uma guerra cultural assimétrica na Igreja de Francisco*. Artigo de Massimo Faggioli reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 29-01-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1Sg7DQL>
- *A heterodoxia política do Papa Francisco*. Artigo de Massimo Faggioli reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-11-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1pHtJ1y>
- *Francisco: o primeiro Papa totalmente pós-Concílio*. Entrevista especial com Massimo Faggioli publicada nas *Notícias do Dia*, de 10-05-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1MynUOC>
- *As oposições ao Papa Francisco*. Artigo de Massimo Faggioli reproduzido nas *Notícias do Dia*, de 11-10-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1oYoNop>

***Amoris Laetitia*. Aposta nos fieis como sujeitos conscientes e responsáveis por suas situações de vida familiar e conjugal**

Para Márcio Fabri dos Anjos, a Exortação Apostólica desempenhará um papel mediador na superação das tensões que envolvem aspectos doutrinários na Igreja, aposta o secretário da Sociedade Brasileira de Bioética

Por Patrícia Fachin

Os verbos “acompanhar”, “discernir” e “integrar”, que dão título ao capítulo VIII da Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, sinalizam que “nem todas as discussões doutrinárias, morais e pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais”, mas por meio de “um programa de critérios, atitudes e métodos que perpassam toda a Exortação”, diz Márcio Fabri dos Anjos à **IHU On-Line**, na entrevista a seguir, concedida por e-mail, ao comentar a exortação papal publicada no dia 08-04-2016.

Segundo ele, a proposta do Papa Francisco com o documento conclusivo do Sínodo sobre a Família consiste em demonstrar que é possível conciliar a base doutrinária da Igreja enquanto guia para a ação e uma interpretação her-

menêutica da doutrina para atender “as pessoas em suas situações e contextos concretos a partir dos quais se tecem as propostas e desafios da fé”. Nesse sentido, pontua, é importante “reconhecer” que se trata de uma Exortação “pragmática, isto é, que propõe uma forma de ver, analisar e encaminhar as muitas questões em torno da Família”.

Márcio Fabri dos Anjos é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, especialista em Bioética e atual secretário da Sociedade Brasileira de Bioética. Leciona Teologia no ITESP e Bioética no programa de doutorado do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os três pontos importantes da *Amoris Laetitia*?

Márcio Fabri dos Anjos - Em primeiro lugar diria que é uma Exortação programática: Acho importante reconhecer de saída que *Amoris Laetitia* é uma Exortação programática, isto é, que propõe uma forma de ver, analisar e encaminhar as muitas questões em torno da Família. É sintomático dar o nome de Alegria do Amor, ao tratar

de um assunto repleto de complexidade e tensões. É um título dinâmico, estimulante. Já no prólogo sinaliza que nem todas as discussões doutrinárias, morais e pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais. Antes que regras e determinações, o Papa desenvolve um programa de critérios, atitudes e métodos que perpassam toda a Exortação. O critério guia é o Amor misericordioso revelado em Jesus.

Diria, a seguir, que é uma Exortação ativamente mediadora. Vejo que neste momento da Igreja, *Amoris Laetitia* assume um importante papel mediador na superação das tensões que envolvem aspectos doutrinários e disciplinares. Despoja-se da figura de alguém que dá a palavra final, sem se reduzir a um mediador que faz ‘média’ de entre tendências. É um mediador que não bate de frente, mas convoca a uma participação no discernimen-

to. Esta função mediadora já começara bem antes com a decidida ênfase do Papa Francisco em assumir seu 'pontificado' na força originária do termo, como um 'construtor de pontes', um facilitador no enfrentamento dos problemas, um discípulo agilizador e animador entre tantos discípulos, aprendizes de Cristo na vida. Inovou em promover o Sínodo em duas etapas e não se assustou com o clima acalorado das discussões, estas nem sempre cordiais, como ele mesmo notou. Mas ressaltou o sucesso do processo sinodal pelo fato de se deixar falar e ouvir a voz das diferenças. Com esse passo indispensável era possível avançar nesta Exortação em busca de critérios para lidar com as diferenças. Em vez de entrar por uma revisão da indispensável base doutrinal na Igreja, propõe admitir que existam maneiras diferentes de interpretar alguns aspectos da doutrina ou algumas consequências que decorrem dela. Mas não deixa esta proposta hermenêutica sem um critério guia, o Amor misericordioso que o Espírito ensina no discernimento em meio às diferentes situações e contextos. O Papa considera centrais na Exortação os dois capítulos sobre o Amor. À luz do Amor, a revisão doutrinal terá seu tempo mais amadurecido para ser feita se for necessária. É notável como esta Exortação cita explicitamente inúmeras contribuições de diferentes episcopados na leitura de seus contextos particulares.

E diria, além disso, que *Amoris Laetitia* é uma extraordinária aproximação entre a fé cristã e as experiências concretas das pessoas. Não me refiro só aos casais e filhos, mas também aos teólogos e ao clero, em especial aos bispos, que exercem diferentes serviços no discernimento e animação da vivência cristã nesta área. Traz mais liberdade aos Episcopados para a construção de diretrizes inculturas em seus contextos, e maior descontração à reflexão teológica para pesquisar e argumentar. Mostra uma preocupação constante em

ver as pessoas em suas situações e contextos concretos e as anima a serem interativas e responsáveis em sua trajetória de vida cristã. Resgata as contribuições sinodais trazidas dos diferentes contextos e culturas, e considera o cotidiano da vida das pessoas submetidas aos condicionamentos socioambientais. Muda com isto o foco sobre a pureza da doutrina da fé para o seu serviço em animar a vida das pessoas em suas fragilidades e no enfrentamento dos problemas. Reconhece que a insistência em aspectos doutrinários não tem o efeito animador que se imagina, especialmente quando transformado rapidamente em culpa e um peso que se deve carregar por toda vida. A Exortação provoca uma união participativa das pessoas que concorrem ao discernimento, cuidado e vivência cristã da vida familiar.

IHU On-Line - Quais são os limites da *Amoris Laetitia*?

Márcio Fabri dos Anjos - As conjunturas do momento eclesial da *Amoris Laetitia* são indispensáveis para falar de limites desta Exortação. Pois dentro de tais contextos o Papa escolhe linguagem, estilo, abrangência de questões e sobre tudo linhas pelas quais incorpora quais citações de documentos, contribuições de episcopados e de autores. Note-se que há inclusive uma citação bastante longa de Martin Luther King. Então, o que às vezes pode ser apontado como limite, pode ser por outro lado visto como opção e até mesmo como força do texto no seu gênero. Um exemplo estaria na possibilidade de criticar a interpretação dada pela Exortação à alguns textos bíblicos citados. Mas a liberdade de trazer a evocação desses textos para o tom maior da Exortação confere leveza e maior compreensão a seu estilo, sem comprometer a sustentabilidade do núcleo central de sua mensagem. Algo semelhante se diria da escolha seletiva que faz de afirmações em documentos citados, onde não visa fazer uma leitura crítica

de tais documentos, mas apontar neles os elementos que subsidiam as propostas da Exortação.

IHU On-Line - Que avaliação geral faz da *Amoris Laetitia* como documento conclusivo do Sínodo sobre a família?

Márcio Fabri dos Anjos - Para fechar esta dupla etapa sinodal, cheia de tensões e tendências opostas; repleta de desafios antigos e novos, aguçados pelas transformações sociais; com posicionamentos opostos que se arrastam nestes cinquenta anos de pós-Concílio, esta Exortação me parece de grande lucidez e adequação para nem acirrar os ânimos, nem se refugiar em uma média concessiva às diferentes posições. Ao contrário, mesmo que frustrate quem gostaria de ver suas posições confirmadas pelo Papa, ele convoca a todas as pessoas cristãs a participar de um processo de construção, onde as regras e disciplinas não estão todas dadas, mas precisam ser ajustadas e mesmo revistas sob um olhar renovador de amor misericordioso.

IHU On-Line - Qual tende a ser o impacto da *Amoris Laetitia* na Igreja e no pontificado de Francisco?

Márcio Fabri dos Anjos - O impacto depende muito da acolhida a esta forma de ser Igreja que Francisco sugere. Acolher, aqui, significa mudar, e mudar não sempre fácil. Temos convicções e interesses formados; com isto há também diferentes formas de resistência. A força de impacto desta Exortação está certamente no despojamento de uma autoridade que decide, para uma autoridade que exorta e convoca à união de esforços no discernimento e encaminhamento dos problemas, à luz do Amor maior que nos precede e ilumina. Sob esse ponto de vista, *Amoris Laetitia* não vem isolada, mas faz parte de um conjunto; nem diz respeito apenas às questões da vida cristã familiar, pois refere um modo

de proceder coerente também no enfrentamento de muitas outras questões da vida cristã em comunidade eclesial.

IHU On-Line - Como analisa a escolha dessas premissas como base para a fundamentação da exortação apostólica? Como essas três premissas são sustentadas ao longo da exortação?

Márcio Fabri dos Anjos - Entendo que estas premissas mostram a opção de Francisco por uma Exortação de perfil programático e moderador ativo, como anotei acima, dentro do qual considera os diversos atores e fatores na experiência familiar cristã.

De um lado os prementes desafios que brotam da pluralidade de contextos e forçam na direção de soluções às vezes rápidas e práticas, ou talvez antes mostrem impaciência diante da defasagem entre as doutrinas e o cotidiano das práticas; de outro a necessidade da análise reflexiva para a busca de discernimento e o encaminhamento coerente com os conteúdos da fé; e de outro ainda, o necessário papel da autoridade que coordena e anima tal processo, para cujo desempenho propõe uma forma mais participativa e não de todo centralizada.

De modo geral vejo esses critérios sustentados ao longo da Exortação. Uma ilustração é seu modo de se referir à poligamia. Reconhece que existem culturas com práticas poligâmicas, mas se exige de antecipar juízo específico, ao mesmo tempo em que anota as contundentes críticas ao machismo e a necessidade de reciprocidade nas relações de gênero.

IHU On-Line - Qual é o significado da escolha do Salmo 128 para refletir sobre a família?

Márcio Fabri dos Anjos - Vejo a escolha desse salmo 128, junto com o 127/126, para mostrar a inserção dos filhos nas interações amorosas

da vida em família. A Exortação menciona (n.14) o contexto cultural antigo desses salmos, e com isto subentende o patriarcalismo, a condição subordinada da mulher e o significado político-econômico dos filhos no tecido social. Mas argumenta que, mesmo assim significa que os filhos trazem plenitude à família e sua consequente missão de lhe transmitir os valores da fé. Pode-se questionar se seria adequado fazer tal recorte seletivo em meio a outros aspectos hoje polemizados em nossos contextos. Mas para responder a isto há que considerar a Exortação voltada para uma pluralidade maior de culturas.

IHU On-Line - O capítulo III da Exortação Apostólica, que trata da vocação da família, pode ser uma fonte de inspiração para as crises que as famílias enfrentam desde sempre? De que modo?

Márcio Fabri dos Anjos - Este capítulo é emblemático na Exortação, pois ao tratar das tradições, doutrinas e documentos eclesiais, o Papa confere no título uma ideia de caminhada em resposta à vocação de Jesus na vida familiar. Desde o início mostra a preocupação em superar a redução de tudo a uma 'doutrina fria e sem vida'. Para isto, a tônica de sua proposta se volta para os principais valores que estão subjacentes às afirmações, e isto pode ser uma fonte de inspiração nas famílias, mas na difícil tarefa desse capítulo, não se trata só disso, mas fomentar uma releitura teológica e pastoral das tradições e doutrinas.

IHU On-Line - No parágrafo 39, o papa associa parte dos problemas de relacionamento que se evidencia hoje à decadência cultural. Como analisa esse ponto?

Márcio Fabri dos Anjos - Vejo nesse parágrafo o esforço em mostrar ambiguidades que se apresentam em procedimentos e práticas da vida atual, respondendo a um ethos cultural dominante. Esta crí-

tica está bastante subsidiada por pensadores que analisam tais processos. Não diria que a referência a 'uma decadência cultural que'... signifique ali a afirmação generalizada à decadência cultural de nossos tempos. Apontam-se ambiguidades presentes, e em outros momentos se reconhece o potencial dos modos contemporâneos de vida.

IHU On-Line - A misericórdia, tema do Ano Santo, está presente na Amoris laetitia? Como ela se manifesta nas palavras do papa Francisco?

Márcio Fabri dos Anjos - Como já disse, esta Exortação é expressão coerente com o conjunto de opções de fundo assumido por Francisco na construção de seu pontificado. O Ano Santo da Misericórdia, no ensejo de aniversário jubilar do encerramento do Concílio Vaticano II, é o grande marco de sua convocação a rever tudo pelo critério do Amor misericordioso. Mais do que no uso de palavras, a Exortação propõe atitudes geradoras de procedimentos de misericórdia no discernimento e animação da vida eclesial em termos de família.

IHU On-Line - O documento final do Sínodo enfatiza a necessidade de se "acompanhar" e "integrar" as famílias em situações irregulares ou difíceis para que elas participem da vida da Igreja. Como a exortação sugere que deva ocorrer esse acompanhamento e essa integração?

Márcio Fabri dos Anjos - Este ponto específico começou a ser enfrentado pelo Papa bem antes, quando estabeleceu novas disposições sobre a autoridade dos Bispos no discernimento e encaminhamento sobre as ditas 'situações irregulares'. A Exortação, ao considerar tais situações, intitula o capítulo 8 com a expressiva pauta de 'acompanhar, discernir e integrar a fragilidade'. Considera inadequa-

do tratar o assunto pelo simples enquadramento na irregularidade, sem cuja solução não há integração na comunhão eclesial.

Referindo-se a pessoas divorciadas recasadas, e qualquer outra situação em que as pessoas se encontrem, afirma que "Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho!". Insiste na condição de aprendizes frágeis que somos como ponto de partida necessário para discernir, mas também integrar as pessoas a partir desta condição.

Considerando a variedade enorme de situações concretas, diz

com clareza que não é possível uma norma geral, canônica, aplicável a todos os casos. O acompanhamento supõe discernir os diferentes momentos e aderir aos valores evangélicos que os interpelam e iluminam. É particularmente interessante como ali se supõe e incentiva a que os casais sejam interagentes no discernimento e compreensão dos procedimentos, e não simples subordinados a disciplinas que se estabelecem.

IHU On-Line - A *Amoris laetitia* dá conta de solucionar a dicotomia entre as práticas concretas dos indivíduos reais e as orientações teóricas da Igreja?

Márcio Fabri dos Anjos - Esta pergunta é frequente e reflete um desejo de soluções práticas para questões urgentes. Estamos habituados a chegar a estas soluções enquanto possível após um período de discussão, e depois disso com uma autoridade que 'bate o martelo' para solucionar. Do começo ao fim, a *Amoris Laetitia* entende que a solução destas questões não se dá por simples determinações que facilmente são incapazes de ser proteção e animação às pessoas em suas diferentes situações. A Exortação oferece então uma nova forma de solucionar; uma forma, a meu ver, prenhe de sabedoria evangélica. ■

LEIA MAIS...

- *Como vencer as barreiras da individualidade? Entrevista especial com Márcio Fabri dos Anjos*, publicada nas **Notícias do Dia** de 10-11-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://migre.me/twAyZ>.
- *Anticoncepcionais e Igreja: *Humanae Vitae*, 40 anos depois*. Entrevista publicada em na edição nº 255 da **IHU On-Line**, de 22-04-2008 e disponível em <http://migre.me/twAHu>.

CICLO DE ESTUDOS EM EAD



SOCIEDADE SUSTENTÁVEL
EDIÇÃO 2016

21 DE MARÇO A 2 DE MAIO DE 2016 (VIA MOODLE)
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: IHU.UNISINOS.BR

Misericórdia e amor. '*Amoris Laetitia*' como ponto de partida e não somente de chegada

Para Cesar Kuzma, o documento é o resultado de uma etapa,
"mas não o fim de um percurso"

Por Patricia Fachin

“**A** misericórdia é a chave para se ler a Exortação *Amoris Laetitia*, porque é a maneira como Deus exprime o seu amor e é desta forma que ele nos convida a seu seguimento”, diz Cesar Kuzma ao comentar o documento conclusivo do Sínodo para a Família. A convite da **IHU On-Line**, Kuzma respondeu, na tarde desta sexta-feira (08-04), logo depois da divulgação do texto, por e-mail, algumas questões, nas quais apresenta suas reações iniciais à leitura da Exortação. O teólogo chama a atenção para o sentido do bilhete que Francisco entregou junto com o documento, o qual invoca a proteção da Sagrada Família. Segundo ele, “o iluminar pela Sagrada Família exige de nós, cristãos, um entendimento maior, pois esta família não surge perfeita, não surge plena, mas sim vulnerável. É na vulnerabilidade da família de Nazaré que Deus fez a sua morada”.

Para Kuzma, entre os pontos essenciais para compreender *Amoris Laetitia*, destacam-se “a realidade das famílias, que mesmo sendo geral, torna possível algumas percepções; a questão do amor, muito bem desenvolvida, quase como um tratado para o casal e para a família, um verdadeiro aprofun-

dar da teologia do Matrimônio enquanto sacramento; e as questões pastorais conflitivas, com destaque ao capítulo VIII”. Ele frisa que, conforme esperado, o documento tem limites, mas deve ser visto “como um processo ainda não conclusivo”.

Em relação ao entendimento da realidade das famílias, Kuzma pontua que “a multiplicidade das formas” familiares “parece ter ficado um pouco de fora” do discurso do Papa. A reflexão sobre o amor, por sua vez, embora seja outro “ponto chave da Exortação”, é descrita num nível que pode ser considerado “utópico”, “o que justifica a descrição da busca, do caminhar que o documento propõe”. No entanto, menciona, “há um limite humano no amar: somos fracos, erramos, caímos, não conseguimos ver o todo”.

Cesar Kuzma é professor de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. É teólogo leigo, casado e pai de dois filhos.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 10-04-2016, no sítio do **Instituto Humanitas Unisnos - IHU**, disponível em <http://bit.ly/1TVCWQ0>.

Confira a entrevista.

HU On-Line - Depois da realização dos dois Sínodos dos Bispos sobre a Família, qual era a expectativa acerca da publicação de *Amoris Laetitia* em relação aos principais temas que foram discutidos durante o Sínodo?

Cesar Kuzma - Bom, é necessário dizer, antes de tudo, que os dois Sínodos que antecederam e que resultaram nesta publicação (2014 e 2015) foram os Sínodos mais discutidos e mais comentados da história da Igreja recente. É fácil de

encontrar os encantos e esperanças que foram suscitados em vários lugares, mas também as inúmeras tensões que “supostas perspectivas pastorais” criaram nas comunidades, entre teólogos e bispos, e ao redor do próprio Papa, inclusive



A multiplicidade das formas familiares parece ter ficado um pouco de fora

com pronunciamentos contrários (e publicações) de pessoas muito próximas a ele, lançadas, intencionalmente, nas vésperas de cada Sínodo. Estes são fatos que devem ser considerados, pois diante de tudo isso, percebe-se a atitude de Francisco, sempre discernindo, sabendo ouvir e dizer da maneira correta e no momento oportuno. Este cuidado pastoral, mas, ao mesmo tempo, a coragem de uma resposta nova transpareceu nas Assembleias Sinodais e se percebe também no novo documento.

A meu ver, essa proximidade com as discussões tem várias razões: a primeira delas, e a mais óbvia, é a facilidade com que se multiplicam as informações dentro da nossa cultura atual, e elas nos chegam rapidamente, de acordo com a interpretação do veículo e do agente que a transmite, podendo ser fiel ou não, construtiva ou não. Também tem o fato de ter havido duas consultas públicas, os dois questionários que foram enviados a toda a Igreja, que chegaram e foram frutuosos em vários lugares, mas que também não chegaram, por razões diversas, em outros. Esta é uma primeira impressão.

Francisco e a Igreja

Porém, outros fatores favoreceram esta discussão e acredito que precisam ser considerados:

1) a pessoa e a proposta eclesial de Francisco, que desde o momento de sua eleição e desde as suas primeiras atitudes e discursos ofereceu à Igreja a possibilidade de um "novo tempo", uma primavera, como se chamou. É preciso reconhecer aqui que Francisco, como nenhum outro neste tempo moder-

no, está nas rodas de conversas e discussões que tocam assuntos de Igreja e além dela, seja por pessoas de Igreja, seja por pessoas de fora;

2) depois, o celebrar dos 50 anos do Concílio Vaticano II, que por sua vez, fez a Igreja revisitar alguns elementos essenciais de sua compreensão eclesiológica e missionariedade, e que, talvez, com Francisco, por tudo aquilo que o envolve, tiveram mais força. Um exemplo disso é o resgate da sinodalidade, a colegialidade eclesial, a liberdade de falar e de caminhar além de uma visão monolítica de Igreja (e da teologia), o desprendimento e a abertura a novas realidades, a proposta de uma Igreja "em saída" e que não tenha medo de enfrentar e se "enlamear" com os desafios que nos chegam, sempre numa atitude de diálogo, num pastoreio, aspectos característicos do Vaticano II;

3) O tema em si. Falar de família na atual sociedade é falar de um tema bastante caro e conflitivo, com muitas atenuações e percepções. No entanto, Francisco entendeu que o tema era necessário e urgente, pois novas situações mereceriam novos posicionamentos e novas respostas, não tanto doutrinárias, mas pastorais;

4) a proposta da misericórdia, que, sabiamente, ele coloca como ano jubilar e convida toda a Igreja a esta reflexão. Um olhar atento às suas catequeses, a muitos dos seus pronunciamentos e mesmo às intervenções das Assembleias dos Sínodos faz notar que o tema da misericórdia que surge como algo fundamental para a Igreja (pois Deus é misericórdia, ele afirma!) sempre foi evocado.

Misericórdia: a chave para ler *Amoris Laetitia*

E, penso eu, a misericórdia é a chave para se ler a Exortação *Amoris Laetitia*, porque é a maneira como Deus exprime o seu amor e é desta forma que ele nos convida a seu seguimento, tendo em nós o mesmo sentimento (cf. Fl 2,5). Mesmo sabendo que a sua recepção terá limites, pois ainda que traga e exalte profundas verdades da fé, bem desenvolvidas, é bom que se diga, as mesmas são lidas e entendidas no atual contexto, e sempre há um limite. É assim que ele encerra a Exortação, reconhecendo-os, mas convidando as famílias e a Igreja a um caminhar na esperança.

IHU On-Line - Quais são os três pontos importantes de *Amoris Laetitia*?

Cesar Kuzma - Não imagino como algo fácil encontrar já, neste momento, os três pontos mais importantes da Exortação. É possível fazer leituras, e aqui faço uma primeira. Contudo, gostaria de elencar três pontos que, na minha leitura, considero que são essenciais, pelo menos, naquilo que busquei compreender do documento: 1) a realidade das famílias, que mesmo sendo geral, torna possível algumas percepções; 2) a questão do amor, muito bem desenvolvida, quase como um tratado para o casal e para a família, um verdadeiro aprofundar da teologia do Matrimônio enquanto sacramento; e 3) as questões pastorais conflitivas, com destaque ao capítulo VIII.

Realidade das famílias

Ao falar da realidade das famílias, Francisco retoma e assume elementos que foram tratados a partir do primeiro Sínodo, buscados em questionários que foram respondidos e rediscutidos no segundo Sínodo. Num olhar geral, e aqui também pode ser um limite do documento, a sua intenção acomoda-se melhor numa visão de família e de Igreja do ocidente, talvez mui-

to próxima a nós, mas distante de outras realidades e culturas, dados que podem se fazer notar com mais presença nos capítulos posteriores. Mas, mesmo em linhas pequenas, é possível observar a preocupação e a chamada de atenção para com algumas realidades, algumas muito críticas e que marcam a realidade de inúmeras famílias e que necessitariam de um olhar mais atento de todos nós; dizem respeito à dignidade da vida e à sobrevivência de muitas famílias que são vítimas da pobreza, vítimas da escravidão, há o drama da migração, a exploração, venda e morte de mulheres e crianças, dentre outros elementos. Alguns dados merecem uma parada e uma reflexão.

Um artigo que chama a atenção é o n. 46, que retrata aspectos de muitas famílias em nosso mundo. Francisco, na Exortação, faz críticas ao modelo de vida da atual sociedade, que causa falência de modelos familiares (n. 41); ao mesmo tempo, tem a coragem de denunciar os abusos contra menores, cometidos no seio familiar, mas também dentro de muitas comunidades cristãs (n. 45). O texto não avança nos muitos e novos modelos de concepção familiar, no entanto afirma que a força de uma família está “na capacidade de amar e de ensinar a amar” (n. 53); chama a atenção para a condição da mulher (n. 54), e aqui é algo que poderia puxar uma reflexão, uma recepção nossa a partir daqui; e diz que não se quer impor ou se chegar a um estereótipo de modelo familiar, mas afirma que as diversas situações nos interpelam num mosaico de muitas realidades, e as realidades que nos preocupam são desafios que não podem ser ignorados (n. 57).

Amor

A questão do amor transparece por todo o documento, mas ganha uma atenção especial em dois capítulos. É uma parte bela do texto, uma catequese e um convite à experiência do amor, que para o texto é caminho, é busca, é encontro, é um amor que necessita aprender

a conviver com a imperfeição (n. 113). Aqui, a beleza não está no contemplar o belo e a retidão, como algo concreto, mas está em amar. Só o amor converte, e converte na acolhida sincera.

Pensando para além do texto, mas em sintonia com ele, afirmo

“

É na vulnerabilidade da família de Nazaré que Deus fez a sua morada

que acolher não é ignorar o outro em sua situação, mas é ver no outro algo que nem ele mesmo vê, e por essa razão o acolhe: acolhe num amor que decide amar - amando. O amor é uma busca. E toda esta parte é recheada com um jeito Francisco de ser, ao dizer, recuperando uma de suas mensagens: na família é necessário usar três palavras: “com licença”, “obrigado” e “desculpa” (n. 133). Bem próximo. Vale destacar a bela reflexão que ele faz sobre o hino do amor da Carta aos Coríntios, refletindo cada parte, cada palavra e aplicando esta intenção à vida do casal e na vida familiar. E vai além, aliás, é o nome da Exortação.

Questões pastorais

As questões pastorais conflitivas. Aqui encontramos pontos já no capítulo VII, mas o grande enfoque está no capítulo VIII. Por certo, é onde se esperava uma resposta mais clara de Francisco, até mesmo pelas discussões em períodos sinodais. Todavia, vê-se que ele escolheu um caminho diferente, legítimo, obviamente, e que merece ser evidenciado. O capítulo VIII chama a atenção para três palavras que já surgiram no final do Sínodo, tanto no discurso do Papa quanto no relatório final: “acompanhar”, “discernir” e “integrar”.

E eu diria que a chamada para este trato pastoral deve ser feita na misericórdia, que é a chave para se ler esta parte e uma atitude fundamental para a Igreja, mas que parece estar ausente, ou não tão valorizada. O Papa sugere um olhar mais à pessoa do que à lei, obrigando pastores e comunidade a um despojamento e a um encontro mais próximo com cada realidade. Pede sensibilidade e ternura. Não se pode ter uma normativa geral, já que não somos juízes dos outros, pois cada realidade atende a uma especificidade, chama a uma intenção.

Dito isso, a pergunta que fica é: então, como ficam aquelas situações difíceis, que são tidas como “irregulares”? Estão fechadas? A resposta é não! Contudo, seria um engano se alguém olhasse esta parte como uma busca meramente objetiva: sim e não. A resposta é mais profunda e Francisco quer sair da normativa, ele quer provocar a Igreja a uma atitude de atenção, cuidado e misericórdia.

Ele mesmo diz: na Igreja existem dois caminhos, a misericórdia e a integração (n. 296). Uma realidade leva à outra e ninguém pode estar fora, e a lógica da integração é a chave para o acompanhamento pastoral. Desta forma, a comunidade que acompanha e a pessoa que se encontra em determinada condição terão um processo de discernimento. E, mediante este processo, num caminho que se decide por percorrer de mãos dadas, na experiência do amor que chama ao novo e ao encontro, podemos dizer que não há razão para alguém ficar de fora da comunidade, de fora de uma participação ativa.

E, aqui, é algo que assumo na minha interpretação, mesmo o texto não dizendo diretamente, podemos concluir que também não haveria razão para uma pessoa que tem consciência da sua condição, pois discerniu e busca o encontro e vive um amor verdadeiro e fecundo, que oferece um testemunho firme da fé, não haveria impedimento para um acesso aos sacramentos, sobretudo à Eucaristia. No

entanto, a chamada é para a misericórdia e para o discernimento, e esta é uma tarefa de duas mãos, da pessoa (do casal) e da comunidade. Um desafio.

IHU On-Line - Quais são os limites de *Amoris Laetitia*?

Cesar Kuzma - Os três pontos que mencionei acima apresentam limites em si mesmos. A realidade das famílias em um âmbito maior, a multiplicidade das formas, parece ter ficado um pouco de fora deste discurso. Mesmo não tendo a intenção de ter um modelo único, a linguagem do documento acaba reforçando certos aspectos, o que vai exigir das comunidades uma recepção criativa do próprio documento, buscando verdades além dos contextos, a fim de se encontrar dentro dele e ver passos novos a partir dele.

A questão do amor é um ponto chave da Exortação, é bem descrita e num nível alto - diria até utópico -, o que justifica a descrição da busca, do caminhar que o documento propõe. No entanto, há um limite humano no amar: somos fracos, erramos, caímos, não conseguimos ver o todo. Seria necessário ver a amplitude da misericórdia e a maneira como ela se pautará em todos os níveis da vida cristã.

Diria o mesmo nestas chamadas mais conflitivas. Francisco aposta no discernimento da comunidade, no foro pessoal e íntimo (na consciência) e na vigência dos pastores. Mas e aí? Isso será acolhido? De que forma?... Seria mais cômoda uma decisão mais direta, mas por alguma razão ele optou por não a fazer e trouxe o que já se projetava no Relatório Final, o que em alguns aspectos é um avanço. Seria errado dizer que ele confirmou o que já se havia dito. Não. Ele traz novidade à maneira de falar, os aspectos levantados são novos e as chaves de interpretação de amplitude pastoral também. É evidente que uma linha mais conservadora da Igreja vai se encontrar no documento e vai ressoar aquilo que lhe convém, mas também é certo afirmar que há uma linha e há uma intenção.

Faz-se necessário ver um pouco mais à frente. Mas vai requerer um esforço de toda a Igreja, a fim de que a recepção seja eficaz. Ele mesmo apontou que há limites, é a forma como ele termina.

Relações homoafetivas

Outro limite é com relação às novas concepções familiares e aos homoafetivos, principalmente. Não há na Exortação um olhar de condenação, ao contrário, pede-se acolhida e ajuda da comunidade para com as famílias que têm filhos que se descobrem nesta condição. Já era sabido que não haveria uma equiparação ao sacramento do matrimônio, mas deixa lacunas; fala também da integração destes na comunidade. O mesmo para com a fala sobre a mulher. É firme, mas

“
O texto não precisa fornecer todas as respostas, mas agora obriga a um passo a mais

esta ainda é uma causa à qual a Igreja precisa se voltar com mais propriedade. O texto também evita entrar em questões da bioética de maneira mais forte. Ele menciona, trabalha e busca pontos positivos na *Humanae Vitae*¹, mas não os desenvolve. Ainda assim, oferece pontos de novidade e de reflexão, além do fato de convidar os teólogos da moral a novas buscas e entendimentos.

¹ **Humanae Vitae** (em português “Da vida humana”): encíclica escrita pelo Papa Paulo VI. Foi publicada a 25 de Julho de 1968. Inclui o subtítulo Sobre a regulação da natalidade, descreve a postura que a Igreja Católica faz em relação ao aborto e outras medidas que se relacionam com a vida sexual humana. Segundo alguns geraria polémica porque o Papa nela definiu que a contracepção, exclusivamente por meios artificiais, é proibida pelo Magistério da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

Entendo que o texto não precisa me fornecer todas as respostas, mas agora obriga, de nossa parte, a um passo a mais, isto é, de que maneira podemos somar, trazer algo novo. Para alguns, o Documento será um ponto de chegada, mas para muitos - e aí eu me incluo - é um ponto de partida; acredito que há margens para isso. Talvez até aí se possa perceber certo discernimento de Francisco. Para ele, demos um passo, mas outros devem ser dados, e, para que esses passos ocorram, a comunhão de toda a Igreja se faz necessária.

IHU On-Line - Que avaliação geral faz de *Amoris Laetitia* como documento conclusivo do Sínodo sobre a família?

Cesar Kuzma - Eu vejo como um processo ainda não conclusivo. Ele trouxe novas respostas, novas chaves de entendimentos, novas provocações pastorais, mas ainda abre espaço para novos caminhos e para novas buscas. Houve uma intenção de respeitar aspectos importantes do Relatório Final e uma tentativa de articular as várias Conferências Episcopais. Percebe-se que há o tom de Francisco, desde a linguagem, a abordagem, o jeito pastoral de tratar as coisas, mas também transparece a causa sinodal, isto é, o resultado do Sínodo se fez presente e é percebido nas linhas do documento.

IHU On-Line - Qual tende a ser o impacto de *Amoris Laetitia* na Igreja e no pontificado de Francisco daqui para frente?

Cesar Kuzma - *Amoris Laetitia* reforça a questão da Alegria do Evangelho em toda a Igreja e agora, de modo especial, na intimidade da família, que, como Igreja doméstica, é chamada ao anúncio e a esta nova experiência no amor. Francisco tem um jeito pastoril de conduzir a Igreja, ele não quer estar acima, nem à frente, mas ao lado, e provoca a Igreja a esta mesma atitude: estar um ao lado do outro, pois o caminho de fé é um caminho que se percorre junto, comunitariamente, sendo a força e a esperança do outro, para o outro. Ele tenta trazer isso para

o documento e em muitas de suas linhas ele consegue provocar essa reação, quando fala sobre a mãe, sobre os pais, o comparar com a casa, uma casa onde se faz experiência de Deus.

Veja, são riquezas que partem de uma experiência dele e que ele oferece à Igreja, também neste documento. Francisco não teve a preocupação de responder a tudo, há limites no documento, como também há limites no seu Pontificado. Outras leituras mais críticas e mais focadas em partes específicas vão apurar esses dados. No entanto, isso faz parte da natureza humana da Igreja, que é peregrina. Mas ele responde habilmente ao que lhe chega, recheando com docilidade a experiência do Reino, que é sempre vida e liberdade, caminho e prontidão numa fé que exige abertura.

Resultado de uma etapa

O Documento é o resultado de uma etapa, mas não o fim de um percurso. Também Francisco faz parte de um processo. E, como o próprio nome sugere, Francisco é um projeto de Igreja; e este projeto exige de cada fiel, seja ele leigo ou leiga, sacerdote ou bispo, religioso ou religiosa, uma nova atitude, um desprendimento, um abandonar-se na misericórdia de Deus e um arriscar "ousado" na sua graça.

Repito aqui o que ele falou em Aparecida, durante a Jornada Mundial da Juventude - JMJ: precisamos nos deixar surpreender por Deus. Trazendo isso ao texto, ao

que se quis dizer sobre a família e sobre o amor, é na família e na entrega de um para com o outro que este amor acontece e se torna pleno. É no nosso jeito de ser pai, mãe e filho, em cada lugar, em cada tempo, na esperança de uma Igreja e de famílias (que são

“

A chamada para este trato pastoral deve ser feita na misericórdia

Igrejas!), que caminham e arriscam se "enlamear" na estrada da vida. O amor é um dom recebido, o que precisamos fazer é acolher e decidir amar, aprendendo e ensinando os gestos do amor.

O documento exige uma decisão, assim como o seu pontificado.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Cesar Kuzma - Sim, gostaria de reforçar uma tese que tenho defendido em outras publicações e que vi ser algo que Francisco apontou, inclusive usou isso na entrega do documento, pedindo as bênçãos da Sagrada Família: de Jesus, Maria e José. E assim ele também en-

cerca o seu documento, com uma oração.

O iluminar pela Sagrada Família exige de nós, cristãos, um entendimento maior, pois esta família não surge perfeita, não surge plena, mas sim vulnerável. É na vulnerabilidade da família de Nazaré que Deus fez a sua morada, numa jovem menina frágil, grávida fora do casamento, e num pobre trabalhador, tido como o homem justo. Em seu tempo, esta família encontrou as portas fechadas, mas viram em Deus um olhar compassivo. Eles aceitaram e se abriram à graça, e a graça os tornou plenos. Vale a pena se ater a esse detalhe, pois vivemos num mundo e estamos numa Igreja onde muitas famílias estão machucadas e é para elas que deve valer a nossa misericórdia. Hoje, muitos Josés, Marias e muitos jovens como Jesus perambulam em nossas comunidades e nem sempre abrimos as portas.

Também, no texto, Francisco nos brinda com inúmeras passagens bíblicas, mas uma em especial, a passagem de Apocalipse 3,20, que diz: "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo". Acredito que esta é a resposta para os desafios apontados e para a chamada que o texto nos faz no capítulo VIII, a qual devemos discernir e acolher. Diz o texto que a caridade verdadeira é imerecida, incondicional e gratuita (n. 296). Ora, como não estar à mesa, quando o próprio Cristo nela está, quando ele próprio me convida e se faz refeição? ■

LEIA MAIS...

- *Sínodo: a tentativa de um olhar pastoral sobre as famílias.* Entrevista especial com Cesar Kuzma, publicada nas Notícias do Dia de 11-05-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1T968AR>.
- *Minha experiência como Leigo na Igreja.* Depoimento de Cesar Kuzma, publicada nas Notícias do Dia de 05-05-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/265s5lk>.
- *O adeus de Bento XVI e o futuro da Igreja: o que esperamos agora?* Artigo de Cesar Kuzma, publicado nas Notícias do Dia de 01-03-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/23Bj6Q9>.

Amoris Laetitia e a crise política brasileira na 54ª Assembleia da CNBB

Sérgio Coutinho comenta a Exortação Apostólica e a “estranha neutralidade” dos bispos no atual momento político do país

Por Patricia Fachin

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, como todas as “grandes Assembleias conciliares e sinodais, destinadas a marcar em profundidade a vida da Igreja”, deve ser analisada a partir de três elementos: “o evento em si, os documentos nele aprovados e a sua recepção”, diz Sérgio Coutinho à *IHU On-Line*, ao comentar o documento do Papa Francisco. Na avaliação dele, o “núcleo duro, inovador e desafiador” do documento publicado por Francisco é o capítulo VIII, intitulado “Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade”, que, se for bem recebido, significará “a maior revolução experimentada pela Igreja nos últimos 1.500 anos”.

Esse capítulo, informa, foi tema de discussão na 54ª Assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, que ocorreu de 06 a 15 de abril. No encontro, diz Coutinho, enfatizou-se a “lei da gradualidade” e reforçou-se “a solicitação de Francisco para as atitudes dos pastores que não se pre dispõem a acolher a complexidade que caracterizam as situações ‘irregulares’ e que desafiam a solicitude pastoral da Igreja”. Tendo em vista esse ponto, “em sintonia com a Exortação”, a Assembleia debateu o “Moto Proprio ‘Mitis Iudex Dominus Iesus’ sobre a ela-

boração de um Vade-Mecum para direcionar os procedimentos de solicitação de nulidade matrimonial”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail na tarde de quarta-feira, dia 13-04, em meio à realização da Conferência, Coutinho também lembra que o encontro debateu, entre outros temas, a revitalização do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social - CERIS e a Comissão Episcopal para a Amazônia, e a posição de “neutralidade” assumida pela CNBB no atual momento político. “É decepcionante e um desrespeito à memória de muitos bispos e de agentes de pastoral que lutaram pelos direitos civis e políticos neste país, a posição da CNBB com esta Nota”, referindo-se à nota publicada pela CNBB na tarde de quinta-feira, dia 14-04¹.

Sérgio Ricardo Coutinho é professor de História da Igreja no Instituto São Boaventura de Brasília e da disciplina “Serviço Social, Religião e Movimentos Sociais”, no curso de Serviço Social do Centro Universitário IESB de Brasília.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 14-04-2016, no sítio do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**, disponível em <http://bit.ly/1NcTfqq>.

Confira a entrevista.

1 IHU On-Line - Que avaliação geral faz de *Amoris Laetitia* como documento conclusivo do Sínodo sobre a família? Ela atendeu suas expectativas?

1 A nota foi publicada nas Notícias do Dia de 15-04-2016, no sítio do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**, disponível em <http://bit.ly/1WvyTup>. (Nota da **IHU On-Line**)

Sérgio Coutinho - Penso que precisamos trazer para aqui o ensinamento do Cardeal Yves Congar² e dos historiadores Giu-

2 **Yves-Marie-Joseph Congar** (1904-1995): foi um teólogo dominicano e Cardeal francês. É considerado um dos maiores eclesiólogos do século XX, que abriu a eclesiologia católica ao ecumenismo.

seppe Alberigo³ e Pe. José Oscar Beozzo⁴: em todo acontecimento

3 **Giuseppe Alberigo** (1926-2007): historiador da Igreja Católica. Sua obra mais importante foi a direção da iniciativa editorial *Storia del Concilio Vaticano II*. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **José Oscar Beozzo**: padre, teólogo e coordenador geral do **Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação**



Desde o início, Francisco vem procurando oferecer gestos e palavras de diálogo e de acolhida com todos

eclesial, especialmente aqueles, como as grandes Assembleias conciliares e sinodais, destinados a marcar em profundidade a vida da Igreja, três elementos devem ser tomados em consideração sempre:

- o evento em si;
- o(s) documento(s) nele aprovado(s); e, finalmente,
- a sua recepção.

Este princípio heurístico-hermenêutico ajuda-nos a construir uma compreensão mais adequada do que apenas ficar concentrado, exclusivamente, na interpretação da Exortação. Mesmo se ficássemos debruçados sobre o texto, a “teoria do círculo hermenêutico”, amplamente popularizada por Frei Carlos Mesters⁵, também deveria ser um princípio para a leitura séria e serena da Exortação: texto, contexto e pré-texto.

Diferentemente do que vinha sendo a práxis dos Sínodos anteriores, marcadamente “de cima para baixo” onde os membros da Cúria já tinham definido o “sen-

tido” das discussões (como bem me relatou um dos brasileiros que participou do 13º Sínodo sobre a “Nova Evangelização”: “Não gostei! Muito pouco participativo!”), o 14º Sínodo, sobre a Família, seguiu o caminho eclesiológico desejado pelo papa Francisco em consonância com a formulação de São João Crisóstomo⁶: “Igreja e Sínodo são sinônimos”.

É evidente que se deve levar muita em conta todos os textos produzidos (e não são poucos) nas duas etapas deste Sínodo (Documento Preparatório, Instrumentum Laboris, Relatio ante disceptationem, Relatio post disceptationem, Relatio Synodal, Lineamenta e Relatio Finalis) finalizando com a Exortação *Amoris Laetitia*. Mas, para mim, o método de sinodalidade empregado foi muitíssimo importante e espera-se que continue no futuro: a ampla consulta aos membros do povo de Deus e duas assembleias (extraordinária e ordinária) com a presença constante de Francisco (cum Petro et sub Petro).

Resultados

O resultado foi um levantamento amplo, por meio de um questionário enviado a todas as dioceses do mundo, dos muitos desafios sociais, culturais e econômicos enfrentados pelas famílias, bem como as difíceis questões pastorais.

⁶ São João Crisóstomo (347 – 407 d. C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

Além do que, o evento “sinodal” foi um momento privilegiado de “agir comunicativo” (Habermas) e para que Francisco conhecesse claramente “quem é quem” e com quem poderia contar no seu projeto de “reforma” da Igreja. Por isso, pediu que cada padre sinodal falasse com clareza, abertamente, e com parrésia e humildade: “Uma condição geral de base é a seguinte: falar claro. Que ninguém diga: ‘Isto não se pode dizer; pensará de mim assim ou assim...’. É necessário dizer tudo o que se sente com parrésia.

Depois do último Consistório (Fevereiro de 2014), no qual se falou sobre a família, um Cardeal escreveu-me dizendo: ‘é uma lástima que alguns Purpurados não tiveram a coragem de dizer certas coisas por respeito ao Papa, talvez julgando que o Papa pensasse de outra maneira’. Isto não está bem, isto não é sinodalidade, porque é necessário dizer tudo aquilo que, no Senhor, sentimos que devemos dizer: sem hesitações, sem medo”.

O resultado deste exercício de “caminhar juntos” (povo, bispos e papa) foi o de dar as condições necessárias para implantar as “reformas” nos costumes. Com a aprovação do Relatório Final com os 2/3 dos votos necessários, ninguém poderá acusá-lo de autoritário e muito menos de herético.

E vejo o Cap. VIII da Exortação como seu núcleo duro, inovador e desafiador. Se houver uma boa recepção por parte do povo de Deus, pelo menos deste capítulo, teremos, como disse o Cardeal Walter Kasper⁷, “a maior revolução experimentada pela Igreja nos últimos 1500 anos”.

IHU On-Line - Quais são os três pontos importantes de *Amoris Laetitia*?

Sérgio Coutinho - Segui o conselho de Francisco para a leitura da Exortação: “não aconselho uma

⁷ Walter Kasper (1933): teólogo alemão, cardeal, foi responsável, na Cúria Romana, pela relação da Igreja Católica com as outras Igrejas Cristãs. (Nota da **IHU On-Line**)

leitura geral apressada. Poderá ser de maior proveito, tanto para as famílias como para os agentes de pastoral familiar, aprofundar pacientemente uma parte de cada vez ou procurar nela aquilo de que precisam em cada circunstância concreta. É provável, por exemplo, que os esposos se identifiquem mais com o quarto e quinto capítulo, que os agentes pastorais tenham especial interesse pelo capítulo sexto, e que todos se sintam muito interpelados pelo oitavo” (AL, 7).

De fato, também me senti interpelado pelo Cap. VIII e, como você me pede, levanto três pontos.

1) Mudança de paradigma: gradualidade e discernimento

Para desenvolver este capítulo, Francisco, além de recorrer aos ensinamentos do papa João Paulo II, desenvolve sua teologia moral com muita liberdade e sempre numa perspectiva indutiva.

Apoiando-se em São Tomás de Aquino⁸, o Papa afirma que “as normas gerais apresentam um bem que nunca se deve ignorar nem transcurar, mas, na sua formulação, não podem abarcar absolutamente todas as situações particulares”. Desta forma, numa perspectiva tomásica, entre o conhecimento geral da norma e o conhecimento particular do discernimento prático, prefere ficar com “o conhecimento da realidade particular porque está mais próximo do agir”. (AL 304, nota 348)

Além disso, faz amplo uso dos três parágrafos que tiveram maior número de “non placet” do Rela-

⁸ **São Tomás de Aquino** (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Em suas duas “Summae”, sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época: são elas a *Summa Theologiae* e a *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

torio Finalis do Sínodo: os números 84, 85 e 86. Na Exortação, Francisco cita quase que por completo os números 84 e 86, e considera o 85 como “muito apropriado” (AL 299 e 300).

Aqui desenvolve o que Kasper apresentou em fevereiro de 2014: a chamada “lei da gradualidade”. Mas esclarece que não se trata de

“

Agora é o momento de estudo do documento produzido como fruto de um caminho sinodal, incorporando-o no processo mais importante que é o da recepção

uma “gradualidade da lei”, mas uma gradualidade no “exercício prudencial dos atos livres” daqueles sujeitos que “não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar plenamente as exigências objetivas da lei”. Desta forma, cada ser humano vai avançando gradualmente para a progressiva integração nos dons de Deus e para as exigências do seu amor para todas as dimensões da vida.

Assim, por exemplo, como “os divorciados que vivem numa nova união, podem encontrar-se em situações muito diferentes, que não devem ser catalogadas ou encerradas em afirmações demasiado rígidas, sem deixar espaço para um adequado discernimento pessoal e pastoral”. Daí, segundo ele, não ser possível dizer que todos os que estão numa situação chamada “irregular” vivem em estado de

pecado mortal, privados da graça santificante.

2) A Eucaristia para casais em segunda união: “um pequeno passo”

Penso que Francisco já tinha uma opinião formada sobre isso, mas precisava que algum teólogo (coisa que ele sempre afirma não ser), sério e respeitável, o convencesse disso.

Não foi à toa que convidou o Cardeal Walter Kasper (“um teólogo de mão cheia”, como ele mesmo afirma) para fazer o célebre e polêmico discurso de fevereiro de 2014, durante o Consistório de nomeação de novos cardeais. Propôs nos casos de divorciados recasados que têm obrigações com filhos nascidos de uma segunda união, lhes fosse aberto o acesso à mesa da comunhão eucarística, considerando a situação a partir da perspectiva de quem sofre e pede ajuda.

O nº 305 da Exortação, e sua nota 351, vão nessa linha e abrem plenamente as “Portas da Misericórdia” para estes casais acessarem o sacramento da Eucaristia. Vale à pena reproduzi-lo aqui:

“Por isso, um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que muitas vezes se escondem até por detrás dos ensinamentos da Igreja ‘para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas’. [...] Por causa dos condicionalismos ou dos fatores atenuantes, é possível que uma pessoa, no meio duma situação objetiva de pecado - mas subjetivamente não seja culpável ou não o seja plenamente -, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja. (Aqui entra a nota 351: “Em certos casos,

poderia haver também a ajuda dos sacramentos. Por isso, 'aos sacerdotes, lembro que o confessionário não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor' [Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24 de Novembro de 2013), 44: AAS 105 (2013), 1038]. E de igual modo assinalo que a Eucaristia 'não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos' [Ibid., 47: o. c., 1039]". (os grifos são meus)

Encerra este número com um alerta para todos: "Lembremo-nos de que 'um pequeno passo, no meio de grandes limitações humanas, pode ser mais agradável a Deus do que a vida externamente correta de quem transcorre os seus dias sem enfrentar sérias dificuldades'. A pastoral concreta dos ministros e das comunidades não pode deixar de incorporar esta realidade".

Neste ponto, vamos precisar acompanhar a capacidade de recepção pelos Pastores (bispos e padres) e, especialmente, pelas comunidades eclesiais de dar este "pequeno passo".

3) Por uma pastoral misericordiosa

O terceiro ponto é o próprio centro de toda a espiritualidade de Francisco: a misericórdia.

Mesmo reconhecendo que muitos na Igreja "preferem uma pastoral mais rígida, que não dê lugar a confusão alguma", Francisco acredita que Jesus Cristo "quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade".

Por isso, vê como Providência Divina que "estas reflexões sejam desenvolvidas no contexto de um Ano Jubilar dedicado à misericórdia, porque, também perante as mais diversas situações que afetam a família, 'a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho'" (AL 308 e 309)

IHU On-Line - Quais são os limites de *Amoris Laetitia*?

Sérgio Coutinho - Acho que o próprio papa Francisco se protegeu de qualquer exigência vinda tanto de fora como de dentro da Igreja para não dar "passos maiores além das pernas". Numa situação histórico-eclesial muito semelhante à de João XXIII⁹, quando tínhamos um papa misericordioso e uma Cúria legalista, Francisco optou por um texto que "construísse pontes e não muros".

Por isso, não se pode exigir demasiado do texto, o mesmo foi até onde se podia ir em alguns assuntos, mas em outros ainda deveremos aguardar mais um tempo. Francisco chamou a atenção para os limites do documento nos nº 2 e 3: "(...) a complexidade dos temas tratados mostrou-nos a necessidade de continuar a aprofundar, com liberdade, algumas questões doutrinais, morais, espirituais e pastorais. (...) Os debates, que têm lugar nos meios de comunicação ou em publicações e mesmo entre ministros da Igreja, estendem-se desde o desejo desenfreado de mudar tudo sem suficiente reflexão ou fundamentação até à atitude que pretende resolver tudo através da aplicação de normas gerais ou deduzindo conclusões excessivas de algumas reflexões teológicas. (...) Recordando que o tempo é superior ao espaço, quero reiterar que nem todas as discussões doutrinais, morais ou pastorais devem ser resolvidas através de intervenções magisteriais. (...) Além disso, em cada país ou região, é possível buscar soluções mais inculturadas, atentas às tradições e aos desafios locais".

IHU On-Line - Qual tende a ser o impacto de *Amoris Laetitia* na Igreja e no pontificado de Francisco? A Exortação Apostólica do Papa muda algo em relação à sua imagem, já que ele tem sido visto

⁹ **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o "Papa Bom", João XXIII foi canonizado em 2013 pelo Papa Francisco. (Nota da IHU On-Line)

como um papa que quer uma Igreja mais "aberta" e pastoral?

Sérgio Coutinho - Seguindo aquela linha hermenêutica que propus anteriormente, agora é o momento de estudo do documento produzido como fruto de um caminho sinodal, incorporando-o no processo mais importante que é o da recepção. Neste ponto, vai caber sim às comunidades eclesiais espalhadas pelo mundo em verificar a "catholicidade" do texto, ou seja, se ele faz parte do "sensus fidei".

Considerando o amplo apoio que o papa Francisco vem recebendo, especialmente dos setores mais "secularizados" na Igreja, ou seja, os que acreditam que a Igreja deva se aprofundar mais e se solidarizar mais com os problemas do mundo, numa Igreja "enlameada", penso que terá uma excelente acolhida tal como tiveram a Exortação *Evangelii gaudium*¹⁰ e a Encíclica *Laudato si'*¹¹.

¹⁰ ***Evangelii gaudium***: A exortação apostólica *Evangelii gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da IHU On-Line)

¹¹ ***Laudato Si'*** (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista IHU On-Line publicou uma edição em que

IHU On-Line - Como *Amoris Laetitia* tem sido recebida entre os bispos brasileiros? Quais têm sido os comentários sobre a Exortação na 54ª Assembleia da CNBB?

Sérgio Coutinho - Diria que a recepção já foi imediata. Logo no último dia 11/04, a Exortação foi apresentada em suas linhas gerais para os bispos. Coube a Dom Waldemar Passini (Bispo-coadjutor de Luziânia), Dom Marcos Piatek (Bispo Prelado de Coari) e Dom Leomar Brustolin (Bispo-auxiliar de Porto Alegre), apresentarem um breve resumo do texto, mas se detendo nos Cap. VI e VIII.

Dom Leomar tratou do capítulo oitavo. Chamou a atenção dos bispos para quatro palavras-chaves desse capítulo: proximidade, discernimento, misericórdia e integração. Enfatizou a “lei da gradualidade” e reforçou a solicitação de Francisco para as atitudes dos pastores que não se predispõem a acolher a complexidade que caracterizam as situações “irregulares” e que desafiam a solicitude pastoral da Igreja.

Além disso, em sintonia com a Exortação, já estava previsto um debate sobre o Moto Proprio “*Mitis Iudex Dominus Iesus*” sobre a elaboração de um Vade-Mecum para direcionar os procedimentos de solicitação de nulidade matrimonial.

A Comissão, formada por Dom Moacir Silva (Arcebispo de Ribeirão Preto), Dom Francisco Carlos Bach (Bispo de São José dos Pinhais), Dom Sérgio de Deus Borges (Bispo-auxiliar de São Paulo), Dom José Aparecido Gonçalves de Almeida (Bispo-auxiliar de Brasília) e Dom Valdir Mamede (também auxiliar de Brasília), iniciou a exposição fazendo menção ao número 244 de *Amoris Laetitia* que afirma ser de “grande responsabilidade para os Ordinários diocesanos (...) julgar algumas causas e a garantir, de todos os modos possíveis, um acesso mais fácil dos fiéis à justiça. Isto implica a preparação de pessoal suficiente, composto por

analisa debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbhAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

clérigos e leigos, que se dedique de modo prioritário a este serviço eclesial”.

Nessa exposição foram apresentados alguns elementos que devem orientar a ação dos Bispos a fim de se colocar em prática os indicativos do Motu Proprio. Grande parte das questões levantadas pelos bispos dizia respeito à necessidade ou não de se constituir um Tribunal em cada diocese para resolver os casos de nulidade matrimonial.

Precisamos acompanhar todos estes processos juntamente com a recepção da Exortação, pois ambos estão bem entrelaçados.

IHU On-Line - Quais têm sido os pontos centrais de discussão da 54ª Assembleia da CNBB, que traz como tema principal os “Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade - Sal da terra e luz do mundo”?

Sérgio Coutinho - Este tema já vem sendo amplamente debatido não só pelos bispos, mas também por muitas organizações laicais. O texto saiu no formato de “Documento de Estudo” 107 em 2014, depois se tornou 107A, e agora se espera que venha a se tornar um “documento azul”. O texto se organiza em três capítulos, correspondendo ao método ver, julgar e agir: “O cristão leigo, sujeito na Igreja e no mundo de hoje: esperanças e angústias”; “Sujeito eclesial: discípulos missionários e cidadãos do mundo”; “A ação transformadora na Igreja e no mundo”.

O texto foi mais uma vez debatido em trabalhos de grupo, com o envio de várias emendas para a Comissão de Redação. Esta acolheu estes comentários, como também as sugestões que vieram da própria assembleia. Como o documento traz uma forte ênfase na compreensão do papel do laicato, na Igreja e na sociedade, como “sujeito”, pode ser que este termo seja a “pedra angular” de toda a discussão, para o bem ou para o mal. Vejamos se o termo permanecerá no documento final.

IHU On-Line - Que outras questões estão sendo tema de debate na 54ª Assembleia da CNBB?

Sérgio Coutinho - Chamaria a atenção para dois temas. O primeiro sobre a revitalização do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social - CERIS¹². Criado em 1962, o CERIS prestou relevantes serviços à Igreja no Brasil, tanto no campo da pesquisa e análise do fenômeno religioso, como na área social, com cursos de formação e assessorias às dioceses e paróquias. Em 2006, por diversos motivos, especialmente econômicos, a CNBB e a CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil consideraram necessário encerrar as atividades do CERIS no Rio de Janeiro.

No segundo semestre de 2015, a CNBB criou um grupo de trabalho para repensar o CERIS. Participaram deste grupo membros da CNBB, da CRB, da ANEC, das PUCs, ex-funcionários do CERIS, advogados e outros. O grupo elaborou uma minuta de um novo estatuto para o que estão chamando de “Novo CERIS”. Essa minuta foi apresentada para apreciação do Conselho Permanente da CNBB, reunido no dia 10 de março deste ano, em Brasília, e para a presidência da CRB no dia 27 de fevereiro, mantenedores do CERIS.

A novidade no estatuto foi a inclusão da ANEC e dos Institutos de Ensino Superior como associados, e a criação de um Comitê científico que tem por competência propor diretrizes e projetos de linha de pesquisa a serem empreendidos pelo CERIS e articular as Instituições de Ensino Superior.

A presidência da CNBB e da CRB, juntamente com a presidência do

¹² **Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais:** mais conhecido por sua sigla CERIS, é uma fundação de fins sociais vinculada à CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a CRB – Conferência dos Religiosos do Brasil. Criada em 1962, a instituição tem por missão contribuir para uma presença mais significativa da Igreja Católica na sociedade, com estudos, pesquisas e também ações que propiciem o desenvolvimento de sua ação pastoral e social. Dentre os projetos de maior importância estão o Censo Anual da Igreja Católica no Brasil e o Anuário Católico. (Nota da **IHU On-Line**)

CERIS, já haviam convidado algumas das Instituições de Ensino Superior que possuem cursos ligados na área das Ciências Sociais e Ciência da Religião, para uma reunião. Estiveram presentes 19 reitores e diretores das maiores Universidades Católicas do país. Na ocasião, a presidência do CERIS apresentou o formato do “Novo CERIS”, elaborado pela Prof.^a Dr.^a Sílvia Fernandes, e fez, oficialmente, um convite para que as IES se associassem ao novo projeto. Houve boa acolhida para a proposta.

Comissão Episcopal para a Amazônia

Outro tema foi sobre a Comissão Episcopal para a Amazônia. Cardeal Dom Claudio Hummes (Arcebispo emérito de São Paulo e presidente da Comissão) descreveu algumas de suas visitas às Igrejas locais da Amazônia, citando encontros realizados nas Dioceses de Óbidos e Prelazia de Marajó. Em particular, descreveu os encontros feitos nas comunidades do interior do Pará e na Ilha de Marajó, em que pôde verificar o empenho profético da Igreja na defesa das crianças e adolescentes vítimas de abusos sexuais nas balsas, sobretudo pela ação de bispos como Dom José Luiz Azcona (Bispo de Marajó). Mencionou a fragilidade dos laços religiosos do povo da Amazônia, em que grande parte do povo opta pelas Igrejas evangélicas por falta de acompanhamento da Igreja Católica.

Apelou por um esforço maior em vista de uma Igreja de rosto amazônico, e a necessidade de haver maior audácia da Igreja do Brasil para apoiar as Dioceses na Amazônia, no fortalecimento de um clero autóctone, na solidariedade e acompanhamento dos povos indígenas. Falou dos desafios de se ter um clero indígena, capaz de ajudar os povos indígenas, e de ter fortalecidas suas raízes culturais e sua identidade. Recordou a devastação que vem sofrendo o território amazônico, colocando em risco seus recursos naturais, seus rios e o conjunto de sua diversidade biológica.

IHU On-Line - Que avaliação faz dos três primeiros anos do pontificado de Francisco?

Sérgio Coutinho - Um pontificado com mais surpresas agradáveis que desagradáveis. Ainda me incomoda certa demora na Reforma da Cúria, apesar de alguns passos quanto às questões econômicas e uma reorganização dos Dicastérios dedicados aos Leigos e à Família.

“

O nº 305 da Exortação, e sua nota 351, vão nessa linha e abrem plenamente as ‘Portas da Misericórdia’ para estes casos acessarem o sacramento da Eucaristia

Penso ainda que o tema dos abusos de padres contra crianças e a criação de uma Comissão para atuar nestes casos ainda anda de forma muito lenta. Acho que precisaria dar sinais mais firmes neste ponto. Não basta parabenizar a vitória do filme *Spotlight* como se o problema estivesse encaminhado. Precisaria aqui de mais gestos proféticos.

Por outro lado, acho que, desde o início, Francisco vem procurando oferecer gestos e palavras de diálogo e de acolhida com todos. No campo político, tem agido com desenvoltura e maestria (vide a aproximação entre Cuba e EUA); no campo social, com sua Encíclica sobre a “Casa Comum” e os discursos aos movimentos populares enchem a todos de esperança, se tornando a voz mais crítica do capitalismo hoje; no campo ecumênico, muitos gestos de aproximação com os

ortodoxos, metodistas-valdenses e luteranos, sem contar os encontros com lideranças muçulmanas e judias; e no campo propriamente eclesial, a beatificação de Dom Oscar Romero coloca fim há anos de perseguição à Teologia da Libertação em nosso continente.

Mas aqui, ainda neste último ponto, e isso também fica evidenciado na Exortação *Amoris Laetitia*, o limite de seus gestos e palavras em relação à participação das mulheres na Igreja. No Sínodo um dos padres chegou a falar sobre a criação do ministério das “diacônisas”, mas isso não foi trabalhado no texto final. Penso que não basta ficar apenas dizendo que “Nossa Senhora é maior que os Apóstolos” e que a “Igreja é uma mãe”. Aqui precisaria de gestos bem mais ousados.

IHU On-Line - Como o pontificado de Francisco repercute na Igreja brasileira? Tem tido algum impacto especial, seja na Igreja de modo geral ou nas últimas assembleias dos bispos?

Sérgio Coutinho - Do ponto de vista formal, os últimos documentos e declarações da CNBB citam sistematicamente o Papa Francisco numa típica atitude de “comunhão com o papa”. No entanto, ainda vejo alguma inércia dos bispos da geração wojtyliana-ratzingeriana. A nova geração “franciscana” já começa a assumir alguns papéis de protagonismo.

Mas felizmente, como a Igreja não é só o clero, vejo entre o laicato e entre as ordens e congregações religiosas uma acolhida entusiasmada. De modo especial percebo muito entusiasmo entre aqueles que trabalham com a dimensão missionária. Em várias reuniões de missiólogos, o projeto eclesiológico de Francisco, de uma Igreja “em saída”, é amplamente debatido e levado em conta em seus planejamentos.

Nas Pastorais Sociais vejo o mesmo efeito. O lema “Nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador

sem direitos” e a Laudato si’ são formidáveis incentivos para se continuar com o mergulho que a Igreja fez, desde fins dos anos 1960, no mundo dos pobres.

IHU On-Line - Como a Igreja brasileira tem se posicionado em relação à atual crise política? Você percebe alguma diferença no modo como a Igreja se posiciona hoje em relação a outros momentos de crise política do passado?

Sérgio Coutinho - Cabe bem o conceito de “hegemonia” elaborado pelo cientista político Antônio Gramsci¹³.

Durante o Concílio Vaticano II¹⁴ e no imediatamente pós-concílio,

13 Antonio Gramsci (1891-1937): escritor e político italiano. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e só foi libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus Cadernos do cárcere, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da **IHU On-Line**, de 13-08-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon231>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socio culturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1IfYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

no contexto de Medellín-Puebla¹⁵ e do Regime Militar, o grupo de “bispos nordestinos”, capitaneado por D. Helder Câmara¹⁶, conseguiu unificar em torno do projeto eclesiológico de “Igreja dos pobres” um bloco mais amplo não homogêneo, marcado por contradições internas. O grupo “Igreja dos pobres” conseguiu ir além de seus interesses imediatos, para manter articuladas forças heterogêneas, numa ação essencialmente política, im-

15 Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín.

Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. A conferência foi aberta pessoalmente pelo papa Paulo VI. Era a primeira vez que um papa visitava a América Latina. (Nota da **IHU On-Line**)

16 Dom Helder Câmara (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Helder Câmara, publicando o artigo Helder Câmara: cartas do Concílio em <http://bit.ly/ihuon125>. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://bit.ly/ihuon157>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário Dom Helder Câmara – o santo rebelde. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon227>. Veja também as entrevistas A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Câmara, disponível em <http://bit.ly/1uFCR7r>; e Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”, ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1S1nSy7>. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia Dom Helder Câmara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1cL289g>. (Nota da **IHU On-Line**)

pedindo que irrompessem os contrastes existentes entre eles.

No entanto, nos anos 1990, esse bloco perdeu a hegemonia na CNBB. Outro bloco hegemônico assumiu direção da entidade com o projeto de “Nova Evangelização” e da “identidade católica”. A partir dos anos 2000, coincidindo com a primeira eleição de Lula e do PT, optou-se por uma espécie de “governo de coalisão”, isto é, uma presidência da CNBB bem mais ao “centro”, mantendo, pelo menos no discurso, “a opção preferencial pelos pobres”, mas preocupada com a perda de fiéis católicos e buscando garantir “direitos e privilégios” com o Estado brasileiro por meio do Acordo Brasil-Santa Sé.

Na conjuntura atual, após as últimas eleições presidenciais polarizadas e mesmo com um novo pontificado, parece que muitos bispos assumiram a posição “moralista” da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, típica posição no pré-golpe de 50 anos atrás.

Pensando Brasil

No início desta 54ª Assembleia, foi apresentado um texto (“Pensando Brasil”), na forma de análise de conjuntura, por Dom Joaquim Mol (bispo-auxiliar de Belo Horizonte). O resultado foi um amplo debate onde se verificaram posições bem claras. Dom Pedro Luiz Stringhini (Bispo de Mogi das Cruzes) gostou da apresentação de Dom Joaquim Mol e o mérito foi não ter sido imparcial, mas de ter tomado o lado, na conjuntura bipolarizada e conturbada do Brasil, dos pobres e da democracia, e criticando a postura parcial da mídia e segmentos que defendem interesses que não são do povo. Fez a sugestão de que a nota da CNBB seguisse esta linha apresentada.

Dom Roberto Francisco Ferreira Paz (Bispo de Campos-RJ) sugeriu fortalecer o projeto de reforma política necessário para superar o “Presidencialismo de Coalizão” e também a consolidação de uma democracia participativa, com mecanismos de controle social, e pla-

nejamento social. Dom Enemésio Ângelo Lazzaris (Bispo de Balsas) viu no texto apresentado fidelidade à linguagem profética das Sagradas Escrituras, a doutrina Social da Igreja e aos discursos do Papa Francisco nos dois Encontros Mundiais com os Movimentos Sociais. E acrescentou: “Esse eterno medo do comunismo, da esquerda, da luta de classes é um campo aberto para o capitalismo”.

Já Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues (Arcebispo de Sorocaba), tomando uma posição diferente dos anteriores, disse que era preciso explicitar a contradição: um governo de esquerda valendo-se de empresas capitalistas para se perpetuar no poder e, no poder, “implantar uma revolução cultural privilegiando no ensino fundamental e médio elementos claramente contrários ao Evangelho”. Aqui faz-se ainda pulsar o trauma do PNDH 3.

No entanto, apesar das falas críticas, parece que a maioria dos bispos, parafraseando o ex-presidente Lula, se “acovardaram”.

No domingo, dia 10 de abril, após a benção final da missa, membros do movimento “Legislação e Vida” e do movimento “Missão Tarso” ergueram uma faixa com os dizeres: “Por uma Igreja livre do PT e dos comunistas”, durante a procissão

final na saída dos bispos e cardeais da Basílica de Aparecida. Ainda na ocasião, foram entregues cópias da “Carta aberta aos Bispos”.

“

O método de sinodalidade empregado foi muitíssimo importante e espera-se que continue no futuro

Neutralidade

Parece que o efeito foi imediato, pois o que se pode ler na “Declaração da CNBB sobre o momento nacional” é que diante do processo de impedimento da Presidente da República os bispos preferem não emitir qualquer juízo de valor, político ou jurídico, “pois tal procedimento cabe às instâncias competentes, respeitado o ordenamento jurídico do Estado democrático de direito”. Segundo a nota, o centro de todo o problema político são os “escândalos de corrupção sem precedentes na história do país”

e também na forma fisiológica “como se realizam as campanhas eleitorais”.

Justamente quando muitas organizações da sociedade civil se colocam a favor da Democracia, pelo respeito às regras, criticando a forma como a imprensa e setores do Judiciário vêm conduzindo o tema em direção à queda do atual governo, e inclusive com muitas manifestações de bispos em suas dioceses, padres e religiosos nesta mesma linha, a CNBB, em conjunto, se posiciona por uma estranha “neutralidade”¹⁷.

Como em 1964, quando a CNBB celebrou o golpe civil-militar que salvou o Brasil do Comunismo e muitos de seus membros pagaram com a própria vida, também na atual conjuntura, ela vai precisar se reconciliar com a história.

É decepcionante e um desrespeito à memória de muitos bispos e de agentes de pastoral que lutaram pelos direitos civis e políticos neste país, a posição da CNBB com esta Nota. ■

17 Confira a declaração publicada nas Notícias do Dia, de 14-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qThgsr>. (Nota da IHU On-Line)

LEIA MAIS...

- *O desafio da conversão pastoral e de um novo modelo de Igreja*. Entrevista com Sérgio Coutinho, publicada na revista **IHU On-Line**, número 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1LBEgLD>.
- *Sínodo Extraordinário sobre a Família: a busca de uma resposta a partir da ética do discurso*. Entrevista especial com Sérgio Coutinho, publicada nas **Notícias do Dia** de 20-11-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1W3xMSj>.
- *Igreja: de regente a terceiro violino*. Entrevista especial com Sérgio Coutinho, publicada nas **Notícias do Dia** de 21-03-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1quwFyQ>.
- *Uma Igreja missionária: a reforma de Papa Francisco*. Entrevista especial com Sérgio Coutinho, publicada nas **Notícias do Dia** de 01-08-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1p4cxTr>.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU



Ciclo de Estudos em EAD: Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Uma análise da narrativa de Marcos

Atividade: Julgamento e condenação de Jesus – Parte 2: Fracasso da causa de Jesus (Mc 14, 53-15, 33)

Ministrante: MS Ana Maria Casarotti

Saiba mais em <http://bit.ly/1RTSjas>

Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável – Edição 2016

Atividade: Webconferência

Tema: por um novo paradigma civilizacional

Horário: 20h às 21h

Conferencista: Gilberto Faggion

Saiba mais em <http://bit.ly/1OV0BvH>



Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável – Edição 2016

Atividade: Módulo 3 – Pensar global e agir local

Ministrante: Gilberto Faggion

Saiba mais em <http://bit.ly/1OV0BvH>

3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum

Conferência: Poder Constituinte e Sujeito Constituinte nas metrópoles: um olhar a partir de Spinoza e Negri: um olhar comparado

Conferencista: Prof. Dr. Francisco de Guimaraens – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Horário: 14h30min às 17h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1NmpMEI>





3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum

Conferência: Fundações ontológicas e éticas da política e do direito: um olhar a partir de Spinoza

Conferencista: Prof. Dr. Francisco de Guimaraens – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1NmpMEI>

Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas

Aula: “Omnes et Singulatim”: uma crítica da razão política

Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS

Horário: 19h às 22h

Local: sala B03 111 – Escola de Humanidades, Campus São Leopoldo

Saiba mais em <http://bit.ly/1SzkVSc>



Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum

Atividade: Mesa-redonda – A questão ambiental no Vale do Rio dos Sinos

Participantes:

Prof. MS Jackson Müller – UNISINOS

Prof. Dr. Uwe Schulz – UNISINOS

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1mev8LK>

Ciclo de Estudos em EAD: Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Uma análise da narrativa de Marcos

Atividade: As mulheres junto à Cruz de Jesus e na Ressurreição – Parte 1: Presença das mulheres junto à Cruz de Jesus (Mc 15, 34-41)

Ministrante: MS Ana Maria Casarotti

Saiba mais em <http://bit.ly/1RTSjas>



Ciclo de Estudos em EAD: Sociedade Sustentável – Edição 2016

Atividade: Módulo 4 – Por uma ecologia da ação

Ministrante: Gilberto Faggion

Saiba mais em <http://bit.ly/1OV0bVH>



Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil

Conferência: Estabilidade da moeda e combate à inflação nas propostas de Eugênio Gudin, Roberto Campos e Otávio de Bulhões
 Conferencista: Prof. Dr. Roberto Campos de Moraes
 Horário: 19h30min às 22h
 Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas

Aula: Os dois paradigmas. O mistério da economia
 Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS
 Horário: 19h às 22h
 Local: sala B03 111 – Escola de Humanidades, Campus São Leopoldo
 Saiba mais em <http://bit.ly/1SzkVSc>



Ciclo de atividades. O cuidado de nossa Casa Comum

Atividade: Encontro de educação ambiental e caminhada ecológica – Testemunhas da fauna e da flora nativa do Campus UNISINOS
 Orientadora: Profa. MS Cristiane Fensterseifer Brodbeck – UNISINOS
 Horário: 14h30min às 17h
 Ponto de partida: Instituto Humanitas Unisinos – IHU
 Saiba mais em <http://bit.ly/1mev8LK>

IHU ideias e II Ciclo de Saúde e Segurança no Trabalho na Região do Vale do Rio dos Sinos

Conferência: A atual crise econômica e o desemprego no Brasil
 Conferencista: Prof. Clemente Ganz Lucio – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE
 Horário: 19h às 20h30min
 Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU
 Saiba mais em <http://bit.ly/20BIKQG>



IHU na WEB





BRASIL EM FOCO

O momento político atual do Brasil e as esquerdas latinoamericanas hoje

Para Bernardo Gutiérrez, “é urgente que a esquerda latino-americana se torne ecologista”

Por João Vitor Santos | Edição Patricia Fachin

Depois de mais de uma década de governos “progressistas” em alguns países da América Latina, muitos movimentos sociais “foram cooptados pelo Estado”, “perderam energia” e “ficaram estagnados em estéticas, relatos e mitos do passado”, dialogando “mal com o novo”. Em contrapartida, o “DNA ancestral colaborativo latino-americano e algumas cosmovisões como o ‘Buen Vivir’ convivem com as dinâmicas tecnopolíticas, a cultura de rede e o hacktivismo” e tentam reorientar o sentido do que seria uma agenda “progressista” para a América Latina, diz o jornalista Bernardo Gutiérrez à IHU On-Line.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, Gutiérrez frisa que “mecanismos orientados ao bem comum como a minga kichua, o tequio náhuatl mexicano ou o ayni aymara da Bolívia renascem na era da rede” e é neles que é possível enxergar “o grande potencial narrativo e organizacional da América Latina”.

Gutiérrez participou de uma série de coberturas jornalísticas acompanhando os governos progressistas latino-americanos e faz uma análise da condução política de alguns governantes, pontuando que neste momento “a esquerda latino-americana deveria estudar a decadência e os erros cometidos pelo PT” para “evitar o rumo neodesenvolvimentista do Brasil” e “ter claros os limites da inclusão pelo consumo sem direitos”. Para ele, o “ponto crucial” a ser perseguido pela esquerda latino-americana é a ecologia, já que os governos desenvolvimentistas das es-

querdas “tiveram uma nula sensibilidade ambiental”.

Bernardo Gutiérrez González é jornalista, escritor e pesquisador hispano-brasileiro residente em São Paulo. Escreve sobre política, sociedade e cultura brasileira e latino-americana, movimentos sociais, processos tecnopolíticos e redes. No ano passado apresentou a pesquisa latino-americana Nuevas Dinámicas de Comunicación, Organización y Agregación Social. Reconfiguraciones tecnopolíticas, para OXFAM (Comitê de Oxford para Alívio da Fome) e dirigiu o projeto Wikipraça, para a Prefeitura de São Paulo. Acompanhou o desenvolvimento dos governos progressistas latino-americanos, do zapatismo à chegada do Evo Morales ao poder, passando pelo lulismo.

Nos últimos anos, participa, escreve e pesquisa sobre tecnopolítica e sobre o ciclo de protestos aberto pela Primavera Árabe. Acompanhou de perto e por dentro as jornadas de junho e sua evolução, sendo um dos editores do livro JUNHO: potência das ruas e das redes. Ao mesmo tempo, nos últimos dois anos e meio, ficou envolvido no projeto equatoriano Buen Conocer/FLOK Society, uma tentativa de mudança de matriz produtiva do país, baseada no Buen Vivir e nas tecnologias livres.

A íntegra da entrevista foi publicada em Notícias do Dia, de 13-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, sob o título *A esquerda na América Latina: dos militantes clássicos à mobilização baseada em pautas concretas*, disponível em <http://bit.ly/1pbj7al>.

Eis alguns extratos da entrevista.

IHU On-Line - Como percebe a América Latina hoje em termos políticos? E em termos econômicos?

Bernardo Gutiérrez - Vivemos tempos de instabilidade política, de mudanças, mas há muitas falácias sobre as causas dessa instabilidade. É verdade que o grande capital, as elites globais e o governo dos Estados Unidos não pararam de manobrar contra os chamados "governos progressistas"; Wikileaks revelou isso recentemente. É um novo tipo de intervenção, mais sutil, que trabalha o simbólico e as relações econômicas dos atores regionais. Porém, é um exagero falar de "golpe" e "imperialismo", como fazem os governos progressistas e os movimentos sociais de esquerda. Basear a economia na exportação de *commodities*, como quase todos os países do eixo progressista, tem um preço. A queda do preço do petróleo foi um duro golpe e a aposta do *fracking* no território americano não é casualidade.

Os problemas econômicos da China, que afetam o continente todo, especialmente o Equador, também justificam a tormenta. Politicamente, a América Latina é mais poliédrica e complexa do que os dois bandos históricos gostariam. Então, existe uma instabilidade política, provocada em parte pela crise econômica e em parte por essas manobras das potências globais. Mas acho que o principal motivo é outro: existe um abismo entre a narrativa do bloco progressista e suas práticas políticas. Na maioria dos casos, esses governos abraçaram o capitalismo, apostaram tudo na inclusão pelo consumo. O consumismo virou a nova ideologia de consenso. Então, a instabilidade política vem principalmente da tensão entre as novas sensibilidades e práticas políticas da cidadania e esse relato de "esquerda" da era industrial ou pós-colonial. Ao mesmo tempo, as novas gerações têm valores tolerantes com o aborto e o casamento gay, enquanto a maioria dos governos progressistas é conservadora nisso. As tão faladas novas direitas são mais prag-

máticas e estão sendo mais habitadas no diálogo com as "novas gerações". É a tormenta perfeita.

IHU On-Line - Com base no atual momento de governos progressistas da América Latina, é possível afirmar que a esquerda latina está no fim de ciclo? E o que se espera em termos de novo ciclo?

Bernardo Gutiérrez - Não é o fim do ciclo abrupto como a mídia e as direitas querem. É mais complexo. Não podemos falar de fim de ciclo de "governos progressistas" e de uma nova fase neoliberal. Por um lado, a maioria de "governos progressistas" tem abraçado o capitalismo, como horizonte e ferramenta transformadora. A inclusão pelo consumo, na maioria dos casos, não chegou da mão da inclusão pelos direitos. O nacional-desenvolvimentismo, baseado em grandes infraestruturas e na exportação de *commodities*, foi o modelo. Ao mesmo tempo, a famosa nova classe média do lulismo é mais *working poor* que classe média, falando sociologicamente. É uma classe baixa que não atingiu direitos e que desfrutou de algumas cotas de consumo, graças ao endividamento privado ou programas sociais do Estado. Por isso, falar de "governos progressistas ou de esquerda" é inexato. Foram conservadores em questões morais e capitalistas na essência, com programas de inclusão social importantes. A exceção é a Venezuela.

Mas temos outro lado: o legado dos "governos progressistas" é visível, inegável. Seria injusto falar que esses governos faliram, deram em nada, foram um fracasso. A inclusão social de milhões de pessoas é fato. Abrir a participação em vários níveis da política, do orçamento participativo a processos legislativos, também é destacável. Tem um legado quase intocável em algumas questões. Macri não vai ter como desfazer a "memória histórica" da Argentina. Ninguém no Brasil vai eliminar o programa Bolsa Família. Até as cotas nas universidades têm um consenso elevado.

Novas conquistas

Hoje se fala muito do final do ciclo da esquerda, juntando elementos assimétricos como a perda de força do Maduro no congresso venezuelano, o referendo que Evo Morales perdeu na Bolívia ou a chegada de Macri na Argentina. Mas não se fala que essas vitórias da oposição são incompletas. Ao mesmo tempo, há várias viradas progressistas em alguns cantos da América Latina. No Chile, a luta dos estudantes conseguiu a educação superior gratuita e a legalização do aborto. O surgimento do partido *Revolución Democrática* a partir dos estudantes é novidade. Na Colômbia, *Alianza Verde* ganhou o Estado de Nariño, com uma proposta de bem comum, participação e sustentabilidade. No Paraguai, do movimento dos Indignados nasceu o *Despertar Ciudadano*, que disputa o poder nas cidades e tem valores progressistas. No México apareceram vários fenômenos na política representativa, como *Wikipolítica*, que já elegeu seu primeiro deputado, ou o *Movimiento Ciudadano*, que já governa 80 prefeituras. Andrés López-Obrador, eterno candidato da esquerda, lidera todas as pesquisas com seu novo partido, *MORENA*. O Uruguai continua o caminho progressista.

Tudo é menos linear e dicotômico do que parece. As velhas esquerdas usam o argumento do "golpe" para tentar salvar o que resta delas e as novas direitas se escondem em campanhas de marketing. Não está fácil para ninguém. Além disso, esses novos fenômenos, wikipolíticos e de rede, não podem ser explicados só desde a esquerda.

IHU On-Line - Quais os limites do pensamento desenvolvimentista quando se propõe instituir a "economia do bem comum"? O que podemos apreender desse movimento acerca da experiência do governo equatoriano?

Bernardo Gutiérrez - O pensamento desenvolvimentista é mais prática do que pensamento. Nem chega a ser ideologia. Acho que é

práxis da *real politik* de alguns países. O primeiro limite é o próprio planeta Terra, que está morrendo. O desenvolvimentismo é totalmente contrário ao bem comum, aos “commons” do inglês, ao “pro-común” da língua espanhola, ao comum do português. O desenvolvimentismo cria políticas públicas *top down*, disponibiliza recursos públicos no setor privado, sem nenhum tipo de controle, transparência ou participação. No Brasil, o cenário é mais complexo ainda, pois o poder público, com emprés-

timos do BNDES, apostou pela fusão de empresas e pela construção de gigantes multinacionais brasileiras. No Brasil, o desenvolvimentismo é também subimperialismo. Se o desenvolvimentismo abrisse a porta a pequenas cooperativas e gestões comunitárias, poderia ter algum sentido.

Tem um ponto crucial para essa nova era latino-americana: a ecologia. Os governos desenvolvimentistas das esquerdas latino-americanas tiveram uma nula

sensibilidade ambiental. O Brasil foi um dos piores. Não é possível que o neoliberalismo global defenda nisso exatamente o mesmo que o bloco progressista latino-americano. *Joan Martinez Alier fez um texto inspirador: “A aversão e o desprezo antiecológico de Rafael Correa, Alvaro García Linera, Cristina Kirchner, dos presidentes Lula e Dilma Rousseff, cobra agora um preço alto que beneficia o neoliberalismo. Por isso, de uma vez, é urgente que a esquerda latino-americana se torne ecologista”.* ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

ENTREVISTA

Debater o poder constituinte é mirar a história e o devir da democracia

Para Francisco de Guimaraens, abordar categorias como poder e sujeito constituinte é fundamental no momento conturbado que vive o Brasil

Por Leslie Chaves

Poder constituinte é um conceito de caráter jurídico ao qual se atribui a função de fundar e garantir a legitimidade da ordem constitucional. No entanto, sua importância se amplia na medida em que é considerada a amplitude dos reflexos que suas ações atingem na sociedade. Conforme ressalta Francisco de Guimaraens, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, “reduzir a tarefa do poder constituinte, exclusivamente, à fundação do ordenamento constitucional significa negar a natureza política, social e econômica das próprias constituições e também as profundas mutações que as lutas sociais, étnicas, raciais, políticas e econômicas introduziram em constituições longevas, como a Constituição dos Estados Unidos”.

Para o jurista e professor da área, o tema do poder constituinte deve ser analisado de maneira profunda por múltiplos campos do saber uma vez que sua complexidade exige essa atenção. Trata-se de uma categoria que deve ser pensada sempre, pois “exprime uma potência de inovação, atual e expansiva do ponto de vista dos direitos, e um desejo democrático. O poder constituinte é o movimento de intervenção no real em busca da invenção democrática”, ressalta Guimaraens.

Portanto, é uma discussão sempre atual e necessária, principalmente diante do momento político que o país

está vivendo, onde, segundo o professor, “as condições de exercício do poder constituinte e de ampliação e aprofundamento dos direitos conquistados desde a promulgação da Constituição de 1988 estão sob evidente ameaça daquilo que há de pior dentre todas as formas constituídas de poder na sociedade brasileira”.

O professor Francisco de Guimaraens discute esse e outros assuntos em duas conferências que integram o **3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum**. Ambas as palestras acontecem no dia 19-04-2016, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. Na primeira conferência será abordado o tema “Poder Constituinte e Sujeito Constituinte nas metrópoles: um olhar a partir de Spinoza e Negri”, das 14h30min às 17h. No segundo encontro o assunto será “Fundações ontológicas e éticas da política e do direito: um olhar a partir de Spinoza”, e acontecerá das 19h30min às 22h.

Francisco de Guimaraens é graduado, mestre e doutor em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-RJ, instituição onde atualmente é professor assistente. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Constitucional, Teoria do Estado e Filosofia Política.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é poder constituinte e sujeito constituinte? De que maneira esses conceitos se articulam?

Francisco de Guimaraens - O conceito de poder constituinte, em

regra, é associado ao problema da fundação de uma ordem constitucional e à questão da legitimidade dessa ordem, sobretudo para aqueles que desenvolvem reflexões no campo do Direito e para os que li-

dam com sua aplicação concreta. De acordo com a concepção jurídica mais difundida, o poder constituinte possui tarefas de caráter jurídico: fundar e legitimar toda a ordem constitucional e atribuir

competências aos poderes constituídos, limitando-os, por consequência. O poder constituinte gozaria de uma posição superior em relação ao poder constituído e suas determinações serviriam de limites ao exercício regular do poder. A noção jurídica de poder constituinte, portanto, consagra a ideia de que o poder constituinte é uma forma de exercício da soberania do Estado e, por essa razão, o poder responsável pela elaboração da constituição, documento normativo que regula o exercício do poder político.

A concepção jurídica de poder constituinte possui alguns problemas. Três deles me parecem mais relevantes e decorrem das seguintes afirmações: o poder constituinte se exerce extraordinariamente, mediante um ato de vontade que não obedece a qualquer determinação prévia e, completada sua tarefa, desaparece, entra em estado de latência; o poder constituinte, segundo a tradição jurídica, se constituiria em um poder com finalidades exclusivamente jurídicas; o poder constituído é responsável por atribuir sentido à constituição, obra do poder constituinte. Analisemos as consequências problemáticas dessas afirmações.

Segundo a imagem do poder constituinte cunhada pela tradição jurídica, trata-se de um acontecimento extraordinário, sem causa e instaurado pela vontade de quem exerce o poder constituinte, vontade essa que entra em estado de latência após sua manifestação. Não seria impróprio afirmar que um poder deseja recolher-se, que busca seu próprio encerramento? A experiência não demonstra justamente o inverso? O poder não é um fenômeno que busca sua perpetuação? Qual titular de um poder abdicou, por vontade própria, de seu exercício? Não faz sentido essa concepção. Além disso, um poder sem história, indeterminado, traduzido por um ato de vontade excepcional capaz de fundar todo o direito diz muito mais respeito à teologia do que ao Direito e à política.

Tampouco é correto afirmar que o poder constituinte se encontra en-

clausurado nas malhas das normas jurídicas, ou seja, é inadequado considerar que o poder constituinte se restringe à realidade normativa e tem a função de produzir normas jurídicas. Reduzir a tarefa do poder constituinte, exclusivamente, à fundação do ordenamento constitucional significa negar a natureza política, social e econômica das próprias constituições e também as profundas mutações que as lutas sociais, étnicas, raciais, políticas e econômicas introduziram em constituições longevas, como a constituição dos Estados Unidos. O poder constituinte é assunto muito sério para ser analisado apenas por juristas. Sua afirmação afeta a organização social e produtiva, as rotinas político-administrativas, práticas sociais e culturais, enfim trata-se de fenômeno cuja complexidade exige uma análise igualmente complexa.

Por último, a relação problemática entre criador e criatura. O poder constituinte, segundo a tradição jurídica, elabora o texto da constituição e transfere o poder de atribuição de seu sentido aos poderes constituídos. Se o poder constituinte confia ao poder constituído a missão de interpretar e atribuir sentido a sua obra, trata-se de um poder ingênuo, para dizer o mínimo.

Por essas razões, a compreensão do conceito de poder constituinte necessita liberar-se da clausura que a interpretação jurídica lhe impôs. Uma adequada percepção do conceito indica que tal noção não possui apenas efeitos jurídicos.

Há uma história do conceito de poder constituinte. Negri¹, ao investigar tal noção, aponta para a

1 **Antonio Negri** (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000 publicou o livro-manifesto *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003), com Michael Hardt. Em seguida, publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005), também com Michael Hardt – sobre esta obra, publicamos um artigo de Marco Bascetta na 125ª edição da **IHU On-Line**, de 29-11-2004. O último livro da “trilogia” entre os dois autores, *Commonwealth* (USA: First Harvard University Press paperback, 2011), ainda não foi publicado em português. (Nota da **IHU On-Line**)

dimensão histórica do conceito e sua relação com os processos revolucionários da modernidade. Essa história abre caminho para uma outra compreensão da própria modernidade. Pensar o poder constituinte, portanto, significa entrar em contato com alternativas da modernidade sepultadas ao longo dos últimos quatro séculos e com o processo de conquista de direitos e de afirmação da democracia.

Neste novo horizonte, o poder constituinte exprime uma potência de inovação, atual e expansiva do ponto de vista dos direitos, e um desejo democrático. O poder constituinte é o movimento de intervenção no real em busca da invenção democrática. Não se trata de um ato de vontade sem causa, mas de um processo de instituição de uma potência multitudinária. A história do poder constituinte, segundo Negri, confunde-se com a própria história da democracia na modernidade.

Negri, em sua obra, pensa o poder constituinte em duas frentes e, da mesma forma, as alternativas da modernidade. De um lado, o poder constituinte é a síntese de uma linhagem teórica maldita da modernidade: o materialismo². Maquiavel³, Spinoza⁴

2 **Materialismo histórico**: Tese do marxismo segundo a qual o modo de produção da vida material condiciona a vida social, política e espiritual. É um método de compreensão e análise da história, das lutas e das evoluções econômicas e políticas. Essa tese foi definida e utilizada por Karl Marx, Friedrich Engels, Rosa Luxemburgo e Lênin. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Nicolau Maquiavel** (1469-1527): historiador, filósofo, dramaturgo, diplomata e cientista político italiano do Renascimento. É reconhecido como fundador da ciência política moderna por escrever sobre o Estado e o governo como realmente são, e não como deveriam ser. Separou a ética da política. Sua obra mais famosa, *O Príncipe*, foi dedicada a Lourenço de Médici II. Confira a edição 427 da **IHU On-Line** de 16-09-2013, *A política desnudada. Cinco séculos de O Príncipe, de Maquiavel*, disponível em <http://bit.ly/ihuon427>. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632-1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch*

e Marx⁵ representam essa linhagem e suas obras são de grande relevância para a tessitura do conceito. A noção maquiaveliana de *virtù*, potência de inovação política e de intervenção sobre o tempo, as ideias de potência e de multidão spinozanas e o conceito de trabalho vivo marxista formam as bases teóricas do poder constituinte. Da mesma forma, a noção de fortuna, de poder e de trabalho morto (capital) simbolizam aquilo contra o que se lança o poder constituinte.

Não há poder constituinte sem antagonismo, sem conflito. A tensão entre poder constituinte e poder constituído encontra-se em permanente atualização, não conhece síntese possível e se traduz de vários modos. A igualdade contra o privilégio, a cooperação contra o comando, a multiplicidade contra a unidade, a singularidade contra a uniformidade, a alegria contra o ressentimento: eis as oposições que marcam a relação antagônica entre poder constituinte e poder constituído.

Negri busca demonstrar esse conceito pela leitura que faz dos acontecimentos revolucionários e dos direitos que deles decorrem. O poder constituinte, em cada uma das suas manifestações revolucionárias, exprime uma certa configura-

Spinoza. Um convite à alegria do pensamento, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da IHU On-Line)

5 **Karl Marx** (Karl Heinrich Marx, 1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Leia a edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título A (anti)filosofia de Karl Marx, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx, disponível em <http://bit.ly/ihuon278>. Leia, igualmente, a entrevista Marx: os homens não são o que pensamos e desejamos, mas o que fazem, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon327>. A IHU On-Line preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central da obra de Marx *O Capital*, disponível em <http://bit.ly/IHUOn449>. (Nota da IHU On-Line)

ção política, jurídica e social. Na revolução inglesa do século XVII, o poder constituinte se exerceu como direito à partilha da terra e pela distribuição da maior parte da mesma em benefício da multidão. Já na revolução americana, o poder constituinte afirmou o direito à apropriação e expansão do território do qual decorre o direito de autogoverno tão caro à federação dos EUA.

Durante a revolução francesa, o poder constituinte estabeleceu uma nova pauta: a questão do trabalho entrou em cena e determinou as lutas no século seguinte. O direito jamais seria o mesmo, pois as lutas da revolução francesa abriram uma nova seara: os direitos sociais. Dali em diante, o poder constituinte inseriu a questão social na agenda política. Por último, a revolução russa abriu uma nova era, a dos direitos econômicos, ou, mais precisamente, o direito de os trabalhadores exercerem poder econômico e organizarem autonomamente a produção. A questão social, posta na agenda política pela revolução francesa, passou a ser acompanhada da questão econômica. Uma questão (social) e a outra (econômica), como se sabe, determinaram os rumos da construção do estado de bem-estar social ao longo do século XX.

Sujeito constituinte

A noção de sujeito constituinte, por sua vez, se encontra intimamente vinculada à de poder constituinte. Não há exercício do poder sem um sujeito que o exerça. As teorias da soberania do monarca, da soberania nacional e da soberania popular já demonstravam esse vínculo entre o poder e o sujeito. Na obra de Antonio Negri, tal questão é central e se constituiu em tema de suas investigações desde a década de 1970. A tese de que a luta contra o capital envolve não apenas condições objetivas, mas, sobretudo, condições subjetivas, ou seja, a formação de uma subjetividade coletiva através da luta contra o domínio capitalista, determinou os rumos da investigação

negriana sobre o operário social, sobre a multidão e sobre o trabalho imaterial.

Mas, afinal, o que se entende por sujeito? Em termos spinozanos, todo sujeito é fruto de um grau determinado de atividade e de uma potência de resistência às forças externas tendentes a destruir tal potência. O sujeito, portanto, é causa adequada de certos efeitos que produz e adota estratégias de aliança com outras potências convenientes à sua própria, a fim de ampliar sua potência e resistir às forças externas.

O problema a investigar, portanto, é o seguinte: dadas as condições de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo e dadas as lutas pela conquista e afirmação de direitos e contra a exploração, como pensar o sujeito constituinte no mundo contemporâneo? A noção de multidão, segundo Negri, consiste no eixo em torno do qual essa pergunta encontra respostas adequadas.

IHU On-Line - O que é metrópole e como essa ideia reorganiza os conceitos de poder constituinte e sujeito constituinte?

Francisco de Guimaraens - Na medida em que a proposta desta entrevista é debater as contribuições ao pensamento de Negri e de Spinoza, buscarei me ater ao que Antonio Negri e Michael Hardt⁶ entendem por metrópole. Na última obra da trilogia, *Commonwealth* (USA: First Harvard University Press paperback, 2011), Negri e Hardt enfrentam a questão da metrópole, cujas características são ambivalentes.

De um lado, a metrópole é o meio no qual a multidão age e resiste e se constitui em um espaço de produção do comum. A metrópole é também o espaço no qual a multi-

6 **Michael Hardt** (1960): teórico literário americano e filósofo político radicado na Universidade de Duke. Com Antonio Negri escreveu os livros internacionalmente famosos *Império* (5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003) e *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005). (Nota da IHU On-Line)

dão produz e está para a multidão assim como a fábrica estava para a classe operária. Por essa razão, além da produção, a metrópole é o espaço dos encontros necessários à formação e à organização da própria multidão e também consiste em meio no qual o antagonismo de classe se determina.

Por encontro, Negri e Hardt entendem não encontros planejados e controlados, mas sim encontros imprevistos nos quais as diferenças podem se reconhecer, conviver, formar uma potência comum e se organizar. Os encontros tipicamente metropolitanos são multitudinários, são banhos de multidão, expressão de Baudelaire⁷ mencionada por Negri e Hardt. É nesse ambiente que surgem as condições propícias de cooperação e de comunicação da multidão e, por consequência, de sua organização. Tais encontros propiciam a alegria, pois ampliam a potência daqueles que deles participam. Trata-se de uma alegria muito singular, pois não é uma alegria egoica, fundada na uniformidade, mas uma alegria estruturada em torno das diferenças e em busca da instituição do comum.

A metrópole, portanto, representa a forma territorial e institucional da produção no mundo contemporâneo. Por essa razão, o debate sobre o poder constituinte e sobre o sujeito constituinte deve levar em consideração a noção de metrópole, pois os movimentos constituintes dizem respeito à produção, não apenas ao direito, como vimos anteriormente. O sujeito constituinte se forma e se organiza na metrópole, espaço de produção contemporâneo por excelência. A cooperação, a comunicação e a produção constituem atividades

⁷ Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da **IHU On-Line**)

necessárias à organização do sujeito e ao exercício do poder constituinte. Por essa razão, falar de poder constituinte e do sujeito que o exerce requer falar da metrópole.

Metrópole, exploração e controle

Mas a metrópole também é o espaço da exploração. Se, na fábrica, a exploração se dava através do lucro, na metrópole, ela assumiu a forma da renda. Na metrópole as estruturas do capital buscam, incessantemente, tornar os indivíduos rentáveis para que a exploração se potencialize. Há controle na metrópole, controle de fluxos populacionais mediante, por exemplo, políticas de gentrificação. Há controle dos desejos, pois a metrópole também é o espaço do consumo, e controle dos encontros, pois nas metrópoles multiplicam-se os espaços de convivência da uniformidade. O que seriam os condomínios e os shopping centers senão formas de controle dos encontros?

Nas metrópoles estão presentes a violência policial, a hierarquia social, o medo, a tristeza. Nelas há expropriação do tempo do trabalhador, que é submetido a torturantes engarrafamentos, a filas para pagar contas, para comer e até para consumir. Há expropriação do espaço, na medida em que a especulação imobiliária e a indústria da construção civil tomam para si espaços comuns e os transformam em espaços privados ou tomam para si imóveis precariamente ocupados por longo tempo por populações pobres para construir condomínios de luxo.

Em suma, a metrópole é tanto o espaço da atividade constituinte e da organização da multidão quanto o local em que o poder constituído se exerce. Neste sentido, a metrópole consiste no espaço do conflito, das lutas e do antagonismo entre o poder constituinte e o poder constituído. A forma assumida pela metrópole pode propiciar melhores condições de organização constituinte ou de exploração pelo poder constituído, pelo capital. Por con-

seqüência, o debate sobre a metrópole e sobre a sua configuração se tornou um ponto de grande relevância para pensar o poder constituinte e o sujeito que o exerce.

IHU On-Line - Como os conceitos trazidos por Spinoza se convertem em categorias válidas para pensarmos as sociedades no século XXI?

Francisco de Guimaraens - Antes de mais nada, gostaria de dizer que todos os grandes pensadores têm algo a falar para nós, seres do século XXI. Spinoza é um deles. Filósofos como Spinoza, acima de tudo, ensinam a pensar, a emendar o intelecto, a produzir conceitos. Além disso, o sistema conceitual de Spinoza possui elementos que estavam à frente de seu tempo. Autores de grande relevância para o pensamento contemporâneo como Marx, Nietzsche⁸,

⁸ Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** – Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da **Revista IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

Freud⁹, Einstein¹⁰, Deleuze¹¹ reconhecem em Spinoza uma referência teórica de seus sistemas de pensamento.

Há muitos conceitos spinozanos úteis para a reflexão sobre os problemas do século XXI, mas eu gostaria de ressaltar três aspectos de sua filosofia: a ontologia spinozana, sua análise sobre os afetos e sua concepção sobre o direito.

Muito se discute sobre a nova virada ontológica e pouco se menciona acerca da ontologia de Spinoza. Trata-se de ontologia fundada em

9 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Albert Einstein** (1879-1955): físico alemão naturalizado americano. Premiada com o Nobel de Física em 1921, é famoso por ser autor das teorias especial e geral da relatividade e por suas ideias sobre a natureza corpuscular da luz. É, provavelmente, o físico mais conhecido do século XX. Sobre ele, confira a edição nº 135 da Revista **IHU On-Line**, sob o título *Einstein. 100 anos depois do Annus Mirabilis*, disponível em <http://bit.ly/ihuon130> e a edição 141, de 16-05-2005, chamada *Terra habitável: um desafio para a humanidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon141>. A Unisinos produziu, a pedido do **IHU**, um vídeo de 15 minutos em função do *Simpósio Terra Habitável*, ocorrido de 16 a 19-05-2005, em homenagem ao cientista alemão, do qual o professor Carlos Alberto dos Santos participou, concedendo uma entrevista. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outras. (Nota da **IHU On-Line**)

uma concepção radical de imanência, uma imanência absoluta. Nada existe na natureza que autorize estabelecer hierarquia entre as coisas nela existentes. Tudo o que existe na natureza, para Spinoza, exprime, de um certo modo singular, a potência da própria natureza. A ontologia spinozana recusa a existência de fundamento ontológico da noção de ordem, pois a considera uma imagem formada pelo hábito. Se não há ordem, não existem condições de determinar escalas de civilização, de estabelecer o que é primitivo e o que não é.

Spinoza também considera que as coisas se afirmam positivamente, que suas potências exprimem tudo o que podem e que cada potência é singular. Por consequência, nenhuma coisa envolve uma privação. Não se pode, por exemplo, dizer que o verde falta ao vermelho ou a visão ao cego. Dizer que a visão falta ao cego é o mesmo que dizer que ela falta à pedra, dizia Spinoza. Assim, as sociedades se organizam e exprimem sua própria potência singular. A elas não falta nada em termos ontológicos.

Pierre Clastres foi um pensador fundamental para a defesa dessa tese e, em certa medida, foi spinozano ao afirmar que as sociedades ameríndias não podiam ser definidas como sociedades sem Estado, ou seja, sociedades às quais faltava o Estado, que não conheciam o Estado. Para Clastres, essas sociedades conheciam perfeitamente o Estado, mas resistiam à sua formação. Daí que Clastres não as considerava sem Estado, mas sim contra o Estado. Ainda que Spinoza não tenha influenciado Clastres, eis uma proposta de compreensão das culturas ameríndias de corte spinozano. Essa proposta não busca pensar as sociedades ameríndias a partir do que lhes falta, mas sim a partir de sua própria potência singular mobilizada pelo esforço em resistir à criação do Estado.

Outra contribuição importante envolve a concepção de Spinoza sobre os afetos e sua relação com a razão. Spinoza não propõe o controle dos afetos pela razão. Para Spinoza,

existem certos afetos que estimulam a razão. A experiência racional é simultânea a um certo tipo de experiência afetiva. Os afetos de alegria, para Spinoza, reforçam a potência de pensar e, portanto, são condições para a experiência da razão. A filosofia de Spinoza não exclui os afetos, na medida em que os considera efeitos necessários da própria experiência cognitiva. Toda ideia que nos afeta produz em nós um afeto determinado. Conhecer é afetar-se. Não existe, portanto, conhecimento sem afeto.

No campo do direito, Spinoza abre caminho para uma outra percepção do fenômeno jurídico, pois não pensa o direito e legitimação do poder a partir da figura do contrato. Sua concepção de direito envolve a noção de potência da multidão, cuja instituição demanda um processo contínuo de tessitura de relações entre as potências singulares. Não há um momento de decisão ou de acordo racional responsável pela fundação do direito e do poder, mas um movimento incessante de formação de relações entre as potências singulares em busca da constituição de uma potência comum. Por essa razão, Spinoza reconhece a causa dos direitos no auxílio mútuo; eles dependem de um esforço comum voltado para sua instituição, conservação e defesa. Mesmo os direitos dos indivíduos dependem de um processo de formação de uma potência coletiva que os institua, os conserve e os defenda de violações.

Spinoza recusa a lógica individualista e competitiva, que marca as teorias contratualistas, e aposta em uma concepção de direito orientada pela noção de socialização e de cooperação. Os direitos são, neste sentido, modos de fazer e viver socializados, instituídos e conservados por uma determinada sociedade e é necessário um esforço comum, uma constante cooperação, a fim de afirmar tais modos de fazer e viver.

IHU On-Line - Qual a leitura que Negri faz de Spinoza?

Francisco de Guimaraens - Sem dúvida, uma leitura criativa e original. Negri enxerga dois Spinozas: de

um lado, o representante da mais alta cultura do renascimento e do humanismo e, do outro, o filósofo do porvir. O primeiro Spinoza ainda é o filósofo da era clássica, um filósofo que estruturou um sistema extremamente sofisticado e original, mas que não rompeu definitivamente com a filosofia de seu tempo. Esse Spinoza estaria presente nas partes I, II e V da *Ética*. Já o segundo Spinoza, que construiu uma filosofia do porvir e a registrou nas partes III e IV da *Ética*, no *Tratado Teológico-Político* e no *Tratado Político*, rompeu com a filosofia de seu tempo, despiu-se de todo idealismo e elaborou um pensamento genuinamente materialista e uma filosofia política radicalmente democrática.

Essa interpretação negriana, muito questionada nos circuitos de intérpretes do pensamento de Spinoza, se encaixa perfeitamente em sua análise da filosofia política spinozana, que é, para Negri, marcada pelo antagonismo entre potência e poder. Ou seja, no primeiro Spinoza existem resíduos das estruturas constituídas de poder e de pensamento, ainda que esse primeiro Spinoza já tenha ensaiado críticas contundentes ao pensamento de seu tempo. O segundo Spinoza simboliza uma anomalia filosófica. É responsável por uma radical reorientação do pensamento e por um sistema filosófico fundado na resistência ao poder e que inspirou experiências constituintes futuras.

Para além das querelas hermenêuticas spinozistas, o que me parece importante na obra de Negri sobre Spinoza são dois aspectos. O primeiro é o reconhecimento de que a filosofia de Spinoza diz respeito à resistência, à liberdade e à democracia, que se traduzem não em um fim a alcançar, mas se experimentam pelo processo de instituição permanente de direitos e impõem a necessidade de formação de uma potência comum para o exercício dos direitos. A liberdade e a democracia não são utopias nem promessas, são atual e materialmente constituídas. Não se trata de obras da vontade ou de uma decisão, pois são experiências vivenciadas em um processo de or-

ganização dos desejos e de afirmação de uma potência comum.

O segundo aspecto relevante é a releitura que Negri faz da modernidade através de Spinoza. Com Spinoza, Negri demonstra que a modernidade não foi homogênea, foi um espaço temporal de conflitos entre projetos políticos, epistemológicos, ontológicos e éticos. Nesse conflito, os mais modernos dentre os modernos, aqueles que propuseram levar a modernidade às últimas consequências, foram abandonados, esquecidos. Seus projetos não se realizaram. Negri retoma as alternativas não realizadas da modernidade e muitas delas remetem à filosofia de Spinoza. Em suma, não é necessário ser pós-moderno para criticar a modernidade. Muitos modernos já o fizeram e, como é o caso de Spinoza, deixaram um legado inestimável ao pensamento contemporâneo.

IHU On-Line - Como podemos pensar as categorias de democracia e Estado tendo em perspectiva o conceito de multidão em Spinoza?

Francisco de Guimaraens - Essa pergunta dá uma tese de doutorado. Vou tentar sintetizar. A multidão é o sujeito político e sua potência determina o que Spinoza chama de "direito da cidade", que corresponde ao poder e às prerrogativas do Estado. Não é o Estado, portanto, que dá forma à multidão, como em Hobbes, e constitui um povo. É a multidão que constitui o Estado. O direito e o poder do Estado têm seu fundamento real e efetivo na potência da multidão. Há, portanto, na origem do Estado o princípio democrático e o desejo da multidão de se governar. Não que a multidão não possa se deixar levar pelo medo e transferir excessivamente poderes para um ou alguns indivíduos ou grupos. Isso não só é possível como é habitual, reconhece Spinoza. O regime mais raro é a democracia, a experiência ensina.

O processo de afirmação da democracia requer o reconhecimento do conflito, seja ele social, político, econômico, de gênero, racial ou de qualquer outra ordem. Spinoza, ao

tratar do fim das aristocracias, sinaliza que sua causa é o desejo da multidão de reivindicar para si as prerrogativas dos aristocratas. A multidão e o conflito são causas, portanto, do processo democrático que, para Spinoza, consiste na única forma de o Estado reforçar seu próprio poder. Se o poder do Estado é determinado pela potência da multidão e se a democracia se constitui no processo de ampliação da potência da multidão e de seus direitos, a única forma de o Estado alcançar autonomia é abrir-se ao processo democrático e à instituição de direitos.

Quanto mais houver bloqueio e neutralização da experiência democrática, mais o Estado estará sujeito a conspirações, externas e internas. Portanto, quanto mais distante do processo democrático, mais instável é o poder do Estado. Sem uma multidão potente, autônoma e livre, o Estado é fraco, colonizado e servo.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Francisco de Guimaraens - Gostaria de dizer que o momento político e social do país é muito preocupante do ponto de vista do exercício do poder constituinte. Considerando os diversos tipos de discurso de ódio e de intolerância difundidos no Brasil, as frequentes exceções judiciais quanto à aplicação das garantias penais, a maré montante punitivista que atinge a sociedade brasileira e se exprime legislativamente, como no caso da lei contra o terrorismo, e o julgamento de exceção sobre um crime de responsabilidade inexistente. Julgamento esse conduzido por um parlamentar que, além de desconsiderar normas constitucionais reguladoras do procedimento de reforma constitucional por duas vezes em 2015, é réu em processo criminal em trâmite no STF. Nesse cenário as condições de exercício do poder constituinte e de ampliação e aprofundamento dos direitos conquistados desde a promulgação da Constituição de 1988 estão sob evidente ameaça daquilo que há de pior dentre todas as formas constituídas de poder na sociedade brasileira. ■

#Crítica Internacional - Curso de RI da Unisinos

A dimensão estratégica internacional do “golpe” branco sendo aplicado no Brasil

Por Bruno Lima Rocha

“As operações de tipo ‘corações e mentes’, a exemplo da ‘greve dos caminhoneiros’ de 2015, culminando com o primeiro dos atos massivos convocados pela nova direita ideológica - mobilizada por lideranças treinadas pelos canais de financiamento da Fundação Koch e da Atlas e retroalimentadas pelos grandes grupos de mídia -, pareciam cumprir um roteiro pré-traçado, como o desabastecimento que ocorre na Venezuela ou mesmo a sabotagem econômica sofrida por Salvador Allende a partir do final de 1971”, escreve Bruno Lima Rocha.

Bruno Lima Rocha tem doutorado e mestrado em Ciência Política pela UFRGS e graduação em Jornalismo pela UFRJ. Atua como docente de Ciência Política e Relações Internacionais e também como analista de conjuntura nacional e internacional. É editor do portal Estratégia & Análise, onde concentra o conjunto de sua produção midiática, analítica e acadêmica.

Eis o artigo.

Ao contrário dos argumentos baseados no senso comum, o processo brasileiro de impeachment da presidente Dilma Rousseff, e sua caracterização como um golpe institucional, não formam um fenômeno político essencialmente nacional ou doméstico. Como todas as mudanças de regime ou desestabilizações regionais na América Latina, há uma presença constante, direta ou indireta, de forças oficiais ou oficiosas dos Estados Unidos da América. O senso de humor político aplicado para os momentos mais trágicos nos faz lembrar que: “o risco de golpe de Estado é menor em território soberano dos Estados Unidos porque lá não tem embaixada dos EUA!”.

Para além das teorias conspiratórias, há evidências de sobra e suporte teórico e empírico para auxiliar nesta interpretação da existência de forças externas na atuação da nova direita em solo brasileiro e, consequentemente, para operar no acionar do impeachment ou golpe em andamento. Mesmo que, supostamente, não houvesse sequer a evidência já comprovada de financiamentos da Fundação dos Irmãos Koch - conhecido como o “maior partido político semissecreto do mundo” - e de entidades afins, como a Rede Atlas e sua “escola de líderes”, já teríamos abundante material de estudos estratégicos demonstrando o interesse e projeção de poder vindos dos EUA para atuar sobre e dentro do Brasil. Há evidência e quem tiver curiosidade em saber quais são as instituições “parceiras” da

Rede Atlas no Brasil, acesse esta página disponível no link <http://bit.ly/1W3ChfA>.

Existem termos e conceitos-operacionais concomitantes para definir uma atitude hostil de um Estado, ou ao menos de um Estado-maior conspirativo, para com outra soberania na forma de um país independente. As guerras convencionais no Continente são cada vez mais raras, ainda que remanentes. Tivemos o conflito entre Peru e Equador em 1995 e em 1982 a Guerra das Malvinas com a prova cabal que nenhuma força reacionária é anti-imperialista. A vergonhosa rendição da ditadura argentina e o envio de recrutas contra forças profissionais britânicas demonstra a impossibilidade estratégica de confrontar as potências imperiais sem um câmbio profundo de mentalidade. Para a América Latina, o nível de conflito indireto é convencional, sendo sim, a guerra regular, uma exceção.

Desestabilização do país e conceitos de guerra não convencional

O que passa no Brasil desde outubro de 2014, antes denominado de “venezuelização”, corre neste sentido. Nosso país teve um segundo turno quase plebiscitário sendo que, definitivamente, a continuidade do governo Dilma Rousseff foi o oposto do prometido no palanque. Este fator já deu razões suficientes para retirar parte considerável de sua legitimidade fren-



Estrategicamente o Brasil é uma potência média, cuja camada superior é colonizada intelectualmente e não tem vocação de poder no Sistema Internacional.

te ao próprio eleitorado. Mas, as operações de tipo “corações e mentes”, a exemplo da “greve dos caminhoneiros” de 2015, culminando com o primeiro dos atos massivos convocados pela nova direita ideológica - mobilizada por lideranças treinadas pelos canais de financiamento da Fundação Koch e da Atlas e retroalimentadas pelos grandes grupos de mídia -, pareciam cumprir um roteiro pré-traçado, a exemplo do desabastecimento que ocorre na Venezuela após a eleição de Maduro ou mesmo a ação de sabotagem econômica sofrida por Salvador Allende a partir do final de 1971.

Tais operações, em baixa escala de violência, refletem literalmente o Manual de Forças Especiais, obedecendo à proposta de política externa do governo de Barack Hussein Obama, com ênfase para o período de Hillary Clinton à frente do Departamento de Estado. O termo hoje empregado, Guerra Não-Convencional (UW na sigla em inglês), obedece à tradição pós Segunda Guerra, como guerra irregular (IW), contra insurrecional, assim como a terminologia mais contemporânea, de Guerra de 4ª Geração ou Guerra Híbrida. Em alguma medida, todos estes conceitos-operacionais - portanto, validados quando postos em prova, sendo que a empiria se dá em sociedades concretas - estão sendo aplicados no Brasil neste momento.

Como diz a teoria e nosso maior especialista civil, o jornalista Pepe Escobar, a Guerra Híbrida começa com uma revolução colorida, com um preparo no psicológico massivo (PsyOp, no termo em inglês), aproveitando as justas demandas da esquerda e extrema-esquerda ocorridas entre março e junho de 2013. O trabalho invisível através da nova direita, somada com as redes neopentecostais associadas com viúvas da ditadura (como na aliança entre Marco Feliciano, o pastor Everaldo e a família Bolsonaro) deixaram o tecido social intermediário se contaminar com antipetismo como sinônimo de, pasmem, antissocialismo. A Operação Lava Jato, cuja obtenção de bases documentais ainda não

está totalmente justificada, aponta para formas de “colaboração entre agências amigas”, se não na forma vertical (acordos formais), ao menos de forma horizontal (como demonstrado pelo wikileaks).

Golpear o Brasil é uma necessidade estratégica do Império

Estrategicamente o Brasil é uma potência média, cuja camada superior é colonizada intelectualmente e não tem vocação de poder no Sistema Internacional. Assim, prefere ajudar a sabotar possibilidades de projeção do país através dos arranjos dos BRICS, jogando um papel soberano e independente na nova disputa de tipo Segunda Guerra Fria. A defesa do Pré-Sal, a detenção de tecnologia sensível através de desenvolvimento científico brasileiro - e arranjo empresa-Estado típicas do intento de gerar excedentes de poder, são o alvo permanente do acionar oficial e oficioso do Departamento de Estado e do Comando Sul dos EUA para nosso país.

Independente da posição política doméstica, qualquer analista internacional vai afirmar o mesmo descrito acima. Um país como o Brasil é líder “natural” do Continente e com projeção para o Atlântico Sul. Desestabilizar um rival em potencial é a regra para manutenção da hegemonia dos EUA na América Latina e, por tabela, diminuir a capacidade de articulação de China, Rússia e Índia. No que diz respeito a potenciais transformações estruturais brasileiras, seu efeito seria catalisador em nosso Continente, o que por obviedade contraria os interesses permanentes dos Estados Unidos. Assim, se “aonde for o Brasil irá a América Latina”, se nosso país ficar no mesmo lugar ou entrar em ciclo regressivo, amplia a influência da potência hegemônica em toda a região. Logo, o inverso também é verdadeiro, opondo estrategicamente os objetivos de longo prazo da maioria brasileira diante das projeções do Império sobre nós mesmos.

Expediente

Coordenador do curso: Prof. MS. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

PUBLICAÇÕES

O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?

Cadernos IHU ideias, em sua 238ª edição, publica o artigo de Leandro Inácio Walter, mestre em Psicologia Social e Institucional, especialista em Ética e Educação em Direitos Humanos, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Nesta reflexão, o autor busca estabelecer a associação entre a realidade já existente em nos frigoríficos do país e o recente fenômeno da mobilidade humana, cujos migrantes oriundos de além-mar ou do próprio continente sul-americano chegam no intuito de buscar melhor sorte em terras brasileiras. Nesta perspectiva, lança-se sobre trabalhos já realizados acerca de frigoríficos, um panorama sobre a fiscalização no campo do trabalho por órgãos oficiais, dos processos sociais e subjetivos envolvidos no trabalho em frigoríficos, bem como considerações

sobre audiências públicas, entrevistas com sindicalistas da Federação dos Trabalhadores da Alimentação do Rio Grande do Sul, membros do Comitê Estadual de Migração e coordenação da organização da sociedade civil CIBAI-Migrações.

O artigo completo em PDF está disponível em <http://bit.ly/1p4Tatn>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213.



ERRATA - Na edição 482 da revista IHU On-Line, de 04-04-2016, a chamada da entrevista com Fábio Mascaro Querido foi publicada erroneamente na capa. A entrevista consta nesta edição, número 483 da IHU On-Line, de 18-04-2016.

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

Todas as possibilidades de gênero. Novas identidades, contradições e desafios

Edição 463 - Ano XV - 20.04.2015

Disponível em <http://bit.ly/1r9SHld>

O complexo debate em torno das questões de gênero traz os contornos típicos das sociedades do século XXI, repleto de nuances, novas identidades e, também, contradições. A multiplicidade de gêneros e as biopolíticas de administração da vida humana, trazendo à luz a pluralidade de nossas sociedades é o tema em debate na edição deste número da revista IHU On-Line.



Os novos arranjos familiares brasileiros

Edição 406 - Ano XII - 29.10.2012

Disponível em <http://bit.ly/1SzOinG>

Novos arranjos e modalidades familiares se configuram no Brasil na contemporaneidade. Os traços característicos desses novos arranjos podem ser descritos a partir do Censo 2010. Demógrafos e outros especialistas analisam esta nova realidade da família na edição 406 da revista IHU On-Line. Contribuem para o debate Ana Amélia Camarano, Bárbara Cobo e Gilson Gonçalves de Matos, Esther Hamburger, Sócrates Nolasco, Thierry Linard de Guertechin, José Eustáquio Diniz Alves e Suzana Cavenaghi e José Luis Petrucelli.



A família em desordem

Edição 58 - Ano III - 05.05.2003

Disponível em <http://bit.ly/1SzPQ0Q>

A edição 58 da revista IHU On-Line foi inspirada no livro *A Família em Desordem* (Rio de Janeiro: Zahar, 2003), lançado em setembro de 2002 pela psicanalista Elisabeth Roudinesco e publicado no Brasil em 2003. Na obra a autora analisa a origem dos problemas familiares e o futuro dessa instituição. Duas resenhas do livro e uma entrevista com a professora doutora Valbúrga S. Streck, que leu e estudou a obra, contribuíram para a IHU On-Line levantar questões e discutir diversos aspectos sobre a família. O número também trouxe o debate de outros temas como a conjuntura política e o contexto econômico do país naquele momento.



Uma edição especial da IHU On-Line intitular-se o Livro da Semana, onde apresentamos, resenhamos e debatemos um livro de destaque. O ano desta semana é o inspirador do tema de capa deste boletim.
Elisabeth Roudinesco, historiadora francesa, que atua na École pratique des hautes études (19e section), em Paris, é autora, entre outros livros, do conhecido e polêmico livro intitulado Jacques Lacan. *Esquema d'une vie, histoire d'un système de pensée*. Paris: Fayard, 1993. O livro foi publicado em várias línguas e acaba de ser publicado no Brasil. Duas resenhas do livro, uma entrevista com a autora, Dra. Valbúrga S. Streck, que leu e estudou o livro e nosso debate, a quem agradecemos, ajudam a levantar questões e a debater a instituição família, hoje. Tema que recebe um aporte

Eventos

IV Colóquio Internacional IHU. Políticas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica

13 e 14 de setembro de 2016 - Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Mais informações: ihu.unisinos.br | 51- 3590-8247

13 de setembro (terça-feira)

9h15min - Compreendendo a financeirização: conceito(s), origens, impactos e (im)possibilidades

Prof. Dr. Yann Moulier Boutang - Universidade de Tecnologia de Compiègne - UTC

14h - Financeirização e suas estruturas: a transição ecológica para uma sociedade dos comuns?

Prof. Dr. Gaël Giraud - Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS

14 de setembro (quarta-feira)

14h - Políticas Públicas, Financeirização e a aposta municipalista: experiências internacionais e a comparação com o cenário brasileiro

Bernardo Gutiérrez - Global Revolution Research Network - Universitat Oberta de Catalunya (UOC)

A programação completa está disponível no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e também através do link <http://bit.ly/1SV4Fv>

O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global?

A 238ª edição dos Cadernos IHU ideias traz um texto de Leandro Inácio Walter sobre mobilidade humana, saúde e segurança dos trabalhadores e trabalhadoras em frigoríficos. O autor utiliza-se do termo escravidão para elencar limites da exploração no trabalho e suas repercussões na atualidade. Walter se debruça em pesquisas tematizando as realidades dos frigoríficos. Assim, traça “um panorama sobre a fiscalização no campo do trabalho por órgãos oficiais, dos processos sociais e subjetivos envolvidos no trabalho em frigoríficos”. Acesse o caderno em <http://bit.ly/1SGAheA>.



Mesa-redonda - A questão ambiental no Vale do Rio dos Sinos

Participantes

Prof. MS Jackson Müller - UNISINOS

Prof. Dr. Uwe Schulz - UNISINOS

Data: 25-04-2016

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU



ihu.unisinos.br



bit.ly/iहुon



twitter.com/_ihu



youtube.com/iहुcomunica



medium.com/@_ihu